FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.878 — SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 2022 — R$ 5,00

ENTREVISTA DA 2ª
Gina Abercrombie-Winstanley

Americana se espanta ao ver maioria de brancos em SP

À frente do cargo de Chefe de Diversidade e Inclusão do Departamento de Estado do governo Biden, a diplomata diz que os EUA não têm como dar lições ao mundo na área. Em visita a São Paulo, estranhou a falta de diversidade racial. "A maioria dos que vi era branca. Sabendo ser a população perto do 50%-50% [negros e brancos], pensava: 'Cadê todo o resto?'" A9

Juízes hesitam sobre home office e audiências online

Poder A5

Ômicron é menos grave por poupar pulmões, diz estudo

Uma série de estudos com animais de laboratório e tecidos humanos indica que a variante causa sintomas mais leves que versões anteriores do coronavírus porque sua ação se limita às vias aéreas superiores (nariz, garganta e traqueia).

Nos testes realizados com roedores, a ômicron provocou infecções menos lesivas. Verificaram-se menos danos nos pulmões do que os gerados por cepas anteriores, cuja ação ocasionava cicatrizes e dificuldade respiratória grave. Saúde B4

A pandemia em 2.jan

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	77,8 %
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	67,2 %
Dose de reforço	12,4 %

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 98 ↓ -23,4%*

Em 24 h: 32

Total: 619.171

*Variação em relação a 14 dias

Painel S.A.

Testes positivos de Covid em farmácias vão de 7% para 20% durante fim de ano

Mercado A11

Tarifa e prejuízos do transporte criam impasse eleitoral

Déficit do setor supera R$ 21 bilhões, e municípios temem onda de protestos com aumento da passagem em 2022

O prejuízo bilionário no transporte público com a pandemia e a chegada da época do reajuste de tarifas tornam-se desafio para governantes em ano eleitoral.

O rombo acumulado no setor de transporte urbano durante a crise sanitária chega a R$ 21 bilhões. Prefeitos estão temerosos e têm feito apelos ao presidente Jair Bolsonaro (PL) por um socorro ao setor.

Apesar de o governo federal ter vetado projeto que dava ajuda de R$ 4 bilhões para municípios com mais de 200 mil habitantes, prefeituras ainda apostam na possibilidade de a União bancar as gratuidades para idosos acima de 65 anos.

São Paulo já anunciou que vai esperar a ajuda federal para definir a questão. Cidades do seu entorno aumentaram o valor da passagem.

Embora não seja ano de eleição municipal, o potencial desgaste de reajustes deve afetar toda a classe política. Fechamento de empresas, interrupções de serviços e greves de trabalhadores podem agravar a situação.

Em março de 2020, as viagens de passageiros de ônibus caíram 80%. No último outubro, o sistema não havia se recuperado, com queda de 37,7%. Cotidiano B1

Karime Xavier/Folhapress

ISLAMISMO GANHA NOVOS ADEPTOS E CENTROS RELIGIOSOS NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO

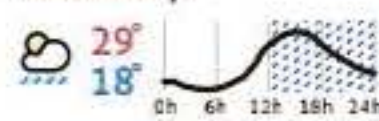
Edmar Cândido da Silva está à frente de um novo centro muçulmano no Tatuapé, na zona leste da capital. Morador de Artur Alvim, ele é um dos que, sem terem ligação com a comunidade árabe, abraçaram o islamismo na periferia paulistana. Em 2010, 35 mil brasileiros se declararam adeptos dessa religião, segundo Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Seguidores do islã relatam que enfrentam pressão na família e também a desconfiança e o preconceito dos vizinhos. Cotidiano B2

EUA fazem caça a elos de acadêmicos com chineses

Mundo A7

ATMOSFERA

São Paulo hoje

Amanhã	Quarta	Quinta
19° 30°	20° 29°	20° 26°

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

9 771414 572025 33878

Futebol em 2022 terá streaming e TV fragmentada

Em 2022, o espectador de futebol verá torneios por vários canais e streamings. Mundial de Clubes será trunfo da Globo. Esporte B5

EDITORIAIS A2

'Sem motivo'

Sobre desaparecimentos ligados a ações policiais.

Mercado aberto

A respeito de evolução do open banking no Brasil.

Ilustrada B6

Velha infância

Em 'A História de Shuggie Bain', Douglas Stuart narra, à la Dickens, agruras sobre crescer gay e pobre na Escócia dos anos 1980.

folhainvest A10

Alta global de juros traz desafios ao investidor brasileiro neste ano

ARTIGO

Nelson Marconi

É preciso coragem para mudar o modelo econômico

A economia brasileira está comendo poeira há muito tempo. Em 1980, nosso PIB per capita era 15 vezes maior que o chinês e 1,6 vez superior ao sul-coreano; em 2020, equivalia, respectivamente, a apenas 79% e 26% do observado nesses países. É possível reverter esse cenário. Mercado A11

Nelson Marconi é professor da FGV-Eaesp, foi coordenador do programa de governo de Ciro Gomes em 2018

Ciro Gomes

Ilustração Luciano Veronezi

Grupos ajustam foco para eleger seus candidatos

Movimentos engajados no mapeamento político e no impulsionamento de campanhas alteraram a meta para atuar em 2022. Grupos paralelos a partidos passaram a apostar em candidaturas com pautas mais definidas. Poder A4

Campos Neto faz 6ª carta sobre inflação fora da meta

Mercado A12

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*) e Marcelo Benez (*comercial*)

Galvão Bertazzi

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

'Sem motivo'

Apagão de dados sobre desaparecidos encobre, tudo indica, casos de intervenção policial

Sob Jair Bolsonaro, o Ministério da Justiça ignorou no Plano Nacional de Segurança Pública e Defesa Social, válido até 2030, os desaparecimentos de pessoas em abordagens policiais. Vale dizer, o governo deixou de fazer qualquer exigência de produção de dados a esse respeito.

Não se trata, no entanto, de uma questão menor. Segundo dados dos ministérios públicos dos estados, 82 mil pessoas estão desaparecidas no país. Oficialmente, apenas 16 casos (0,02% do total) ocorreram em razão de prisões e apreensões por agentes públicos.

Há indícios, no entanto, de que a prática seja muito mais recorrente —e tornada invisível. Nos registros oficiais, nada menos que 86% dos episódios são classificados como "sem motivo aparente".

Cabe à pasta da Justiça, segundo uma legislação de 2019, coordenar a estruturação de um cadastro nacional de pessoas desaparecidas, o que ainda foi não realizado.

O sumiço de pessoas é um dos "problemas humanitários invisíveis", disse à **Folha** em 2018 o então diretor do Comitê Internacional da Cruz Vermelha na América Latina, Stephan Sakalian.

Em estudo publicado em julho deste ano, "Ainda? Essa é a Palavra que Mais Dói", a Cruz Vermelha detalha os severos impactos econômicos, sociais e mentais de desaparecimentos para as famílias.

Segundo o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 62,9 mil pessoas desapareceram em 2020, ano em que 6.416 foram mortas em decorrência de intervenções policiais —o triplo do registrado sete anos antes.

Diante de tal cenário, este jornal questionou os governos dos dez estados com mais mortos pela polícia sobre informações referentes a desaparecimentos associados a operações de segurança pública.

A conclusão inevitável é que o problema é largamente ignorado. Goiás, Paraná, Sergipe, Rio Grande do Norte e Ceará nem sequer responderam às perguntas. Rio, Bahia, São Paulo, Pará e Rio Grande do Sul relataram não ter os dados pormenorizados.

Reverter o cenário tenebroso requer coordenação nas três esferas de governo. Passa, necessariamente, por incluir a exigência de produção de dados pelo plano nacional. Demanda, ademais, que as forças estaduais invistam na investigação de casos e prestem contas de maneira transparente.

Por fim, cabe aos municípios, por meio de serviços de assistência social, desempenhar a tarefa de auxílio às famílias na procura de desaparecidos. Estas merecem, ao menos, a dignidade de não serem invisíveis ao poder público.

Mercado aberto

Avanço do open banking favorece a competição em um mercado financeiro ainda muito concentrado

Está em curso uma importante mudança no mercado financeiro nacional, com potencial para expandir a concorrência e a inovação em benefício do consumidor.

Em 15 de dezembro teve início a quarta etapa de implantação do chamado open banking, iniciativa capitaneada pelo Banco Central para ampliar a oferta de serviços a partir do compartilhamento de dados financeiros de clientes, sob sua autorização e controle.

A nova fase estende o programa a outros serviços, como seguros, câmbio, previdência e investimentos, com a denominação mais abrangente de open finance.

A essência da medida é que os clientes, pessoas físicas e jurídicas, poderão usar suas informações financeiras —e cada vez mais outras que se mostrem relevantes— para obterem melhores ofertas.

O uso desses dados, que antes na prática era restrito ao banco de relacionamento, reduz deficiências que limitam a concessão de crédito e encarecem serviços que dependem de boa análise de risco.

Uma empresa de tecnologia aplicada a finanças poderá conhecer o histórico e avaliar mais facilmente quem é bom pagador, o que deve levar a menores taxas. Poderá também oferecer seguros e investimentos de modo mais direcionado. Deixa de ser necessário um relacionamento prévio.

A concorrência é a força fundamental. Para tanto, impõe-se um sistema seguro e que possa servir de plataforma aberta para o desenvolvimento de novas aplicações.

Daí a implantação gradual, a partir do compartilhamento padronizado de dados entre instituições, inicialmente de serviços bancários como conta corrente e cartões. Com o advento do Pix, passou a funcionar um mecanismo instantâneo de pagamentos, que rapidamente se popularizou. Agora, entram os outros serviços financeiros.

Ainda persiste o grau elevado de concentração bancária —os cinco maiores bancos detêm quase 80% dos depósitos bancários, dominância que também existe em áreas como investimentos e previdência. Nos últimos anos, entretanto, surgiram novos participantes relevantes com grande acesso a capital e tecnologia.

Tal movimento salutar deve ser ampliado. O quadro está montado para que se consolide um novo ambiente, aberto a inovação e com maior acesso da população a serviços financeiros.

A segurança da informação e boa regulação quanto a seu uso são pontos críticos, assim como a adesão dos clientes, que logo descobrirão seu novo poder —dispor de seus dados em benefício próprio.

2022: a mudança virá

Catarina Rochamonte

O ano que passou pode ser seccionado em três fases: de alerta, de negação e de revolta. O alerta refere-se aos que souberam ler as entrelinhas do contexto da pandemia e entenderam que o assunto era grave demais para ser tratado em termos meramente políticos e eleitoreiros; a negação foi o modo como uma parcela da população reagiu ao alerta, desconfiando do que era noticiado e formulando teorias conspiratórias disseminadas a torto e a direito de modo irresponsável e inconsequente; já o momento da revolta precisa ser transmutado e a indignação deve virar ousadia: é preciso avançar na estrada do bom senso e tratar todos os assuntos com a seriedade que o momento exige.

Neste ano, políticos vão pleitear reeleição. Cabe ao eleitor julgar se o ruim ou o péssimo precisa ser mantido por algum motivo obscuro que a racionalidade objetivamente rejeita. O Brasil precisa de novos rumos, novos líderes, novas políticas para novos tempos. Não conseguiremos isso repetindo as fórmulas atrasadas do populismo demagógico apregoado como única via à esquerda ou à direita. A via democrática é mais complexa. Ela pressupõe revisão de conceitos, eliminação de preconceitos e superação de ideologias.

Precisamos assumir que a ética divorciou-se da política, que as instituições se deterioraram, que o sistema da corrupção se disseminou de modo endêmico e que não se pode construir algo sólido sobre alicerces corrompidos. Poucos estão dispostos a aceitar a necessária mudança. Mas ela virá. Avançaremos.

A política não é um espaço reservado para as velhas raposas oportunistas que se disfarçam em tempos de eleições. Política é espaço para pessoas de bem e de brio. E essas pessoas estarão na disputa este ano.

Toda grande transformação é silenciosa. O tempo da estridência política ficará para trás. No ano passado sepultamos milhares de vítimas da pandemia. Neste ano sepultaremos as ideologias que a potencializaram e que instrumentalizaram todo esse sofrimento.

Desejos de Ano-Novo ou devaneios?

Ana Cristina Rosa

Em 2022, ano em que a higidez da democracia brasileira será posta à prova, desejo que os fatos se sobreponham às versões. Espero que a ponderação e o bom senso suplantem o egoísmo, a vaidade e o extremismo. E que a tolerância e o equilíbrio prevaleçam ao ódio e à truculência.

Anseio pelo aumento da representação política negra no cenário nacional. Torço para que mais indígenas, mais mulheres, mais pessoas com deficiência e mais integrantes da comunidade LGBTQIA+ contem com o apoio partidário necessário para manter candidaturas eleitoralmente viáveis.

Eleitos, espero que consigam exercer seus mandatos sem precisar enfrentar a hostilidade dos muitos que ainda não aprenderam a conviver de maneira civilizada e respeitosa com o que não é espelho.

Sei que o ingresso de mais mulheres, negros, PCDs e pessoas LGBTQIA+ não implica garantia de defesa de pautas feministas, antirracistas e contra o capacitismo e a homofobia. Mas a prática já comprovou ser extremamente difícil avançar nesses temas sem considerar pontos de vista diversos. Por isso almejo uma composição política representativa das reais necessidades do povo brasileiro.

Talvez assim os "invisíveis" passem a ser vistos como cidadãos de fato e de direito, a miséria seja reduzida a ponto de ninguém mais precisar catar comida no lixo, negros, mulheres e pessoas trans deixem de ser mortos como insetos e saúde e educação passem a ser prioridades da nação

Faço votos de que o interesse público prevaleça a ponto de garantir a proteção do nosso patrimônio natural. E que a Federação, por meio de seus representantes legitimamente eleitos, se faça presente, solidária e atuante sempre que uma catástrofe fizer do desalento a rotina de uma população.

São desejos que parecem devaneios, mas prefiro ver como ideal de democracia. Como na canção de Milton Nascimento, "...É preciso ter sonho sempre/Quem traz na pele essa marca/Possui a estranha mania/De ter fé na vida".

Sonhos frustrados

Ruy Castro

Quando alguém do cinema me diz que desistiu de um filme que estava lutando para rodar, penso no prejuízo potencial para a cultura. E se o filme saísse uma obra-prima? Toda arte leva a frustrações, mas o cinema é cruel. Entre a concepção original de um filme e este na lata, podem-se passar anos —ou o filme nunca chegar à lata.

Não é um problema só nosso, nem de hoje. O russo Eisenstein não pôde filmar "Uma Tragédia Americana", do livro de Theodore Dreiser, e nunca completou "Que Viva México!" (1931). Orson Welles deixou pela metade "It's All True", em 42, e "Dom Quixote", em 59. Vincente Minnelli nem pôde começar o talvez último grande musical da MGM, "Say It with Music", em 61 —a MGM acabou antes.

No Brasil, Nelson Pereira dos Santos sonhava fazer de "Rio 40 Graus" (55) e "Rio Zona Norte" (57) uma trilogia com "Rio Zona Sul", mas este nunca saiu do papel. Glauber Rocha se entendeu com Nelson Rodrigues para filmar uma de suas peças, mas desistiu, pelo inevitável choque autoral —os dois eram gênios (Leon Hirszman, que herdou o projeto, não tinha esse problema). E Carlos Manga, mestre das chanchadas, acalentou uma grande ideia jamais realizada: a vida de Carmen Miranda.

Alain Resnais, recém-saído de "O Ano Passado em Marienbad" (61), queria levar para a tela Mandrake, o Mágico —teria sido sensacional. Já pensou se Stanley Kubrick conseguisse filmar "Napoleão", pelo qual lutou durante anos? E o gourmet Hitchcock alimentou um dos projetos mais delirantes da história.

Ele queria fazer um filme de suspense sobre a... alimentação. Começaria pela criação, o abate, a colheita e a chegada dos alimentos à feira e sua estocagem num frigorífico. Depois, a etapa da cozinha, a transformação, o preparo. O apogeu, um jantar em black-tie. E então o inglório destino das delícias, nos encanamentos subterrâneos da grande cidade. Hitchcock só não sabia ainda em que momento aconteceria o crime.

Transbordar solidariedade

Preto Zezé

Presidente da Cufa Global

Com a crise humanitária que assola o sul da Bahia por conta das fortes chuvas, a Central Única das Favelas (Cufa) e a Frente Nacional Antirracista (FNA) se unem para arrecadar e distribuir donativos para famílias que tiveram prejuízos e suas vidas literalmente levadas pelas enxurradas, oriundas da mudanças climáticas que atingem vários estados há tempos. Precisamos agir para que isso não ocorra mais.

A Cufa tem como princípios se fazer presente quando o povo precisa. Prontamente usamos a nossa capilaridade e credibilidade para ajudar as pessoas que tiveram perdas materiais.

Nosso princípio é continuar o processo que iniciamos na pandemia, com rapidez, eficiência, transparência e foco em quem mais precisa. A Favela Log, empresa do grupo Favela Holding, fechou parceria com a Luft —maior empresa de logística do país, que vai providenciar a distribuição dos produtos doados— e a GolLog para garantir que tudo o que for arrecadado nas mais de 5.000 favelas chegue a quem mais precisa.

Estamos falando de uma crise que já atingiu cem municípios do estado e impacta a vida de mais de 470 mil pessoas, a maioria pessoas trabalhadores, pobres e pretas.

A Frente Nacional Antirracista vem fazendo ações em prol do povo preto nos últimos tempos. Por isso, somamos força por agregar tantas instituições, como Unegro, MNU RJ, Equanime, Frente Favela Brasil e tantas outras organizações que somam uma rede de 600 coletivos.

Desde junho, a Cufa Bahia vem beneficiando cidades do sul e extremo sul do estado com mais de 117 toneladas de alimentos, em parceria com várias empresas; já foram contempladas sete aldeias indígenas e cidades como Itabuna, Mucuri, Paratinga e regionais.

Chegamos a R$ 5 milhões e mais de 100 mil cestas básicas, com adesão e apoio de lideranças pretas e artistas, como Mano Brown, Edi Rock, Emicida, Renegado, Dudu Nobre, Dexter e artistas como Ivete Sangalo, Carlinhos Brown, Margareth Menezes.

A partir desta segunda, teremos dois grandes centros de distribuição e logística em duas das maiores favelas do Brasil, Heliópolis e Paraisópolis, onde todos os alimentos que chegam serão enviados ao aeroporto e entregues às cidades do sul da Bahia.

Some conosco através do pix abraceabahia@cufa.org.br. ou também pelo site www.maesdafavela.com.br/doar. O valor será revertido em alimentos e outros itens.

Precisamos fazer da solidariedade um movimento permanente, transbordando esperança e levando para quem mais precisa alento e perspectiva de que o dia de amanhã será melhor.

Colaborou Tamires Sampaio, da FNA

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Como sobreviver às mudanças globais?

Há pontos complexos, como desacelerar investimentos em inteligência artificial

Ernesto Lavina
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geologia da Unisinos (RS)

Duas crises direcionarão a evolução da ecologia humana, ambas oriundas de diferentes dimensões da revolução tecnológica. Uma interna, social, decorrente da evolução exponencial dos algoritmos e da inteligência artificial, levando bilhões de pessoas a perderem sua utilidade para o sistema produtivo. Outra externa, planetária, causada pela imensa alteração climática em função do aumento dos gases de efeito estufa. As duas crises vão coincidir, atingirão seu máximo mais ou menos ao mesmo tempo, em meados do século 21.

"Mudanças globais" vão muito além da ciência, entram em questões éticas e morais. Segundo o historiador israelense Yuval Harari, temos de pensar desde agora no que fazer com os bilhões de pessoas que ficarão sem importância econômica quando máquinas passarem a projetar as máquinas do futuro, incluindo avanços tecnológicos desenvolvidos por máquinas. Humanos perderão relevância, a inteligência artificial trabalhará melhor e mais rápido. E este momento coincidirá com os imensos custos sociais do aumento da temperatura média global.

A temperatura média da Terra, de 12°C no início da Revolução Industrial, hoje está próxima dos 14°C. São jogados na atmosfera, a cada ano, mais de 40 bilhões de toneladas de CO_2. Nos últimos 400 mil anos, o teor de CO_2 na atmosfera esteve sempre abaixo de 300 ppm (partes por milhão); hoje se encontra em 417 ppm e segue avançando. As geleiras desaparecem em todo o mundo. Recuaram entre 1 km e 1,5 km no século 20. O nível do mar está aumentando: estudos sugerem elevação de 20 cm a 40 cm nas próximas décadas, podendo ultrapassar o 1,1 m projetado pelo IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) para 2100.

O desenvolvimento tecnológico sem controle social eficiente poluiu e destruiu ecossistemas. Humanos derrubaram florestas e ocuparam imensas áreas com concreto e plástico. Sua população continua crescendo, enquanto a dos animais selvagens diminui. Nos dois últimos séculos houve, por certo, conquistas sociais imensas, como controle da fome, antibióticos e prolongamento do tempo de vida. Nosso modelo social faz a riqueza ser gerada e disseminada pela sociedade em escala global. Mas o modelo é muito deficiente. Produzimos alimentos para sustentar todas as pessoas, mas não vencemos a fome. E degradamos o ambiente em escala global. A conta está chegando, e terá que ser paga. O planeta vai se ajustar em outro equilíbrio: mais quente, mais árido, e com distúrbios atmosféricos intensos e frequentes.

O modelo macroeconômico privilegia ganhos cada vez maiores com cada vez menos custos. Como consequência natural, algoritmos e inteligência artificial evoluem de modo exponencial. Afinal, são mais eficientes na produção de riqueza.

No dia a dia, não queremos saber dessas questões, pois já temos problemas demais. Infelizmente, como diz Harari, nesta lacuna o sistema pensa por nós, decide o nosso futuro. E, no futuro pensado pelo sistema, algoritmos e big data estarão mais aptos a produzir riqueza a baixo custo. Vamos ser atropelados pelas mudanças climáticas, mas teremos dificuldades em compreender o que está acontecendo com o planeta, pois nossa atenção estará focada em estratégias de sobrevivência. Seremos 10 bilhões de pessoas em 2050. Conseguiremos criar relevância social para tantos seres?

Ações imediatas teriam de contemplar a captura de CO_2 da atmosfera (apenas reduzir as emissões não vai mais resolver), reformulação total nos padrões de exploração dos recursos naturais e drástica redução na emissão de poluentes industriais, pesticidas, fármacos, hormônios e microplástico. Ao mesmo tempo, discutir questões tão complexas quanto desaceleração nos investimentos em inteligência artificial e redução da taxa de natalidade onde isto ainda não ocorre. Ações com tal amplitude, envolvendo por vezes crenças e valores não negociáveis em determinados contextos culturais, podem ser implementadas em curto prazo? Talvez já seja tarde.

> [...]
> Algoritmos e big data estarão mais aptos a produzir riqueza a baixo custo. Vamos ser atropelados pelas mudanças climáticas, mas teremos dificuldades em compreender o que está acontecendo com o planeta, pois nossa atenção estará focada em estratégias de sobrevivência. (...) Conseguiremos criar relevância social para tantos seres?

Mulher é livre para o que quiser

Por que fotos de policiais com armas de fogo são merecedoras de críticas?

Gabriela Manssur e Raquel Kobashi Gallinati
Promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo, é coordenadora da Ouvidoria das Mulheres do Conselho Nacional do Ministério Público, fundadora do Instituto Justiça de Saia e idealizadora do Projeto Justiceiras
Delegada de polícia, é presidente do Sindicato dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo

Reportagem desta **Folha** ("Policiais influenciadoras exibem metralhadora, distintivo e farda nas redes", 27/12) critica mulheres policiais e ex-policiais por mostrarem em seus perfis no Instagram atividades como treinos com armamento pesado e por postarem fotos com símbolos da atividade policial.

Atualmente, todas as profissões estão expostas nas redes sociais. E com as carreiras policiais não é diferente. Sob o aspecto legal, entendemos que a conduta do policial civil, consistente na publicação da sua imagem nas redes portando arma de fogo, não caracteriza nenhum ilícito penal ou administrativo desde que respeite determinados parâmetros e observe certas restrições —entre elas, a proibição da apologia à violência e intolerância e da utilização da instituição para promoção pessoal. Ressalte-se que a apresentação do policial trajando uniforme operacional e ostentando armamento não viola nem mesmo a ética profissional, pois se insere no contexto do seu trabalho, ou seja, é inerente à função que ele exerce.

Prestes a entrarmos no ano de 2022, é inacreditável que reportagem como esta foque exclusivamente nas mulheres, já que a maioria dos perfis de policiais no Instagram são masculinos —menos de 15% do efetivo da segurança pública de São Paulo, por exemplo, é formado por mulheres.

A postagem de conteúdos nas redes sociais é hoje o meio de comunicação mais utilizado pelas pessoas no Brasil e no mundo, em especial, pelas mulheres, que compartilham suas rotinas, suas atividades profissionais, pensamentos, reflexões e muitas vezes publicam conteúdos com dicas sobre estudo, viagem, moda, culinária, maternidade, direitos das mulheres, política, ciência, medicina, entre outras —a depender da escolha de cada mulher.

Criticar ou criar obstáculos que impeçam as mulheres de se manifestar livremente é, no mínimo, uma censura machista. Se a censura, tão debatida, é nefasta para todas as pessoas, imagine às mulheres, que muitas vezes são silenciadas exatamente por terem medo da exposição.

Aliás, críticas dessa natureza ferem o princípio constitucional da equidade de gênero, em que homens e mulheres são iguais perante a lei. Por que fotos de mulheres com armas de fogo são merecedoras de críticas? Para a **Folha**, a mulher é livre desde que poste o que ela aprova? Se o inconformismo do jornal fosse apenas com eventual promoção pessoal pela utilização da farda e do armamento, deveria trazer na matéria fotos de homens policiais que também utilizam seus perfis para divulgar o cotidiano.

Já está na hora de pararmos de criticar as conquistas femininas e apoiar todas as mulheres, principalmente as que arriscam suas vidas para o bem da segurança pública, fardadas ou não.

Publicações como as das policiais e cidadãs criticadas demonstram que as mulheres podem e devem ocupar lugares de poder, de liderança e de profissões antes exercidas exclusivamente por homens, mostrando a nossa capacidade, a nossa ética e o nosso comprometimento, principalmente quando preenchemos cargos públicos. Para nós, é motivo de orgulho e admiração e serve de incentivo para as milhares de meninas e adolescentes brasileiras que sonham ser policiais.

Que tenhamos mais mulheres corajosas, mais mulheres que mostrem sua rotina e que lutem para que a frase "lugar de mulher é onde ela quiser" valha para todas nós.

> [...]
> Para a Folha, a mulher é livre desde que poste o que ela aprova? Se o inconformismo do jornal fosse apenas com eventual promoção pessoal pela utilização da farda e do armamento, deveria trazer na matéria fotos de homens policiais que também utilizam seus perfis para divulgar o cotidiano

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Charge de Ricardo Scarpa em alusão ao novo ano

Encontros e desencontros

Obrigado a todos os colaboradores deste prestigioso jornal pelo trabalho realizado neste ano de 2021. Algumas vezes, ao longo deste ano, discordei do teor de algumas reportagens e do tom irascível de algumas crônicas. Outras vezes —como na inspiradora crônica de sexta-feira de Djamila Ribeiro ("Em busca de Adrienne", Ilustrada, 31/12)—, chorei de emoção e inundei-me de encantamento. É assim, entre encontros e desencontros, que seguimos e seguiremos juntos.
Pedro Filipe de Assis Anversa
(Leuven, Bélgica)

Bilionários

"Bilionários ficam US$ 1 trilhão mais ricos em 2021 em meio à crise da Covid" (Mercado, 2/1). Some todas as tragédias climáticas do planeta e não será um décimo do que essa notícia representa. Cada vez mais o dinheiro está nas mãos dos piratas neoliberais, e isso é pior do que qualquer doença infectocontagiosa incurável. A guerra é o único caminho. Covid é gripezinha perto disso
Edgard Reymann (Peruíbe, SP)

Coragem

Corajoso o artigo "Tchau, Covid?" nestes tempos em que ser pessimista virou chique e intelectual (Tendências / Debates, 2/1). Identifiquei-me muito com ele. Muito boa reflexão.
Tina Marcos
(São Paulo, SP)

*

Na linha tênue entre a misantropia e a "normalidade" mora o minimalismo. O minimalismo, de fato, é a cura (em muitos sentidos!). Que texto importante!
Sabrina Bueno Bretz
(São Paulo, SP)

A pior

A Folha se esqueceu de citar a pior fala de Bolsonaro: "A velha imprensa distorce a minha fala e não divulga, como deveria, os grandes feitos do governo federal".
Ronaldo Moreira do Nascimento
(São Paulo, SP)

Justiça tardia e falha

"Caso Wal do Açaí chega a três anos e meio sem conclusão na reta final do governo de Bolsonaro" (Poder, 2/1). Para certas classes privilegiadas e seus protegidos, a "Justiça" tarda e falha.
Jonas Nunes dos Santos
(Juiz de Fora, MG)

Justiça que erra

"Reitor Cancellier, da UFSC, tornou-se o desencanto da Lava Jato" (Elio Gaspari, 2/1). Mais uma injustiça do aparato jurídico brasileiro. No entanto, há dezenas de casos menores que aconteceram em pequenas cidades, por exemplo, onde pessoas idôneas foram enjauladas pela PF após denúncias não investigadas. E há muito pior: o de pessoas que foram condenadas erradamente por juízes burocratas do direito e tiveram que cumprir pena.
Abrão Lacerda
(Timóteo, MG)

*

O lava-jatismo abriu as porteiras para a barbárie do bolsonarismo. Moro e Bolsonaro são as duas faces da mesma moeda: a da barbárie.
Derlan Trombetta
(Chapecó, SC)

A Lava Jato criou vida própria, código de conduta próprio, normas processuais próprias, enfim, virou um mostro destruidor de pessoas e empresas. Se estivéssemos em um país sério, estariam presos pelas aberrações que cometeram. Mas, no Brasil, até se candidatam a Presidente.
Edson Carlos Morotti (Curitiba, PR)

*

Tudo isso que Elio Gaspari com anos de atraso denuncia outros jornalistas, e aqui cito Luiz Nassif como exemplo, já denunciavam à época.
Felicio Almiro Lima Rodrigues
(Porto Alegre, RS)

Ex

Eu, como ex-petista, reconheço a roubalheira causada quando o partido governou o Brasil. Acordem, ex-companheiros! Amnésia tem cura. Fui curado, graças a Deus.
José Manoel da Silva (São Paulo, SP)

Matemática

Gostei do artigo "Brasil avacalha a matemática" (Opinião, 2/1). Hélio Schwartsman foi preciso como a Teoria dos Jogos. Pena que aqui no Brasil não se levam a sério nem as melhores evidências.
José Marta Filho, matemático e engenheiro (Bauru, SP)

Democracia

A coluna de Oscar Vilhena Vieira diz muito do que está preso em nossa garganta ("2022, ano decisivo" Poder, 1º/1). Parabéns à **Folha** por dar espaço a textos como esse. Meus votos para 2022 são que deixemos para trás o pesadelo que estamos vivendo.
Claudius Ceccon (São Paulo, SP)

Reformas

É triste ver que todos os ônus das reformas trabalhista e previdenciária foram jogados nas costas do povo. E a **Folha** se acha no direito de dizer que foi pouco e que queria mais ("Chance perdida", Opinião, 2/1). Quem aguentou um par de porradas suportaria duas pauladas mais, deve pensar o jornal... O que importa aos lobbies, da **Folha** e da mídia em geral, é que os direitos e privilégios de castas, públicas e privadas, da sociedade se mantenham a salvo no turbilhão dessas ditas "reformas da salvação"!
Caetano Estellita Pessoa (São Paulo, SP)

Fortalecimento

Em resposta ao querido Mario Prata ("Pra quê?", Painel do Leitor, 31/12), respondo: para fortalecer os glúteos!
Ronaldo Bueno Simões
(Rio de Janeiro, RJ)

Taxa da mentira

Creio que resolveríamos o problema fiscal brasileiro (déficit público) criando um imposto referente a mentiras e fake news. Só com governantes, deputados, senadores e vereadores teríamos uma arrecadação estrondosa; a alíquota para pescadores seria baixa.
Vital Romaneli Penha
(Jacareí, SP)

Boas-festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de **Luís Perez**, editor do Carpress (São Paulo, SP), **Rodney Vergili**, presidente da Digital Assessoria Comunicação Integrada (São Paulo, SP), **Celso Balloti** (São Paulo, SP), **Pedro Filipe Anversa** (Leuven, Bélgica), **Ricardo Viveiros** (São Paulo, SP) e **Teresa Lage** (São Paulo, SP),

poder

PAINEL | Guilherme Seto (interino)

painel@grupofolha.com.br

Costura

Algumas das principais lideranças do PSOL e do PDT consideram bastante avançadas as tratativas entre as siglas em torno da candidatura de Guilherme Boulos para o governo de SP. Em troca do apoio do PDT ao líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, o PSOL faria campanha pela eleição do escolhido pelos trabalhistas para o Senado por SP. No PDT, a provável decisão do PSOL por Lula na disputa federal, na qual o ex-presidente deverá enfrentar Ciro Gomes, não é tida como obstáculo.

EM DUPLA "Boulos receberia o Ciro, fazendo a praxe de candidato a governador, e faria a campanha de quem quisesse, no caso, também a do Lula", afirma Carlos Lupi, presidente do PDT. Nesse cenário, o PSOL não lançaria candidatura própria ao Senado.

GRUPO O PSOL também tem conversas avançadas sobre aliança em SP com a Rede.

MATCH Lupi diz que a união pode ser benéfica também porque, caso o PT não desista de Fernando Haddad para o governo, Boulos pode cair no "amor de um lado só": fazer campanha para Lula enquanto ele apoia o ex-ministro.

LEQUE O PDT tem atualmente três opções para lançar ao Senado por SP: a ex-reitora da USP Suely Vilela, o ex-comandante da Rota e babalorixá Mario Filho e a vice-presidente do PDT-SP Maria Giovana.

JUVENTUDE... O PT prepara o lançamento de campanha para estimular jovens de 16 a 18 anos a tirar o título de eleitor.

...EM MARCHA Pesquisas da sigla apontam que Lula tem apresentado bons índices de aceitação nessa faixa etária e a ideia é fazer uma série de iniciativas para consolidar o petista nesse grupo da população.

IDOS TEMPOS A campanha pretende resgatar feitos dos governos do PT para conquistar os jovens que, na época da gestão de Lula, ainda eram crianças.

DOTE... A perspectiva de encolhimento da bancada do PSB na Assembleia Legislativa de SP também contribui para o esfriamento da aproximação entre a sigla e o PT tendo em vista a formação de chapa com Lula e Geraldo Alckmin e a criação de uma federação.

...FRACO Dos seis deputados estaduais do PSB em SP, apenas dois devem permanecer no partido para disputar as eleições de 2022: Caio França, filho do ex-governador Márcio França, e Rafael Silva, pai do deputado federal Ricardo Silva.

DEIXA... Diante do que considera inação do governo federal, o Senado vai desenvolver em 2022 uma agenda própria de eventos para celebração dos 200 anos da Independência.

...CONOSCO "No centenário, o Brasil fez a Semana de Arte Moderna e a atual versão do hino nacional. No sesquicentenário [150 anos], trouxe os restos mortais de Dom Pedro 1º. Agora existe omissão total do governo", diz o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), coordenador da comissão especial destinada ao tema.

ROTEIRO Estão previstos uma coleção de 200 livros, uma carreta itinerante sobre a história do Brasil, uma página na internet, um convite para que o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, venha ao Brasil, entre outros.

BYE O Itamaraty nomeou o braço direito do ex-chanceler Ernesto Araújo, Pedro Wollny, para o cargo de chefe do escritório financeiro em Nova York. Ele foi chefe de gabinete de Araújo e, com Carlos França, tornou-se secretário de gestão administrativa.

BOA IDEIA A mudança de Wollny para os EUA foi interpretada como saída similar à que o governo deu a Abraham Weintraub, que deixou o Ministério da Educação e ganhou cargo no Banco Mundial.

BUROCRACIA Bastante criticado por diplomatas, Wollny não terá mais influência no dia a dia do ministério e não deverá receber autoridades internacionais em Nova York.

E AÍ No fim de 2021, a chefe da Secretaria de Governo, Flávia Arruda (PL), ameaçou romper a aliança com o governador do DF, Ibaneis Rocha (MDB).

DEDO A ministra usou a possibilidade de se lançar a governadora para dizer que só aceita compor a chapa como candidata a senadora se puder indicar o vice do emedebista. A tendência é que cheguem a um acordo e façam campanha para Jair Bolsonaro (PL).

TIROTEIO

> O mercado apostava na queda da inflação no 2º semestre. Campos Neto acreditou e agora deve satisfações a Guedes e ao Senado

De Rodrigo Maia (sem partido-RJ), deputado, sobre carta que presidente do Banco Central terá que fazer para justificar a inflação fora da meta

com Matheus Teixeira

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

Movimentos ajustam foco nas eleições para impulsionar candidatos

Grupos paralelos defendem causas específicas e se organizam para apoiar postulantes ao Legislativo de partidos de esquerda e direita

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Incorporados à dinâmica eleitoral, movimentos engajados no mapeamento de líderes políticos e no impulsionamento de campanhas ajustaram o foco para atuar no pleito de 2022 e serão forças paralelas aos partidos na tarefa de eleger novos nomes para o Legislativo.

Grupos da sociedade civil reciclaram a bandeira da renovação política por si só, que teve o auge entre 2016 e 2018, e passaram a apostar com mais ênfase em candidaturas com pautas e posicionamentos bem definidos ou representações específicas.

Embora iniciativas que se dizem sem agenda própria ainda tenham espaço, o novo perfil é predominante nesse ecossistema, que enfrenta tensões na inevitável convivência com os partidos, mas se firma como um eixo do sistema político-eleitoral.

Se o objetivo final de todos é um só —levar postulantes à vitória—, o mesmo não se pode dizer do universo de organizações, bem heterogêneo. Os grupos se diferenciam em bases ideológicas, alcance territorial, capacidade de financiamento e mobilização, origem e histórico.

Na lista há, por exemplo: a escola de políticos RenovaBR, os movimentos Acredito, Livres e MBL (Movimento Brasil Livre) e coletivos como Vote Nelas e Vamos Juntas (feministas), Coalizão Negra por Direitos e Mulheres Negras Decidem (antirracistas) e VoteLGBT (da causa LGBTQIA+).

Há ainda setores à esquerda, criados na chamada luta popular, que buscam fortalecer bancadas no Congresso e nas Assembleias Legislativas, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto).

Além dos blocos que participaram de eleições recentes, farão sua estreia em 2022 propostas novas, como o movimento Grita!, que busca eleger 150 deputados federais e 35 senadores de ficha limpa e favoráveis ao fim do foro especial e da extinção dos fundos partidário e eleitoral.

Calculados com base no número de votos e de parlamentares de cada legenda, os fundos são cruciais para a sobrevivência das agremiações. É de olho nesses fatores que siglas têm se aberto para apadrinhados das redes independentes.

A competição por cadeiras no Poder Legislativo será ainda afetada pela proibição de coligações e pela formação de federações partidárias, em que as siglas se unem para disputar o pleito, mas devem manter-se alinhadas por pelo menos quatro anos.

Doutora em ciência política pela Universidade de Oxford, Malu Gatto diz que um estudo sobre representação de grupos marginalizados, coordenado por ela e recém-divulgado pelo Instituto Update, mapeou mais de cem iniciativas no Brasil voltadas à inclusão de mulheres na política.

"O número é muito maior se considerarmos outros segmentos, que estamos acompanhando para a continuidade da pesquisa", diz a professora da University College London.

Para ela, é "um novo ator eleitoral" que assumiu papel complementar ao dos partidos, os únicos que, por lei, podem lançar e registrar candidatos. A legislação também proíbe doações de pessoas jurídicas (o que inclui empresas e associações), mas repasses individuais são permitidos.

"Há maior entendimento sobre essas organizações e a interação delas com os partidos. Pode existir uma relação de benefício mútuo, principalmente com iniciativas que estimulam a diversidade", analisa ela sobre embates entre as partes em tempos recentes.

Atritos entre movimentos e legendas eclodiram em episódios como a desfiliação do PDT da deputada federal Tabata Amaral (SP). Cofundadora do Acredito e hoje no PSB, ela pediu na Justiça para deixar o partido pelo qual se elegeu depois de descumprir determinação partidária de votar contra a reforma da Previdência, em 2019.

Na esteira da crise, siglas como PDT e Novo chegaram a proibir a atuação de filiados nas redes independentes, por receio de que integrantes pusessem o compromisso com as entidades acima da obediência às regras estatutárias.

O Acredito, que apoiou nomes em 2018 e atuará em 2022, diz que "ainda não definiu se e como manterá" o mecanismo das cartas-compromisso com os partidos. A questão esteve na raiz da batalha judicial pelo direito de se desfiliar sem perder o mandato travada por Tabata.

No acordo, a antiga legenda de Tabata prometia resguardar "as autonomias política e de funcionamento" do Acredito, bem como "a identidade do movimento e de seus representantes". O documento assinado pelo PDT foi determinante na vitória dela no TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

A presença dos organismos suprapartidários é incontornável, diz o cientista político e ativista Leandro Machado, que sentenciou no início de dezembro o fim da renovação política como mote eleitoral.

"É possível que o ciclo da renovação pura e simples esteja sendo substituído por renovação mais identitária ou segmentada, que é fruto de uma sociedade mais atenta à causa da diversidade, mas também dialoga com a cultura digital, que nos 'hipernichou'", afirma.

O Agora!, que tem Machado entre os cofundadores, chegou a ter 18 candidaturas quatro anos atrás, apesar de sua missão principal ser de debater políticas públicas. Em fase de redefinições internas, o grupo não faz planos para o pleito do ano que vem.

Movimentos como Bancada Ativista e Ocupa Política, que em anos recentes se destacaram no chamado campo progressista, também estão sem planos estruturados. O primeiro se desarticulou após a crise no mandato coletivo que elegeu para a Assembleia de São Paulo, com Monica Seixas (PSOL) à frente.

Já outras turmas abraçaram causas em evidência, como o estímulo a mulheres e a pessoas negras, hoje também estipulado em leis e resoluções do TSE que tentam reduzir o descompasso entre o tamanho dessas populações e os índices de seus porta-vozes.

"Os partidos querem mulheres porque têm cotas a cumprir, mas nem sempre dão o apoio necessário a elas", diz a ativista Gisele Agnelli, cofundadora do Vote Nelas, que oferece apoio a candidatas.

Continua na pág. A5

Iniciativas querem abrigar candidaturas em partidos em 2022

Acredito
Movimento, que se define como de renovação política, suprapartidário e progressista, diz que lançará candidatos que tenham justiça social e responsabilidade fiscal. Prega oposição a Jair Bolsonaro (PL)

Coalizão Negra por Direitos
Rede de entidades do movimento negro apoiará candidaturas comprometidas com a bandeira antirracista e demandas da periferia. Alinhamento maior é com partidos de esquerda

Grita!
Movimento de ex-alunos do ITA quer apoiar candidatos ao Congresso que tenham ficha limpa e apoiem, por exemplo, fim do foro especial e prisão após a 2ª instância. Dialoga com nomes de siglas como Podemos e Novo

Livres
Movimento de defesa do liberalismo deverá apoiar membros que já ocupam cargos e tentarão a reeleição, além de novos integrantes que se candidatarem. Grupo tem associados em partidos como Cidadania, Novo e PSDB

MBL (Movimento Brasil Livre)
Buscará a reeleição de cabeças como o deputado federal Kim Kataguiri (DEM-SP) e lançará outros membros em nível federal e estadual, em São Paulo. Aposta em campanha nas redes sociais

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)
Fará trabalho concentrado para incluir nas urnas nomes de militantes da reforma agrária. Há candidaturas previstas em ao menos 17 estados, por siglas como PT, PC do B e PSB

MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto)
Com braços dentro do PSOL, o grupo de Guilherme Boulos deve lançar ou apoiar candidatos a deputado em São Paulo, Pernambuco e Ceará ligados a causas da população da periferia e a habitação

Mulheres Negras Decidem
Presente em 19 estados e com mais de 200 articuladoras, o movimento quer, em parceria com o Instituto Marielle Franco, fortalecer candidaturas de mulheres negras. Conversa com siglas de esquerda

Raps (Rede de Ação Política pela Sustentabilidade)
Criou um programa com foco em auxiliar 80 postulantes envolvidos com a causa da sustentabilidade, mas deve ter no total até 200 candidatos. Possui membros em 29 partidos

RenovaBR
Selecionou 150 alunos de todo o país para sua turma de 2021, que teve aulas sobre gestão pública e campanha. Escola, que já atuou em 2018 e 2020, se diz suprapartidária e sem agenda ideológica

Vamos Juntas
Fundado pela deputada Tabata Amaral (PSB-SP), projeto suprapartidário acompanhará 200 mulheres com serviços como mentoria política, apoio contábil e jurídico, suporte psicológico e formação para equipes

Vem Pra Rua
Movimento de rua decidiu apoiar abertamente candidatos ao Congresso em 2022 que defendam suas pautas, como combate à corrupção e reformas estruturantes. Diz que está estudando como será o trabalho

VoteLGBT
Além de pesquisa sobre candidaturas de pessoas LGBTQIA+ e de apoiadores da causa, o grupo oferece capacitação para interessados em disputar eleições, ligados principalmente à esquerda e à centro-esquerda

Vote Nelas
Com representantes nas cinco regiões do país, o movimento suprapartidário estimula a participação feminina na política e oferece, com a ajuda de parceiras, apoio para as campanhas e auxílio psicológico

Quantos Bolsonaro matou na pandemia?

Conforme a vacinação contra Covid cresce, o número de óbitos cai

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

Nos últimos dias de 2021, um grupo de pesquisadores brasileiros, ligados à Fundação Oswaldo Cruz e ao Observatório Covid-19 Brasil, disponibilizou um artigo em pré-print —ainda não avaliado, portanto, pelos pareceristas da publicação científica— que dá uma nova contribuição à estimativa de quantos brasileiros Jair Bolsonaro matou durante a pandemia de Covid-19.

O cruzamento entre dados de vacinação e óbitos por Covid-19 em 2021, ano em que a vacinação começou, não dá margem a qualquer dúvida. Observe o que acontece quando a vacinação vai progredindo. Conforme a vacinação cresce, o número de óbitos cai, e cai rápido.

Com esses dados, os pesquisadores utilizaram técnicas estatísticas para verificar, com base no padrão observado em 2021, duas coisas. A primeira, a boa notícia, é que a vacinação salvou, no mínimo, 75 mil idosos brasileiros em 2021.

Setenta e cinco mil pessoas são um Maracanã cheio. Imaginem o estádio cheio de pais e mães, avós e avôs. Há um botão que abre os portões e os deixa ir para casa festejar o Natal de 2021 com suas famílias, lhes dá mais tempo com seus filhos e netos, dá a seus filhos e netos mais tempo com eles.

A vacina apertou esse botão. Todos saíram e passaram o Natal de 2021 com suas famílias.

A segunda conclusão do estudo é a seguinte: se a vacinação tivesse seguido exatamente o mesmo ritmo, mas começado um mês antes, 25 mil idosos que morreram em 2021 não teriam morrido. Se tivessem começado dois meses antes, 48 mil idosos que morreram em 2021 não teriam morrido.

Mas Jair Bolsonaro apertou o botão de não comprar vacina. Todos no estádio morreram se debatendo por oxigênio. Seus filhos e netos choraram de saudade no Natal de 2021, como vão chorar nos próximos. Enquanto isso, Bolsonaro dançava funk em uma lancha.

O novo estudo parte do princípio de que as vacinas teriam sido aplicadas no ritmo e no volume em que foram, de fato, aplicadas no Brasil em 2021. Mas a CPI provou que, se Bolsonaro não tivesse recusado as ofertas de Pfizer, Butantã e metade da oferta do Covax Facility, teria havido muito mais vacina, muito mais cedo. Muitos outros estádios teriam o botão de abrir a porta.

Como já disse aqui na coluna, o epidemiologista Pedro Hallal fez a conta de quantas pessoas teriam sido salvas até o final de maio se as ofertas da Pfizer e do Butantã tivessem sido aceitas.

O resultado foi 95 mil. Uma arena do Palmeiras e arena do Corinthians somados. Imaginem esses estádios lotados de pais e mães, avôs e avós. Eles queriam voltar para casa para festejar o Natal de 2021 com suas famílias.

Ainda não temos estimativas de quantos estádios cheios de mães e pais, avós e avôs, filhos e filhas, irmãos e irmãs, teriam sido salvos depois do final de maio, ou se Bolsonaro tivesse aceitado a outra metade da oferta do consórcio Covax Facility, ou se não tivesse sabotado o trabalho dos governadores, ou se não tivesse combatido o uso de máscaras, ou se tivesse implementado a testagem em massa com rastreamento de contato.

Se alguém no governo tem como contestar esses números, o debate está aberto.

DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel P. da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Continuação da pág. A4

"Fazer parte do Vote Nelas é como um selo que ajuda na campanha de cada uma e, acima de tudo, difunde a ideia de que o voto em mulher importa. Nossa tese é a de que o gênero da candidata é um critério de escolha importante e que ter as nossas lá só melhora a democracia", completa.

Lógica parecida move a Coalizão Negra por Direitos, só que pelo viés racial. "Nossa missão é eleger um quilombo, uma bancada no Congresso e nas Assembleias", diz Douglas Belchior, cofundador da aliança e cotado para concorrer a deputado federal pelo PT em São Paulo.

Para a coalizão, diz Belchior, a luta é "pela eleição de líderes vinculados às pautas do povo negro."

A adesão a causas determinadas é também condição para receber o apoio do Grita!, "movimento de cidadania fundado a partir da indignação de quatro engenheiros formados" em 1964 no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e que prega combate a privilégios e prisão após condenação em segunda instância.

"Não nos consideramos [de direita]. O grupo é amplo. A prioridade são os valores éticos", diz Luiz Esmanhoto, um dos engenheiros do ITA, hoje aposentado.

A entidade, atualmente com 50 associados, quer criar um cadastro que conectará postulantes a cargos eletivos identificados com os temas e eleitores que simpatizam com os ideais do movimento.

O Grita! conversa com pré-candidatos do Podemos, do Novo e do Cidadania. Esmanhoto nega que vise alavancar uma bancada simpática ao pré-candidato à Presidência Sergio Moro (Podemos), cujo discurso contrário à corrupção guarda semelhanças com o do movimento.

Grupos à direita e próximos de Moro, o MBL e o VPR (Vem Pra Rua) endossarão candidaturas legislativas. "A renovação com qualidade do Congresso é prioridade nas eleições de 2022", diz Luciana Alberto, porta-voz do VPR.

"Daremos visibilidade a candidatos alinhados com as pautas do VPR, como fim do foro privilegiado, prisão em segunda instância, combate à corrupção, avanço das reformas necessárias e Estado mais eficiente, menos inchado", diz.

A maioria dos grupos ainda não definiu o número de candidatos, os partidos que os abrigarão e os cargos que apoiarão. As conversas devem avançar após abril, fim do prazo de filiação para quem pretende concorrer em 2022.

Judiciário vive dilema sobre manter trabalho remoto e audiências online

Associações reivindicam a manutenção do sistema, criticado por distanciamento da população

FOLHAJUS

Géssica Brandino

MOGI DAS CRUZES (SP) A retomada das atividades presenciais gerou um dilema no Judiciário sobre a manutenção do trabalho remoto de magistrados. De um lado, associações da categoria elencam os benefícios das teleaudiências. Do outro, entidades do sistema de Justiça afirmam que há prejuízo para a população.

O tema foi debatido pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça) em audiências públicas, em outubro. Na ocasião, o presidente do órgão e do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Luiz Fux, disse que o regulamentará após debate participativo. Não há prazo de término para a discussão.

Enquanto isso, a Justiça brasileira está dividida. Levantamento do CNJ com 47 tribunais do país identificou que 13 retomaram as audiências presenciais e 19 mantêm o formato híbrido —com audiências online e presenciais— que é defendido pelas associações.

Entre os argumentos a favor estão o aumento da produtividade e a economia. Segundo o relatório Justiça em Números, em 2020 havia 75,4 milhões de processos em tramitação no país, redução de 2% em relação a 2019, o pico da série histórica. No orçamento, a economia foi de R$ 4,6 bilhões, descontada a inflação.

"A gente quer trabalhar com uma perspectiva de percentual, de funcionamento presencial e a distância, levando em consideração os dados muito positivos que a gente obteve durante a pandemia e que demonstraram que a Justiça brasileira é uma das mais produtivas do mundo", diz a presidente da AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros), a juíza Renata Gil.

A comunicação com operadores do direito e o ganho na qualidade de vida, especialmente para alguns grupos, como as juízas, também são destacados pelos magistrados.

"Na perspectiva de gênero, se é fato que o teletrabalho confundiu o que já era confuso, que são esses planos do público e privado, flexibilizou e facilitou tarefas que as mulheres já exerciam", afirma a juíza Clara Mota, secretária-geral da Ajufe (Associação dos Juízes Federais do Brasil), e diretora da comissão Ajufe mulheres. Ela diz que a maioria das juízas defende a regulamentação.

Juíza utiliza equipamento de teleaudiência no fórum da Barra Funda Rubens Cavallari/Folhapress

Há ainda relatos sobre elogios da população, que não precisa ir aos fóruns ou faltar ao trabalho para comparecer em juízo.

"A dificuldade de chegar sempre existiu, física ou virtualmente. Temos dificuldades econômicas gigantescas, em que a pessoa não tem passe para ir ao fórum presencialmente ou tem dificuldade maior de deslocamento", diz a assessora da Corregedoria Geral da Justiça do TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo), a juíza Jovanessa Ribeiro Silva Azevedo Pinto.

Ante a impossibilidade de participar online, ela afirma que o atendimento presencial tem sido realizado nos fóruns.

Entre os críticos, defensores, desembargadores e a advocacia indicam prejuízo à defesa em julgamentos e na identificação de violações.

Como mostrou a **Folha**, houve queda de 70% nas audiências de custódia desde o início da pandemia, de 222 mil em 2019 para 66 mil em 2020. Nessas audiências, feitas em até 24 horas após a prisão por flagrante ou mandado, o juiz decide sobre a manutenção da prisão e pode identificar sinais ou relatos de tortura e maus-tratos.

A defensora pública do Acre Rivana Ricarte, presidente da Anadep (Associação Nacional das Defensoras e Defensores Públicos), diz que a instituição reconhece avanços da tecnologia, mas se preocupa com os direitos humanos.

"Na digitalização é preciso olhar para quem está do outro lado. O público é majoritariamente muito pobre", diz, acrescentando que a qualidade da internet não assegura que não haverá injustiças nos processos.

Pesquisa sobre hábitos de uso e navegação na rede realizada pelo Instituto Locomotiva e pelo Idec (Instituto de Defesa do Consumidor) mostrou que cerca de 55 milhões de brasileiros ficam pelo menos uma semana sem internet todo mês.

"O Brasil não é só Rio, São Paulo e Minas. Há lugares em que falta luz todo dia", diz o presidente da Andes (Associação Nacional de Desembargadores), Marcelo Buhatem. Ele defende que em comarcas pequenas e em casos sensíveis, como nas audiências de custódia e processos da Lei Maria da Penha e varas de família, volte o sistema presencial.

Renata Gil diz que a AMB foi a primeira a pedir inclusão digital nos tribunais e que o atendimento presencial é feito quando o problema não é superável. E que não há registro de prejuízos junto ao CNJ.

"O avanço não pode ser impedido por alguma situação excepcional. Nossas forças têm que estar canalizadas para a inclusão digital e não para o impedimento do teletrabalho e do processo digital", diz.

Clara Mota, da Ajufe Mulheres, acrescenta: "Ninguém está dizendo que a Justiça vai passar a operar somente em nuvem, que não vai ter juiz nas localidades. O que queremos é uma tradução do que já está acontecendo".

Para a ministra Maria Cristina Peduzzi, presidente do TST (Tribunal Superior do Trabalho), o teletrabalho foi uma necessidade imposta pela pandemia que não pode, entretanto, ser transformado em ordinário para atender interesses corporativos, pois a presença do juiz é determinação da Constituição Federal.

"Só por meio de uma emenda constitucional poderia alterar essa condição do juiz residir na comarca. Se o juiz é a presença do Estado na área onde exerce a jurisdição, porque para julgar ele precisa conhecer como vive aquela comunidade e qual é a realidade ali existente."

O juiz Luiz Antonio Colussi, presidente da Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho), que defende a regulamentação do teletrabalho com autonomia para os tribunais, diz que a percepção no meio é que houve um ganho qualitativo nas decisões, apesar de haver obstáculos na produção de provas.

"A avaliação dos colegas é que conseguem realizar um trabalho adequado e alguns afirmam que a qualidade da decisão melhora, porque têm mais tempo para elaborar. A dificuldade está na coleta das provas, isso sim é o que exige mais, porque às vezes a internet não funciona", diz.

Já o Conselho Nacional da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) defende o modelo presencial para as audiências, com os juízes nas comarcas, e o uso do plenário virtual nas sustentações orais.

Teleaudiências no Judiciário

Argumentos a favor

- Aumento da produtividade e economia nos tribunais
- Maior diálogo com os operadores do direito e agilidade nos atendimentos
- População não gasta com deslocamento e não precisa se ausentar do trabalho
- Possibilidade de ouvir testemunhas e advogados de diferentes locais do país
- Ganho de qualidade de vida para os magistrados, especialmente para mulheres e outros grupos

Argumentos contra

- Ausência do magistrado na comarca, como prevê a Constituição, com prejuízo às decisões
- Desigualdade no acesso à internet afeta população e operadores do direito
- Falta de estrutura em tribunais em regiões isoladas
- Prejuízo para processos sensíveis, como casos da Lei Maria da Penha, e para identificar violações nas audiências de custódia
- Produção de provas prejudicada

Bolsonaro puxou crise entre Poderes em 2021

Embates envolveram ameaças golpistas do presidente da República e controle do Congresso sobre emendas de relator

SÃO PAULO Em 2021, Executivo, Legislativo e Judiciário se estranharam, com o envolvimento de diferentes personagens dos Três Poderes.

O principal embate se deu entre Executivo e Judiciário, causado por sucessivos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) a decisões do STF (Supremo Tribunal Federal).

Legislativo e Judiciário trocaram farpas sobre as emendas de relator, com o STF obrigando o Congresso a dar transparência a esses repasses. Relembre episódios envolvendo os Três Poderes.

Ataques de Bolsonaro ao STF

No dia 13 de agosto, a Polícia Federal prendeu Roberto Jefferson, presidente nacional do PTB e importante aliado de Bolsonaro que vinha insuflando a retórica golpista do mandatário e as ameaças à ordem democrática.

A prisão foi solicitada pela PF e autorizada pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, no âmbito da investigação sobre suposta organização criminosa digital voltada a atacar as instituições a fim de abalar a democracia.

Bolsonaro, então, afirmou em redes sociais que pediria o impeachment de dois ministros do STF: "De há muito, os ministros Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, extrapolam com atos os limites constitucionais".

Em meio ao embate, o cantor Sérgio Reis, apoiador do presidente, divulgou em redes sociais uma grande manifestação de caminhoneiros com pautas autoritárias e contra o Supremo, com risco de paralisação e ameaça de caos no feriado de 7 de Setembro.

"Se em 30 dias não tirarem os caras [os ministros do STF], nós vamos invadir, quebrar tudo e tirar os caras na marra", afirmou o cantor em uma conversa com um amigo que veio a público no dia 14 de agosto.

Em 20 de agosto, a PF cumpriu mandados de busca e apreensão em endereços do cantor. As medidas foram solicitadas pela PGR (Procuradoria-Geral da República) e autorizadas por Moraes.

Ao pedir as buscas, a PGR afirma que o cantor quis "afrontar e intimidar os poderes constituídos" ao ameaçar parar o país por 72 horas como forma de pressionar o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), a aceitar pedido de impeachment contra ministros do STF.

Na mesma sexta-feira, Bolsonaro cumpriu a ameaça e apresentou ao Senado um pedido de impeachment contra Moraes assinado por ele mesmo. O pedido acabou rejeitado por Pacheco.

Outro episódio, ocorrido anteriormente, também serviu de munição para Bolsonaro disparar contra o STF.

Em fevereiro, a corte referendou por unanimidade a decisão de Moraes que determinou a prisão em flagrante do deputado bolsonarista Daniel Silveira (PSL-RJ), motivada por um vídeo em que o parlamentar ataca membros do tribunal.

Além disso, entram no caldo as suspeitas infundadas levantadas pelo presidente contra o processo eleitoral brasileiro.

No início de dezembro, após meses de relativa calmaria que se seguiram aos atos de raiz golpista do 7 de Setembro, Bolsonaro voltou a atacar a corte.

"Ou todos nós impomos limites para nós mesmos ou pode-se ter crise no Brasil. Apesar da grande mídia me acusar de provocar, agredir, não tem agressão minha. Tô tomando sete tiros de 62 [calibre], quando dou um [tiro] de 62, tô provocando", disse o presidente, em tom exaltado.

Bolsonaro participa de manifestação de raiz golpista em SP, no 7 de Setembro Danilo Verpa - 7.set.21/Folhapress

Arthur Lira durante sessão da Câmara, em Brasília Adriano Machado - 9.nov.21/Reuters

André Mendonça comemora aprovação de seu nome para vaga no STF 1º.dez.21/michellebolsonaro no Instagram

A fala ocorreu após Moraes determinar a abertura de uma nova investigação contra o presidente na corte, desta vez para apurar a conduta do mandatário por ter feito uma falsa relação, durante uma live, entre a Aids e a vacinação contra a Covid-19.

Emendas de relator

Em meados de dezembro, o STF decidiu, por 8 a 2, manter a decisão da ministra Rosa Weber de liberar o pagamento das emendas de relator.

Os magistrados também mantiveram a ampliação do prazo de 30 para 90 dias para que o Congresso informe o nome de todos os parlamentares beneficiados em 2020 e 2021 por essas verbas.

O recuo do Supremo neste caso representou um alívio para a tensão que a decisão do caso tinha gerado entre a corte e o Legislativo.

Inicialmente, em 5 de novembro, Rosa Weber havia determinado a suspensão das emendas que são pagas a deputados e senadores e controladas pelo relator-geral da lei orçamentária que passa pelo Congresso.

A magistrada também mandou o Congresso dar "ampla publicidade, em plataforma centralizada de acesso público", a todos os documentos relacionados à distribuição dessas verbas em 2020 e 2021.

Cinco dias depois, o plenário do tribunal, por 8 a 2, referendou a decisão da magistrada.

Após a suspensão, líderes do Congresso passaram a pressionar o STF sob o argumento de que não tinham como revelar o nome dos beneficiados e que a suspensão colocava em risco cerca de R$ 9 bilhões em emendas que estavam paradas.

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), chegou a dizer que não cabe a nenhum outro Poder tratar sobre as regras do Orçamento.

"A execução orçamentária é por parte do Poder Executivo, em comum acordo com a lei aprovada pelo Legislativo. Legislar sobre Orçamento é função imprescindível, única e específica do Poder Legislativo, não competindo a nenhum outro Poder tratar suas regras", disse em entrevista à rádio Jovem Pan.

Centrão e Bolsonaro

O recuo do presidente em relação às ameaças às eleições de 2022 foi reflexo da costura política com o centrão para salvar o mandato do presidente, como mostrou a Folha.

Dirigentes desses partidos embarcaram no governo e impuseram, como uma das condições para caminharem juntos em 2022, que Bolsonaro cessasse as ameaças de golpe e ao sistema eleitoral.

O acordo envolveu maior acesso do Congresso às verbas federais, e certa tolerância, por parte de líderes do centrão, com o discurso negacionista de Bolsonaro sobre a Covid-19.

Sob a tutela do grupo, que entrou no governo no seu momento de maior fragilidade, com mais de uma centena de pedidos de impeachment, o Planalto de Bolsonaro se profissionalizou e aderiu de vez à dança do toma lá dá cá.

Um dos principais aspectos desse casamento é que os dirigentes de partidos como PP, PL e Republicanos sempre deixaram claro que não embarcam em aventuras golpistas.

Questionar o sistema eleitoral do qual precisam para se eleger não faz parte do repertório do centrão. Segundo relatos, foram categóricos ao explicar isso a Bolsonaro.

Indicação de André Mendonça ao STF

A indicação de André Mendonça para uma vaga no Supremo se tornou uma das principais disputas políticas do ano, envolvendo o Palácio do Planalto e o presidente da CCJ, senador Davi Alcolumbre (DEM-AP).

Bolsonaro cumpriu sua promessa de indicar um candidato "terrivelmente evangélico" e enviou ao Senado o nome de Mendonça no dia 13 de julho deste ano.

No entanto, Alcolumbre manteve a indicação em sua gaveta, recusando-se a pautar a sabatina do indicado pelo chefe do Executivo. Nos bastidores, atribui-se a resistência do presidente da CCJ a sua preferência pelo atual procurador-geral da República, Augusto Aras, para a vaga no STF.

Além disso, Alcolumbre entrou em rota de colisão com o Planalto ao perder o controle sobre a distribuição de emendas parlamentares.

Foram mais de quatro meses de disputa, até Alcolumbre anunciar que marcaria a sabatina, após pressão de evangélicos, de parlamentares e até mesmo do seu aliado, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco.

No início de dezembro, a Casa aprovou a indicação. O placar foi de 47 votos a favor e 32 contra —houve duas ausências dentre os 81 senadores.

Eram necessários pelo menos 41 votos para a confirmação da indicação de Mendonça no plenário. A quantidade de votos a favor no Senado foi a mais baixa obtida dentre todos os atuais integrantes do STF.

mundo

EUA promovem caçada para revelar ligações de acadêmicos com a China

Pesquisadores comparam iniciativa para coibir roubo de segredos com perseguição da Guerra Fria

Lúcia Guimarães

NOVA YORK No final de 2021 a Justiça dos Estados Unidos condenou um dos mais importantes cientistas do país na área de nanociência por mentir sobre vínculos acadêmicos e financeiros com a China.

Charles Lieber, 62, pode pegar até 26 anos de prisão, por causa de seis acusações: duas de mentir para o governo e quatro de evasão de impostos — a data da sentença não foi determinada, e o cientista, hoje em licença remunerada como diretor do Departamento de Química da Universidade de Harvard, está no estágio final de um linfoma incurável.

É um episódio extraordinário de mergulho em desgraça para um acadêmico celebrado, mas apenas um dentre dezenas de casos investigados pelo Departamento de Justiça dos EUA nos últimos anos, no que ficou conhecido como Iniciativa da China.

A preocupação americana com o roubo de segredos industriais e o esforço do governo chinês para recrutar espiões não é nova, mas em 2018 o governo do então presidente Donald Trump implementou uma espécie de caçada para forçar acadêmicos que captam fundos de pesquisa do governo federal a revelar vínculos com instituições chinesas.

A maioria dos indiciados é de chineses étnicos — naturalizados ou imigrantes—, o que tem gerado comparações com a cruzada anticomunista da Guerra Fria, nos anos 1950.

O caso de Lieber era tido como um teste para a força das acusações do Departamento de Justiça, depois que mais de 2.000 acadêmicos denunciaram ao secretário Merrick Garland um clima de discriminação racial e intimidação, pedindo o fim da Iniciativa.

O arquiteto do esquema, o ex-promotor Andrew Lelling, hoje na iniciativa privada, afirma à **Folha** que nunca houve motivação racial nas investigações. "Vários acadêmicos não compreendiam antes a necessidade de transparência. Nós reforçamos esse ponto."

Lelling diz acreditar que o projeto ainda vai passar por mudanças no governo de Joe Biden, mas ressalta que Trump foi apenas o primeiro presidente a tomar medidas concretas nesse campo — e que seu sucessor tem sido igualmente, senão mais, agressivo.

Mas o que dizer de cientistas que tiveram as finanças e a carreira destruídas? No ano passado, o Departamento de Justiça retirou sete processos do tipo. Em setembro, um pesquisador da Universidade do Tennessee foi absolvido, em um processo que um dos jurados classificou de ridículo.

Anming Hu, ocupante de uma cátedra de nanotecnologia da instituição, foi seguido durante dois anos pelo FBI e acusado de mentir para a Nasa, a agência espacial do país, sobre seu trabalho com os chineses. A universidade começou a cooperar com o governo quando foi informada de que o professor seria agente do governo chinês e o demitiu.

Phil Lomonaco, advogado do pesquisador chinês naturalizado canadense, afirmou à **Folha** que o cliente vai recuperar a cátedra e o status legal que havia perdido na imigração por causa da ação.

Embora não queira comentar sobre casos específicos, Andrew Lelling acredita que a investigação de Hu continha falhas e se diz convencido que a maioria das acusações da Iniciativa da China foi justa.

O advogado de Feng "Franklin" Tao, outro proeminente cientista indiciado, refuta essas conclusões. "Isso é o comentário de quem não conhece a fundo a situação dos professores afetados", afirma Peter Zeindenberg. "Sino-americanos da área de ciências estão vivendo em constante medo, e vários simplesmente decidem retornar à China, por causa do clima de hostilidade."

O engenheiro químico chinês da Universidade do Kansas é residente legal nos EUA e foi indiciado por supostamente não revelar laços com uma instituição chinesa. Seu julgamento está marcado para março, e ele está endividado por causa dos custos de sua defesa — que tenta financiar em uma vaquinha virtual. Se condenado, pode receber pena de até 20 anos de prisão.

Embora negue que o preço pago por indivíduos foi alto demais, o ex-promotor Lelling vê mérito nas queixas de intimidação à cooperação acadêmica. Além da discriminação racial, que nega taxativamente, ele acha que a Iniciativa da China não deve afetar a "válida e saudável" cooperação científica internacional.

"Não se ganha nada mantendo processos a indivíduos. O governo precisa liberar recursos para orientar acadêmicos e investigar o roubo de segredos corporativos", diz.

O professor licenciado de Harvard Charles Lieber
Brian Snyder - 14.dez.21/Reuters

> "Pesquisadores sino-americanos da área de ciências estão vivendo em constante medo, e vários simplesmente decidem retornar à China, por causa do clima de hostilidade
>
> **Peter Zeindenberg**
> advogado de Feng 'Franklin' Tao, da Universidade do Kansas

A embaixada da China em Washington acusou a Justiça americana de discriminação racial e de ter planejado uma cota de casos antes de recolher provas. "É uma nova versão do 'horror branco' do macarthismo", afirmou por email um porta-voz da representação. Segundo o órgão, os EUA não acatam valores de "direitos humanos e igualdade" que "sempre defenderam".

Lieber processou Harvard para ter sua defesa bancada pela universidade e perdeu. Já o vizinho Massachusetts Institute of Technology, o MIT, está pagando os advogados de seu professor de nanotecnologia Gang Chen. Na última semana do mandato de Trump, há um ano, o então promotor Andrew Lelling ordenou a prisão de Chen e o acusou de ser leal ao país de origem — o professor se naturalizou americano há duas décadas.

O MIT não comentou o caso, alegando que o processo está em andamento. Mais de 200 professores da instituição assinaram uma carta de solidariedade a Chen, acusado de recomendar estudantes para postos de pesquisa na Ásia financiados pelo regime chinês e de fraudar o contribuinte americano em bolsas no valor de US$ 19 milhões — de acordo com o MIT, ele não recebeu diretamente esse valor.

O campo de nanociência, comum nos indiciamentos, é especialmente sensível. Trata-se de uma área em que, instituições americanas preveem, a China já se encontra em condições de superar os EUA.

País vai responder a eventual invasão russa na Ucrânia, diz Biden

WASHINGTON | REUTERS E AFP O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, disse que o país "vai responder de forma decisiva" a uma eventual ação militar de invasão da Rússia na Ucrânia. A declaração foi dada em uma conversa por telefone com Volodimir Zelenski, cujo teor foi divulgado em um comunicado da Casa Branca.

Em um tuíte, o presidente ucraniano também comentou a ligação, ressaltando ter sido a primeira conversa internacional de 2022, "provando a relação especial das relações [entre os países]". Segundo ele, o apoio americano e esforços com aliados visam "prevenir a escalada [de ações] e manter a paz na Europa".

O governo dos EUA informou que a conversa tratou de encontros diplomáticos, que devem ser promovidos em breve, para discutir a crise.

Ao comentar a conversa, a secretária de imprensa da Casa Branca, Jen Psaki, também disse que Biden expressou seu apoio aos esforços diplomáticos, inclusive os diálogos entre representantes russos e americanos, previstos para acontecer entre 9 e 10 de janeiro em Genebra, na Suíça.

O democrata disse que é importante que o presidente russo, Vladimir Putin, tome medidas para aliviar a crise antes dessa reunião. Em meio ao aumento das tensões em torno da Ucrânia, os dois líderes se falaram por videochamada na última quinta (30). Na ocasião, alertaram para um possível rompimento na relação entre os países em decorrência da escalada de ânimos.

EUA e Rússia passam por um dos momentos de maior tensão da história recente depois que Kiev e Washington acusaram Moscou de planejar um ataque contra a Ucrânia após acionar dezenas de milhares de soldados. O governo de Zelenski diz que há cerca de 100 mil soldados mobilizados a regiões a cerca de 300 km das fronteiras ucranianas.

A Rússia anexou em 2014 a península da Crimeia, em resposta a uma revolução pró-Ocidente, que derrubou um presidente alinhado ao Kremlin. Os russos também são acusados de apoiar separatistas ucranianos no leste do país.

Na ligação de quinta-feira, Biden voltou a ameaçar a Rússia com sanções econômicas em caso de ataque, o que Putin chamou de "erro colossal".

Em dezembro, o russo havia dito ao primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, que a Otan está ameaçando a Rússia ao expandir suas atividades militares na Ucrânia.

O líder afirmou que as movimentações de tropas de seu lado da fronteira, vistas pelo Ocidente como o prenúncio de uma invasão do vizinho, são uma reação ao que percebe como uma ameaça.

Autoridades do Kremlin afirmam que querem garantias de que qualquer expansão futura da Otan exclua a Ucrânia e ex-repúblicas soviéticas. Os russos afirmam que a aliança militar deve remover o armamento de países da região.

A Rússia nega intenções de invadir o vizinho e aponta para o fornecimento de armamento ocidental para os ucranianos, além dos constantes exercícios militares conjuntos da Otan com forças de Kiev.

A Ucrânia e os parceiros do país na aliança militar ocidental, soaram há meses o alarme sobre a movimentação de tropas russas perto da fronteira, com a possibilidade de um agravamento do conflito. Os EUA disseram no final de 2021 que Putin estaria pronto para invadir o país do leste europeu quando quisesse.

Tal operação poderia ocorrer em janeiro ou fevereiro, de acordo com um relato feito no fim de novembro pela inteligência americana e vazado à agência Bloomberg.

Twitter barra deputada por desinformação sobre vacinas e Covid

A deputada dos EUA Marjorie Taylor Greene teve a conta no Twitter suspensa permanentemente neste domingo (2) após violar políticas de desinformação da rede. A plataforma anunciou o bloqueio à conta pessoal, mais usada pela congressista, mas Greene ainda tem acesso a um perfil oficial. O Twitter não especificou o conteúdo que gerou a punição. Ela vinha fazendo posts antivacina e com desinformações sobre a pandemia. Seguidora de Donald Trump, ela se notabilizou pelo apoio à teoria da conspiração QAnon.

Elmond Jiyane/GCIS/Reuters

INCÊNDIO DESTRÓI ASSEMBLEIA NACIONAL DA ÁFRICA DO SUL

Um incêndio atingiu a sede do Parlamento da África do Sul, na Cidade do Cabo, na manhã deste domingo (2), destruindo completamente a Assembleia Nacional, segundo um porta-voz do Legislativo. Imagens aéreas de TV mostravam enormes chamas emergindo do teto, horas depois do início do incêndio, de causas desconhecidas. "O telhado acima do antigo salão da Assembleia desapareceu por completo e escritórios adjacentes e a academia estão destruídos", detalhou Jean-Pierre Smith, chefe dos serviços de segurança e emergência da cidade, em entrevista. Não há registro de vítimas e não se sabe ainda a dimensão dos estragos a itens armazenados no histórico edifício vitoriano; as informações iniciais eram de que ao menos o original do primeiro hino nacional em africâner, cantado durante o apartheid, já foi seriamente danificado. O presidente Cyril Ramaphosa, ao visitar o local, informou que "uma pessoa foi presa e está sendo interrogada". Trata-se de um homem de cerca de 50 anos.

A força do euro, 20

No ápice, moeda obriga populistas a dar revolta por encerrada

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

O euro celebrou no sábado (1º) duas décadas em circulação no ápice da sua força. Ator central do funcionamento da União Europeia, o Banco Central Europeu se prepara para lançar um programa de financiamento dos países-membros, numa modalidade híbrida de empréstimos e doações. Países como a Grécia vão receber o equivalente a 9% do seu PIB.

De acordo com a última sondagem do Eurobarômetro, o medidor da opinião pública da União Europeia, 80% dos cidadãos das nações que integram o bloco apoiam o euro.

O entusiasmo não deixa de surpreender, tamanha foi a demonização da moeda durante quase toda a sua breve existência. No começo do século, os movimentos antissistema exploraram o aumento do custo de vida gerado pela introdução do euro para radicalizar o debate sobre a União Europeia. A vitória do "não" no referendo sobre o Tratado Constitucional Europeu organizado na França em 2005 marcou o começo de uma era de incertezas.

A partir desse momento, o debate técnico sobre os méritos do novo sistema monetário, que havia sido tão instigante nos anos 1990, deu lugar a uma campanha de fortes tons populistas reunindo libertários adeptos das teses de Milton Friedman (1912-2006), anticapitalistas e nacionalistas.

Depois da crise de 2008 e da imposição de medidas de austeridade brutais nos países do sul do continente, o euro passou a ser caricaturado como peça final de um projeto de colonização dos outros europeus pelos alemães mancomunados com os tecnocratas da UE. Uma retórica delirante, mas tremendamente eficiente, que mais tarde serviu de inspiração para as campanhas a favor do brexit no Reino Unido e contra a OMS ou as Nações Unidas nas Américas.

O episódio do "grexit", quando os gregos votaram massivamente contra um novo plano de ajuste fiscal —em um ato de rebelião contra a União Europeia—, foi um divisor de águas na história do euro.

Mesmo no paroxismo da crise, quando o desmantelamento do sistema monetário parecia ser a única solução possível, o apoio à moeda nunca desceu abaixo de 60%, inclusive nos países mais castigados pela austeridade.

A pandemia só reforçou as convicções pró-euro dos europeus. Hoje, gregos, portugueses e tantos outros estão plenamente conscientes de que seus respectivos governos jamais conseguiriam navegar os mares da pandemia munidos de suas moedas de outrora.

Os dracmas, os escudos de nada serviriam para combater a inflação e estabilizar cadeias de abastecimento. O pesadelo da lira, a moeda turca que acabou de viver seu pior ano em duas décadas, provavelmente se repetiria em outros países europeus.

As evidências a favor do euro são tão fortes que os populistas foram obrigados a dar a revolta por encerrada. Prestes a iniciar sua terceira campanha presidencial na França, Marine Le Pen se posicionará pela primeira vez a favor da manutenção do país na zona do euro. Seu rival na extrema direita Eric Zemmour, que defendeu publicamente o "frexit" durante praticamente toda a carreira de jornalista, também aposentou a bandeira.

Tema estruturante do debate econômico europeu das duas últimas décadas, o euro simplesmente deixou de ser um assunto de campanha.

| SEG. Mathias Alencastro | QUI. **Lúcia Guimarães** | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

O músico sírio Rajana Olba na oficina de alaúdes que montou nos fundos da casa em que mora, na zona sul de São Paulo Adriano Vizoni/Folhapress

Sírio que fugiu da guerra constrói alaúdes no Brasil

Na pandemia, músico Rajana Olba passou a dar aulas online do 'avô do violão'

Flávia Mantovani

SÃO PAULO Cedro, marfim, imbuia, roxinho, abeto, mogno. Enquanto manuseia com cuidado as finas lâminas de madeira, o sírio Rajana Olba, 35, nomeia cada uma delas à reportagem e olha para seus diferentes tons com admiração. "Olha que madeira linda", diz, apontando para um jacarandá.

Elas são a matéria-prima do alaúde, instrumento que Rajana toca desde a adolescência no país natal e que agora também constrói, no quartinho dos fundos da casa onde mora, na zona sul de São Paulo.

"O segredo é ter as medidas certas, a qualidade das madeiras e o fundo, que tem que ser bem fininho, de uns dois milímetros", explica. Apesar da delicada espessura, ele ressalta que o instrumento é resistente. "Quando eu termino, posso jogar no chão e pisar em cima e ele não quebra."

O alaúde, que Rajana descreve como "o avô do violão", é um instrumento de cordas milenar, constituído por uma caixa de madeira em forma de pera, com braço curto de extremidade inclinada e geralmente 11 cordas —cinco duplas e uma simples. É fundamental em grupos de música do Oriente Médio, e a origem de seu nome costuma ser atribuída à palavra "al-oud" (a madeira, em árabe).

Aos 14 anos, depois de muito insistir, Rajana ganhou um alaúde de sua mãe e treinou sozinho em casa, aproveitando o ouvido musical apurado. Além de eletricista e escultor de pedras para construção, suas outras profissões, tornou-se músico e professor.

No Brasil desde 2015, ele também dá aulas e faz shows. Mas veio a pandemia de coronavírus, e as apresentações foram interrompidas. "Há muito tempo eu queria aprender [a fazer alaúdes] e estava esperando o tempo certo", conta. "É muito difícil encontrar alaúdes no Brasil, o frete para importá-los é muito caro e também não é fácil achar pessoas que façam consertos. Tudo isso me levou a tomar a decisão [de se tornar luthier]."

O sírio aprendeu a construir o instrumento da mesma forma que começou a tocá-lo: como autodidata. Recorreu a vídeos e tutoriais no YouTube, mas a experiência como alaudista o ajudou no processo.

Mesmo não encontrando todas as madeiras tradicionalmente usadas na Síria para a fabricação, ele achou opções brasileiras que deram certo.

"Eu molho as madeiras por 24 horas na água, depois dobro e lixo para ficarem retas até encaixarem certinho uma na outra. Quando termino o fundo, começo a fazer o braço, depois faço o tampo, depois preparo as cravelhas e depois as cordas", descreve, enquanto mostra os equipamentos usados em cada uma das etapas. "Cada molde dá um som diferente no final. Esse é mais grave, esse mais agudo."

Rajana conta que demora de 20 a 30 dias para construir cada alaúde. O preço varia de R$ 2.500 a R$ 5.500, dependendo da matéria-prima usada e do modelo do instrumento.

Seus clientes são brasileiros —alguns deles seus alunos— e a maioria já trabalha com música, mas há pessoas que nunca tocaram nada e decidiram começar pelo alaúde. Ele já enviou instrumentos que fabricou a cinco estados, e, na pandemia, dedicou-se também a dar aulas online.

Rajana deixou a Síria em 2012, quando teve início uma guerra civil, ainda em vigor, que já deixou 500 mil mortos no país e milhões de exilados pelo mundo. Ele fugiu da terra natal para não ser obrigado a prestar o serviço militar e ter que lutar no conflito.

Durante três anos, viveu no Líbano, até que em 2015 migrou novamente, desta vez para o Brasil —o único país que, àquela altura, estava concedendo vistos para sírios.

Em terras brasileiras, chegou sem conhecer ninguém nem falar nada de português. Trabalhou como eletricista em São Paulo e como agricultor em uma fazenda do interior do estado. Depois, conseguiu trazer da Síria os pais, dois irmãos e uma irmã.

Com o tempo, Rajana voltou a atuar como músico, criou uma banda de música do Oriente Médico e chegou a fazer shows também como solista, apresentando-se em espaços como a Biblioteca Mário de Andrade e os palcos das unidades paulistas do Sesc.

O sírio que fugiu da guerra e se tornou um construtor de alaúdes também compõe. Uma de suas canções se chama "A Viagem de um Refugiado". Da música nacional, em geral ouve especialmente choro e samba. "O brasileiro gosta de música árabe e de conhecer outras culturas. Isso me ajudou a continuar com meu trabalho", afirma. "Antes de chegar ao país eu não imaginava que a cultura árabe tivesse essa influência aqui."

Em São Paulo, Rajana criou a banda Nikkal, composta por músicos brasileiros e imigrantes que tocam flauta, bateria, piano e derbak (um tipo de tambor de origem árabe). No grupo há ainda uma vocalista libanesa e uma bailarina de dança do ventre.

Mesmo que volte a fazer shows quando um eventual cenário pós-pandemia permitir, ele pretende manter seu trabalho como luthier.

"Gosto tanto de tocar quanto de fazer [instrumentos]. Um completa o outro", afirma. "O alaúde faz parte de mim, está comigo há 22 anos. Traduz meus sentimentos por ele."

20 a 30 dias
tempo que um instrumento leva para ser construído

R$ 5.500
preço a que pode chegar o alaúde, dependendo do modelo e da matéria-prima usada

Ômicron e mau tempo cancelam mais de 4.000 voos no mundo

SÃO PAULO | REUTERS Mais de 4.000 voos foram cancelados no mundo neste domingo (2), cerca da metade deles nos EUA, devido ao mau tempo e ao aumento de casos de Covid provocados pela variante ômicron. Mais de 11,2 mil voos sofreram atrasos globalmente.

O Natal e o Ano-Novo são, em geral, responsáveis por provocar picos no tráfego aéreo, mas a rápida disseminação da nova cepa do coronavírus forçou companhias a cancelarem voos depois de pilotos e comissários se infectarem e terem de entrar em quarentena —provocando suspensões e atrasos de viagens.

O avanço da ômicron levou ao cancelamento de grandes eventos públicos de Ano-Novo em várias cidades, como Paris e Londres.

Os voos cancelados no domingo nos EUA chegaram a mais de 2.400, segundo o site Flight Aware, que compila dados do setor.

A França incluiu o país, onde as novas infecções estão superando 300 mil por dia, em sua lista vermelha, o que significa que viajantes não vacinados terão de fazer quarentena de dez dias.

Anthony Fauci, principal assessor da Casa Branca para assuntos relacionados à pandemia, disse que os EUA devem se concentrar menos no número de infecções e mais no de hospitalizações e mortes.

"Ainda estou muito preocupado com as dezenas de milhões de pessoas que não foram vacinadas porque, embora muitas se tornem assintomáticas e levemente sintomáticas, um grande número vai contrair a doença de forma grave", disse.

Premiê do Sudão renuncia após mortes em ato

CARTUM | AFP E REUTERS O primeiro-ministro do Sudão, Abdallah Hamdok, anunciou neste domingo (2) sua renúncia, seis semanas após retornar ao posto. Derrubado em um golpe em outubro, Hamdok foi reinstalado em novembro após acordo com os militares.

A decisão foi tomada depois de ao menos dois manifestantes serem mortos pelas forças de segurança em protestos contra o regime, segundo o Comitê Central de Médicos Sudaneses.

entrevista da 2ª

Rubens Cavallari/Folhapress

Gina Abercrombie-Winstanley, 64
Ingressou no serviço de Relações Exteriores dos EUA em 1985 e serviu em diferentes embaixadas no Oriente Médio, onde foi a primeira mulher a chefiar uma missão diplomática na Arábia Saudita. Estudou nas universidades George Washington e Johns Hopkins e ocupou cargos seniores na Casa Branca e no escritório de contraterrorismo do Departamento de Estado

Gina Abercrombie-Winstanley

Em meio a brancos em SP, me perguntei 'ok, cadê o resto?'

Chefe de diversidade da diplomacia dos EUA reconhece situação distante do ideal em seu país e vê risco com 'efeito rebote' a mudanças na sociedade

MUNDO

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO É difícil para os Estados Unidos saírem por aí dando lições de diversidade para o resto do mundo porque também eles têm todo um dever de casa a fazer. É o que afirma Gina Abercrombie-Winstanley, 64, que assumiu em abril o recém-criado cargo de chefe de Diversidade e Inclusão do Departamento de Estado americano, novidade do governo Joe Biden.

"Não sendo os EUA perfeitos, não há uma nação para a qual possamos pregar e dizer 'você deveria fazer assim ou assado'", diz à **Folha**, em uma conversa na residência do cônsul-geral de seu país.

O Brasil foi sua primeira parada num giro internacional, o primeiro desde que assumiu a posição. Em sua passagem por São Paulo, no começo de dezembro, a diplomata que serviu como embaixadora em Malta pelos quatro anos finais da gestão Barack Obama não esbarrou com muitas pessoas negras como ela.

"Certamente notei que a maioria das pessoas que vi era branca. Com certeza mais claras do que eu. E sabendo que a população é próxima do 50%-50% [entre negros e brancos], eu me perguntei: 'Ok, cadê todo o resto?'", conta.

Abercrombie-Winstanley já definiu o Departamento de Estado como "pale, male and Yale" —branco, masculino e com muitas cabeças importadas de Yale, uma das universidades prediletas da elite americana. Apesar de o jogo está mudando, ainda tem chão pela frente, diz. "Não estamos onde deveríamos estar."

> "A realidade é que minha posição [como chefe de diversidade da diplomacia dos EUA] é necessária. Falamos sobre a necessidade de verdadeiramente abraçar e viver os valores [de igualdade], mas, como sociedade, não alcançamos o lugar onde alegamos querer estar

A diplomata reconhece que a agenda da diversidade provoca o efeito "backlash", como chamamos um rebote agressivo de grupos relutantes a mudanças sociais em marcha. Daí a robustez da ultradireita hoje, com sua aversão a pautas identitárias em ascensão.

Aqui Abercrombie-Winstanley vai de Nina Simone: "Em 1976, ela escreveu uma canção chamada 'Backlash Blues'. Então não é um tema novo."

*

O que traz a senhora ao Brasil? É minha primeira viagem nessa nova posição no Departamento de Estado, e [o país é] minha primeira parada no meu giro pelo mundo. O Brasil era particularmente atraente, porque temos essa ótima parceria. Compartilhamos um compromisso com a democracia. E nós, como uma nação diversa, sabemos que com vocês, também uma nação diversa, compartilhamos uma série de desafios.

A sra. visitou uma exposição sobre Carolina Maria de Jesus [1914-1977], no Instituto Moreira Salles. Gostou? Sim, fascinante! Terei que voltar também ao Masp, ambos eram fascinantes. Eu não sabia nada sobre ela antes de chegar lá. Foi inspirador, como pessoa negra e como mulher negra, ver alguém batalhar até conseguir que sua voz fosse ouvida em tempos tão difíceis para mulheres, que dirá para mulheres negras.

Em geral, lugares frequentados pelas classes sociais mais altas do Brasil têm mais pessoas brancas, ainda que mais da metade da população seja composta por pretos e pardos. Qual foi sua primeira impressão sobre a diversidade no país? Foi uma viagem curta, então posso falar apenas de forma limitada sobre São Paulo. Certamente notei que a maioria das pessoas que vi era branca. Com certeza mais claras do que eu.

E sabendo que a população é próxima do 50%-50% [no Brasil, 56,2% se dizem pretos ou pardos], eu me perguntei: "Ok, cadê todo o resto?". Então terei que voltar para poder ter um panorama maior.

A sra. disse, em entrevista ao Huffington Post, que costumava ver um Departamento de Estado americano "pale, male and Yale" [branco, masculino e formado em Yale]. Isso mudou? Sim. Há muito mais gente que vem de outras universidades que não Yale ou outras instituições de elite. Mas não estamos onde deveríamos estar. A realidade é: minha posição [como chefe de diversidade] é necessária.

Falamos sobre a necessidade de verdadeiramente abraçar e viver os valores [de igualdade]. Todo mundo precisa ter a mesma oportunidade.

> Eu afirmei por diversas vezes que, ao falar sobre inclusão e diversidade, nenhum de nós deveria ficar na defensiva, porque todos nós podemos cometer erros. Não sendo os EUA perfeitos, não há uma nação para a qual possamos pregar e dizer "você deveria fazer assim ou assado", porque afinal também estamos descobrindo nosso caminho

Todo americano é igual. Fomos criados desde cedo com essa ideia. E ainda assim, como sociedade, não alcançamos o lugar onde alegamos querer estar. Dentro do Departamento de Estado, na gestão Biden, estamos empolgados sobre as possibilidades de fazer valer nossas palavras. Então, temos trabalho a fazer.

O que a sra. acha das políticas afirmativas para a inclusão de negros? Temos uma decisão [judicial] de 1978, faz tempo. A Suprema Corte limitou nossa capacidade de usar cotas, isso criou uma dificuldade para conseguirmos implementar mudanças. Temos que ser mais criativos, pensar fora da caixa, para tentar chegar aonde queremos. Na minha organização, quando queremos contratar alguém, insistimos que os candidatos sejam diversos. E tentamos selecionar o melhor entre eles.

Nos últimos anos, a ultradireita tem ganhado poder ante o avanço de agendas identitárias. É o tal efeito rebote ["backlash"]? Sim. Alguém usou essa palavra comigo ontem. Me lembrou de Nina Simone. Em 1976, ela escreveu uma canção chamada "Backlash Blues". Não é um tema novo.

Acho que, com qualquer mudança, o rebote vem. As pessoas sempre vão ser relutantes diante da mudança. Ainda que você entenda que o destino final é onde precisamos estar, nós somos preguiçosos, acomodados. Então é preciso o dobro de energia. Rebotes têm sim acontecido, e nós os superamos.

Quais foram os efeitos dos anos de Donald Trump na Presidência nas políticas de diversidade dos EUA? Houve o rebote. As pessoas que resistiram a mudanças acharam que fomos longe demais ou que fomos rápido demais. Mas acredito que a maioria de nós sabe —não apenas acredita, sabe— que nossa força vem da nossa diversidade.

O presidente Jair Bolsonaro tem um histórico de colisões com grupos que defendem o direito de minorias: os movimentos feminista, negro, LGBTQIA+. O governo americano acha que esses temas têm sido respeitados no Brasil? Estamos tentando mostrar por meio do nosso exemplo. Temos uma parceria com o Brasil, trabalhamos juntos, reconhecemos os desafios em comum. Mas cada país tem um jeito de se dirigir a eles a partir de suas próprias circunstâncias. Nenhum de nós é perfeito, deixe-me ser clara.

Eu afirmei por diversas vezes em minha estadia aqui que, quando falo sobre inclusão e diversidade, nenhum de nós deveria ficar na defensiva, porque todos nós podemos cometer erros. Não sendo os EUA perfeitos, não há uma nação para a qual possamos pregar e dizer "você deveria fazer assim ou assado", porque afinal também estamos descobrindo nosso caminho.

Kamala Harris, a primeira mulher negra eleita vice-presidente dos EUA, tem recebido fortes críticas por seu desempenho no cargo. Vê um componente racial aí? Pela minha própria experiência, e qualquer mulher concordaria, é difícil estar sob os olhos públicos —com certeza na política, um ambiente dominado por homens. As pessoas vão ser rápidas em apontar seus passos em falso, ou qualquer coisa que você vá fazer que fuja da norma. Certamente, questões de gênero estão envolvidas, raciais muito provavelmente também. É difícil ser a primeira, é difícil.

Acha que os EUA ainda são um país racista? Bom... Não sei se posso falar pelo país inteiro. Acho que reconhecemos que temos trabalho a fazer. E começa com uma avaliação honesta sobre onde estamos e aonde precisamos ir.

folhainvest

Alta global de juros desafia investidor brasileiro em 2022

Fundos internacionais listados na B3 permitem alinhar proteção e oportunidades

Clayton Castelani

SÃO PAULO A virada do ano traz desafios adicionais para o investidor. Os principais bancos centrais do mundo confirmaram apertos monetários para conter a inflação global, enquanto a variante ômicron da Covid-19 gera questionamentos sobre a retomada econômica.

Ventos incertos levaram Bolsas de Valores dos Estados Unidos e da Europa a operar sem direção. Analistas ainda estão tateando um ambiente pouco comum na história recente das finanças em países desenvolvidos.

Ao mesmo tempo, há um cenário interno instável para os brasileiros que estão na Bolsa por causa da disputa eleitoral deste ano que, em diferentes aspectos, já contamina negativamente os ânimos.

Bolsas de Valores de países emergentes, como o Brasil, são duplamente prejudicadas pelos dois movimentos anunciados em 15 de dezembro pelo Fed (Federal Reserve, o banco central americano).

O primeiro desses movimentos é a aceleração do chamado "tapering", o que significa o afilamento mais rápido do fluxo de bilhões de dólares que o governo vinha colocando no mercado por meio de compras de títulos desde o início da pandemia.

O programa será encerrado em março, não mais em junho, como estava previsto.

Isso diminui a quantidade de recursos para investimento ou, como se diz no jargão do mercado, reduz a liquidez. Menos dinheiro significa menor disposição para aplicar em mercados mais arriscados.

A segunda medida é a elevação dos juros, com previsão de ocorrer em três etapas a partir de março. Isso significa que o investimento mais seguro do mundo, o título do Tesouro americano, passa a ser mais rentável.

Bolsas em todo o mundo ficarão menos atrativas —e as de países em desenvolvimento tendem a perder mais, diz Marcos Mollica, gestor do Opportunity Total. "A aproximação de alta de juros vai aumentar a volatilidade, especialmente no mercado de ações e em mercados emergentes."

Em resumo: "A perspectiva de alta do juro americano mais cedo do que o esperado gera um fluxo de capitais para os EUA, piorando o cenário para emergentes", afirma Étore Sanchez, economista-chefe da Ativa Investimentos.

O efeito de um ciclo de alta de juros no exterior também corrige distorções provocadas pelo processo inverso, como foi o boom de ações de tecnologia e dos criptoativos, segundo João Beck, economista e sócio da BRA.

"A taxa de juros muito baixa, e por muito tempo, estimula investidores a recorrer a empresas de tecnologia e criptoativos em busca de rentabilidade. Poderemos ver durante um tempo a reversão dessa tendência", comenta Beck.

Compreendida a nova dinâmica do mercado, convém calibrar a cesta de investimentos.

Embora analistas recomendem algum reforço em renda fixa, para aproveitar a tendência de alta dos juros, que no Brasil começaram a subir com força antes de o movimento ocorrer no exterior, isso não significa zerar posições em renda variável.

"É preciso evitar decisões binárias. Vamos ter renda fixa e variável o tempo todo", recomenda João Vitor Freitas, analista da Toro Investimento.

Bé-á-bá da cartilha de analistas financeiros, a diversificação das aplicações é indicada para diminuir a volatilidade nesses tempos de dúvidas.

Mas não é só isso. Sofisticar a carteira com a introdução de ativos que melhor refletem a tendência dos mercados globais pode colocar até mesmo investidores conservadores em linha com as oportunidades trazidas pela crise.

Considerando que a renda variável no Brasil enfrenta múltiplos desafios, uma exposição bem estruturada a ativos no exterior traz vantagens.

Participar de fundos de investimentos que facilitam a aplicação em índices dos principais mercados globais por meio dos ETFs (Exchange Traded Funds) listados na B3, a Bolsa de Valores brasileira, é a opção mais simples e acessível.

Por replicar o índice S&P 500, que reúne as 500 principais empresas listadas na Bolsa de Nova York e na Nasdaq, o IVVB11 tem presença certa em quase qualquer carteira que busca uma participação equilibrada no mercado acionário global.

Empresas consolidadas tendem a sofrer menor impacto da alta dos juros, diferentemente do que ocorre com pequenas companhias do setor de tecnologia com grande potencial de crescimento, cuja expectativa é de formação de caixa futuro. Por isso a Nasdaq, mercado que concentra esse tipo de empresa, oscila mais ante a expectativa de alta dos juros.

Abrir mão das empresas de grande crescimento, porém, pode significar perder oportunidades de ganhos devido a uma nova guinada na política monetária dos EUA. O agravamento da crise sanitária pode mudar os planos de aumento dos juros, conforme deixou claro o presidente do Fed, Jerome Powell.

O ETF Investo USTK, que segue o índice MSCI US Investable Market Information Technology 25/50, é a opção recomendada por Freitas para que o investidor brasileiro mantenha sua participação no mercado de tecnologia americano.

A vantagem desse índice é a participação de pequenas, médias e grandes empresas, o que aumenta sua capacidade de oscilar menos em períodos instáveis.

Freitas diz que a composição da carteira de renda variável deve ser feita de forma simultânea à construção de uma reserva de emergência baseada em renda fixa.

Meio-termo entre renda fixa e variável, fundos multimercados com exposição a títulos do Tesouro americano são opções simplificadas para diversificação focada na alta dos juros nos Estados Unidos. "Nesse caso, é preciso conhecer bem o perfil e a política do fundo antes de investir", alerta Freitas.

Investimentos no exterior ainda trazem uma camada de proteção à variação do câmbio, que deve continuar pressionado pela expectativa de aumento do risco fiscal em 2022.

Reserva de longo prazo para proteção do patrimônio, o ouro também é acessível por meio de um ETF listado na B3, o GOLD11.

"Em momentos de instabilidade em diferentes partes do mundo, investidores correm para o Tesouro americano e para o ouro", comenta Freitas.

Cinco dicas para enfrentar a alta dos juros

1 O investimento em Bolsa deve ser pensado a longo prazo. Evite liquidar ações nas quais você acredita devido a variações momentâneas

2 ETFs são formas simplificadas de investir em fundos no exterior, permitindo proteção contra riscos internos e quanto à alta do dólar

3 O setor de commodities ganha com a alta do dólar, e isso compensa o aumento do custo operacional devido à elevação dos juros no Brasil

4 A diversificação geográfica com ações de empresas com operações em diversas partes do mundo ajuda a carteira a absorver choques locais

5 Invista conforme o seu perfil. Conservadores que aumentam muito a exposição ao risco tendem a perder dinheiro quando a Bolsa cai

O presidente do Federal Reserve, Jerome Powell (na TV), anuncia aperto na política monetária dos EUA Andrew Kelly - 15.dez.21/Reuters

Como foram os investimentos em 2021

Valores acumulados até esta quinta (30) ou fechamento mais recente
Em %

Fonte: Economatica

Qual é o seu plano para 2022?

Compre a partir de hoje um presente para você, para ser entregue aos 70 anos de vida

Marcia Dessen

Planejadora financeira CFP ("Certified Financial Planner"), autora de "Finanças Pessoais: O Que Fazer com Meu Dinheiro"

Nossa velhice promete ser longa, estamos vivendo mais, e queremos nos aposentar mais cedo. Isso pode ser um paradoxo... o tempo da aposentadoria pode ser maior do que o tempo que passamos trabalhando. Precisamos de um bom patrimônio para bancar essa que pode ser a fase mais longa de nossas vidas.

Sempre que um ano novo começa é tradição que façamos planos, promessas, intenções, esperançosos com os novos tempos.

Aproveito a oportunidade para propor uma meta para o seu planejamento de 2022: um presente seu, para você, data de entrega aos 70 anos de idade, uma mesada de R$ 1.000 durante 30 anos, até os cem anos de idade. Gostou da ideia? Então mãos à obra.

Três ingredientes farão o bolo crescer: 1) a quantidade de dinheiro depositada todos os meses; 2) o tempo de acumulação, ou seja, quando começaremos a investir; e 3) a rentabilidade ao longo do tempo.

Como a rentabilidade não depende de nós, seja conservador, pense em taxa real de juros, acima da inflação, e líquida, deduzidos os custos e impostos. As outras duas, quanto investir e quando começar a fazer isso, são decisões nossas, cada um de nós decide o que fazer para garantir um futuro sustentável. Posso garantir que, quanto mais cedo começarmos a poupar para o futuro, menor será o esforço.

Preciso trazer números para deixar essa meta mais tangível e ajudar a responder a uma pergunta em que todos devem estar pensando: quanto preciso investir para "ganhar" uma renda mensal de R$ 1.000 durante 30 anos, dos 70 aos 100 anos de idade?

Com a ajuda de uma calculadora financeira e utilizando uma taxa de juros real líquida de 2% ao ano, identifico que precisamos de cerca de R$ 270 mil para permitir saques mensais de R$ 1.000, até que o capital se esgote 30 anos depois.

A segunda pergunta é: quanto preciso poupar todos os meses para acumular os R$ 270.000 aos 70 anos?

Utilizando a mesma premissa de juros, a resposta depende do tempo de acumulação, ou seja, com que idade começaremos a investir para atingir essa meta.

Quem começa a poupar aos 30 anos investe R$ 370 por mês. Como o tempo de acumulação será longo, 40 anos, investe R$ 370 para ter uma renda futura de R$ 1.000! Isso mesmo, resgata quase três vezes o valor aplicado. Qual é a mágica? O tempo e os juros!!

Quem começa aos 40 anos investe R$ 550, para sacar cerca de duas vezes o que depositou, nada mal! O tempo de acumulação e o de desacumulação são os mesmos, 30 anos.

Quem começa aos 50 faz um esforço maior, investe R$ 918, praticamente o mesmo valor que irá sacar. Sabe por quê? Porque o tempo de acumulação será menor do que o tempo de desacumulação.

Quem começa aos 60 anos, somente dez anos antes da data em que os saques começarão a ser feitos, terá um enorme desafio pela frente, investe cerca de R$ 2.000 todos os meses para sacar metade do que depositou. Provavelmente se arrependerá de não ter começado a pensar no futuro quando ainda era jovem...

Para projetar saques maiores, de R$ 2.000 ou R$ 3.000, por exemplo, basta multiplicar os números por 2 ou 3. E lembre-se de que se trata de uma simulação, considerando juros reais líquidos de 2% ao ano ao longo do tempo.

Não será fácil sacrificar um pouco do prazer imediato para uma meta distante, que ainda não é percebida como necessária. Mas não se esqueça do propósito: um presente seu, de você hoje, para você aos 70 anos.

Feliz ano novo!

marcia.dessen@gmail.com

mercado

É preciso coragem para mudar o modelo econômico fracassado do país

Um plano nacional de desenvolvimento pactuado entre os setores público e privado abriria uma nova rota para o crescimento

PENSAMENTO ECONÔMICO DE CIRO GOMES (PDT)

Nelson Marconi
É professor da FGV-Eaesp, foi coordenador do programa de governo de Ciro Gomes em 2018

Ilustração Luciano Veronezi

A economia brasileira está comendo poeira há muito tempo. Em 1980, nosso PIB per capita era 15 vezes maior que o chinês e 1,6 vez superior ao sul-coreano; em 2020, equivalia, respectivamente, a apenas 79% e 26% do observado nesses países.

O que fizeram os asiáticos? Perceberam que os países mais bem-sucedidos incentivam a indústria e os setores importantes ao redor; logo, ampliaram sua participação no mercado internacional via exportações de manufaturados, usando e abusando de planejamento, boas práticas macroeconômicas, políticas de desenvolvimento científico e tecnológico e educação, focando áreas estratégicas e sempre defendendo os interesses de seus países.

Por aqui, entregamos nosso mercado interno, de mão beijada, via moeda apreciada, aos produtores de outros países, sem expandir as exportações de manufaturados; enquanto as vendas no varejo, descontada a inflação, hoje são o dobro do que eram em 2003, a produção industrial está no mesmo patamar de 2005.

Criaram-se todas as dificuldades possíveis para os produtores locais eficientes atuarem nos mercados interno e externo: além do câmbio, juros altos, estrutura tributária distorcida, políticas industriais ineficazes, investimento insuficiente em educação e ciência e tecnologia e má qualidade dos gastos públicos.

Como resultado, nos desindustrializamos e hoje sentimos a pior consequência desse processo: deixamos de gerar bons empregos e as pessoas estão tendo de se virar na informalidade, em ocupações muito mais precárias, e o PIB per capita do Brasil atual é igual ao de 2010. Perdemos 11 anos.

É possível reverter esse cenário e voltarmos a gerar bons empregos, que é um de nossos objetivos principais, e estimular o real empreendedorismo? Certamente que sim!

Precisamos investir mais em educação? Lógico, e o Ceará de Ciro Gomes e seus sucessores é um exemplo mundial. Precisamos participar mais do comércio internacional? Sim, mas estimulando as exportações, não aniquilando os produtores locais. Como fazer?

Primeiro, é necessário estruturar um cenário macroeconômico favorável a quem produz: devemos equacionar a questão fiscal a médio prazo, tornando a trajetória da dívida pública sustentável, via redução de subsídios e isenções, da mudança da lógica orçamentária —que premia quem gastou mais no passado, da instituição de tributação progressiva sobre lucros e dividendos, heranças e patrimônio, desonerando com pensatoriamente a produção, e da melhoria na qualidade do gasto público.

Assim, neutralizam-se as pressões contrárias à queda da taxa de juros, viabiliza-se a manutenção da taxa de câmbio em um patamar competitivo e os investimentos públicos de que necessitamos para retomar o crescimento neste momento. Também são fundamentais ações para reduzir a inflação e o endividamento privado.

Do ponto de vista estratégico, vemos que EUA, Alemanha e França criaram planos para recuperar suas indústrias e seu espaço na economia mundial, incluindo elevados gastos em infraestrutura e pesquisa e desenvolvimento. Não há como agirmos de outra forma.

Um plano nacional de desenvolvimento pactuado entre os setores público e privado, nos moldes defendidos por Ciro, é essencial, prevendo tanto o desenvolvimento científico e tecnológico como a redução de desigualdades e a melhoria de indicadores sociais, que se recuperarão com a melhoria na qualidade dos empregos, o avanço educacional e políticas específicas para os mais desfavorecidos. A gestão pública deverá ser reorientada para o alcance das metas desse plano, atuando de forma matricial, monitorando e cobrando resultados e premiando o bom desempenho.

A pauta ambiental constitui uma oportunidade de investimentos: o desenvolvimento de novas fontes de energia, a reorientação do uso do petróleo, as alterações na forma de produzir carnes e outros alimentos, a implantação de uma infraestrutura de baixo uso de carbono e os necessários avanços tecnológicos na área da saúde, por exemplo. Todos esses fatores estimularão a inovação e a sofisticação tecnológica, incluindo a microeletrônica, softwares e inteligência artificial. E pensemos em todos os serviços que serão demandados por essas atividades.

Há, sim, muito espaço para retomar o crescimento, os bons empregos e a dignidade do povo brasileiro. Mas é necessária disposição e coragem para mudar o modelo econômico fracassado que impera há décadas.

AGENDA

Segunda, 3
Ciro Gomes (PDT)
Por Nelson Marconi

Terça, 4
João Doria (PSDB)
Por Henrique Meirelles

Quarta, 5
Luiz Inácio Lula da Silva (PT)
Por Guido Mantega

Quinta, 6
Sergio Moro (Podemos)
Por Affonso Celso Pastore

+ Série traz pensamento econômico dos pré-candidatos à Presidência

Nesta semana, o caderno Mercado publica artigos sobre questões econômicas consideradas sensíveis pelos principais pré-candidatos à Presidência na eleição deste ano. A proposta é dar início ao debate de temas que devem nortear boa parte da campanha — como reduzir o desemprego e a desigualdade, elevar a renda, fomentar a inovação, modernizar o ambiente de negócios, aprimorar a credibilidade do arcabouço fiscal, enfim, colocar o Brasil na rota do crescimento estruturalmente robusto e ambientalmente sustentável a longo prazo. Os artigos, assinados por economistas que participam do grupo de apoio aos pré-candidatos, são publicados diariamente em ordem alfabética.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Aglomeração

O número de casos positivos detectados nos testes rápidos de Covid-19 nas farmácias, que havia despencado nos últimos meses, voltou a subir durante as festas de Natal e Ano Novo, de acordo com o monitoramento da Abrafarma (associação que reúne grandes redes de drogarias). O volume de resultados positivos saltou de 524 no dia 1º de dezembro, quando 10 mil exames foram feitos, para 5.334, do total de 31.332 exames realizados no dia 29 de dezembro.

FEBRE A demanda pelos testes voltou a subir no fim de novembro, após o surgimento da ômicron e o surto de gripe. O aumento da procura pelo serviço registrado às vésperas das festas também aconteceu no fim de 2020. O aquecimento é atribuído ao movimento dos consumidores preocupados em saber se não estavam contaminados antes de participar dos eventos.

TERMÔMETRO De acordo com as farmácias, não chegou a faltar teste, mas as agendas ficaram cheias. Desde que o serviço começou a ser oferecido, em abril de 2020, as drogarias realizaram mais de 12 milhões de exames rápidos, incluindo testes para antígenos e anticorpos e do tipo PCR. O levantamento da Abrafarma abrange 3.000 farmácias.

PISTA A trajetória de recuperação da malha de voos domésticos se beneficiou das viagens de fim de ano e avançou mais um pouco em dezembro para as companhias brasileiras, que registraram média de 2.036 decolagens diárias, segundo levantamento da Abear (associação do setor).

TURBINA No mês, as empresas superaram 85% da malha doméstica operada em março de 2020, antes da chegada do vírus, que arrebatou o mercado. Em abril daquele ano, a oferta diária de voos despencou para menos de 7%, ou seja, só 163 voos por dia.

JANELA A retomada rumo ao patamar de voos pré-pandemia começou a dar sinais mais firmes no meio deste ano, quando a malha saltou de 51% em junho para 68% em julho, segundo a Abear.

TURBULÊNCIA Eduardo Sanovicz, presidente da associação, prevê recuperação total em março ou abril de 2022. Segundo ele, o setor ainda enfrenta dificuldades como o aumento do preço do combustível de aviação e a escalada do dólar, que afeta os custos da operação.

PASSAPORTE Para o mercado de voos internacionais, que ainda gira em torno de 40% da malha anterior à pandemia, a previsão de recuperação total fica para o fim de 2023.

DOIS EM UM A participação de Henrique Meirelles na coordenação do programa econômico da candidatura de João Doria para presidente não tira dele a pretensão de concorrer ao Senado por Goiás. O ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco Central afirma que pretende tocar as duas atividades ao mesmo tempo.

TRABALHO EM GRUPO O comitê econômico de Doria vai dividir a carga de trabalho entre vários nomes. O tucano já disse que não quer um comandante principal para chamar de seu posto Ipiranga, como fez Bolsonaro com Paulo Guedes. Além de Meirelles, a equipe terá outros representantes, como Ana Carla Abrão, Zeina Latif e Vanessa Canado.

FILME A Disney pode perder o controle de alguns de seus personagens mais queridos, que estão programados para entrar em domínio público neste ano. A história do Ursinho Pooh foi lançada em 1926 e, de acordo com a legislação americana, os direitos autorais expiram 95 anos após primeira publicação. A empresa manterá os direitos dos personagens criados depois, como o Tigrão, que veio em 1928.

BIOGRAFIA Os personagens foram baseados no filho do produtor Alan Alexander Milne, Christopher Robin, e seus bichos de pelúcia, incluindo Pooh, Bisonho, Tigrão e Leitão.

AULA A Fundação Lemann investiu aproximadamente R$ 300 milhões em ações educacionais em 2021, segundo a carta anual do diretor da entidade, Denis Mizne, enviada aos conselheiros para descrever as ações do período. Criada por Jorge Paulo Lemann, a fundação, que neste ano completa 20 anos, direcionou grande parte dos recursos de 2021 a organizações como Bem Comum, Gesto e Reúna.

INCLUSÃO Na missiva deste ano, Mizne destacou a diversidade. Segundo ele, a fundação elevou de 12% para 32% a presença de pessoas negras em seus quadros em 2021, e o encontro anual da rede de líderes teve mais de 60 lideranças negras, seis vezes mais do que quatro anos antes.

com Ana Paula Branco

Bilionários ficam US$ 1 trilhão mais ricos em 2021 em meio à crise da pandemia de Covid

SÃO PAULO A fortuna somada das 500 pessoas mais ricas do mundo aumentou em mais de US$ 1 trilhão (R$ 5,57 trilhões) em 2021, segundo o índice de bilionários da Bloomberg.

O patrimônio líquido somado desse clube agora ultrapassa US$ 8,4 trilhões (R$ 46,9 trilhões), mais do que o PIB individual de todos os países, exceto China e Estados Unidos.

Dez fortunas superam a marca de US$ 100 bilhões (R$ 557,9 bilhões). Essa dezena de superbilionários ficou quase US$ 386 bilhões (R$ 2,15 trilhões) mais rica. Mais de 200 patrimônios passam de US$ 10 bilhões (R$ 55,8 bilhões), diz agência. **(CC)**

+ CHINA FOI NA CONTRAMÃO

A elite financeira chinesa teve seu pior ano desde que a agência começou a monitorar riquezas, em 2012. As perdas superaram US$ 61 bilhões

DEZ MAIORES FORTUNAS * Índice de Bilionários Bloomberg

1º Elon Musk (EUA)
- Fortuna US$ 270 bi
- Ganho no ano US$ 114 bi

2º Jeff Bezos (EUA)
- Fortuna US$ 192 bi
- Ganho no ano US$ 2,04 bi

3º Bernard Arnault (França)
- Fortuna US$ 178 bi
- Ganho no ano US$ 63,6 bi

4º Bill Gates (EUA)
- Fortuna US$ 138 bi
- Ganho no ano US$ 6,39 bi

5º Larry Page (EUA)
- Fortuna US$ 128 bi
- Ganho no ano US$ 46 bi

6º Mark Zuckerberg (EUA)
- Fortuna US$ 125 bi
- Ganho no ano US$ 22 bi

7º Sergey Brin (EUA)
- Fortuna US$ 124 bi
- Ganho no ano US$ 43,7 bi

8º Steve Ballmer (EUA)
- Fortuna US$ 120 bi
- Ganho no ano US$ 39,3 bi

9º Warren Buffett (EUA)
- Fortuna US$ 109 bi
- Ganho no ano US$ 21,3 bi

10º Larry Ellison (EUA)
- Fortuna US$ 107 bi
- Ganho no ano US$ 27,5 bi

INDICADORES

JUROS
Dez., em % ao mês — Mínimo / Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,23

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência dezembro

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín.	R$ 1.100,00	20%	R$ 220,00
Valor máx.	R$ 6.433,57	20%	R$ 1.286,71

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 17.jan

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.100	5%	R$ 55,00

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.100	7,5%
De R$ 1.100,01 a R$ 2.203,48	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jan. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,32	Valor, em R$
Empregado	116,66
Empregador	255,26

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.jan. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Campos Neto fará 6ª carta da história para justificar inflação fora da meta

IPCA deve encerrar 2021 com variação superior a 10%, quase o dobro do teto previsto, de 5,25%

Larissa Garcia

BRASÍLIA Quando a inflação termina o ano fora do intervalo determinado, o presidente do BC (Banco Central) precisa justificar os motivos em carta aberta e detalhar como o problema deve ser resolvido. A meta é definida pelo CMN (Conselho Monetário Nacional) e cabe ao BC cumpri-la, especialmente por meio da calibragem da Selic, a taxa básica de juros.

O atual titular da autoridade monetária, Roberto Campos Neto, escreverá a sexta carta desde a criação do sistema de metas para a inflação, em 1999. O texto precisa ser enviado ao ministro Paulo Guedes (Economia), após a divulgação do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) de dezembro, que traz o dado fechado do ano.

No mais recente relatório de inflação, o BC apontou probabilidade de 100% para o estouro do teto da meta de 2021.

A expectativa é que o indicador termine 2021 acima de 10%, quase o dobro do teto da meta, que é 3,75% com tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo, podendo chegar a 5,25%.

A carta mais recente foi escrita pelo antecessor de Campos Neto, Ilan Goldfajn, em janeiro de 2018. O texto era relativo à inflação de 2017, mas, na ocasião, o então presidente do BC se justificava por ter deixado a inflação ficar ligeiramente inferior ao limite mínimo estabelecido.

Naquele ano, o índice ficou em 2,95%, ante uma meta de 4,5% com tolerância de 1,5 ponto percentual para baixo ou para cima. Os preços poderiam ter ficado entre 3% e 6%. A Selic terminou o período em 7%.

De acordo com o documento, a principal razão da forte desaceleração da inflação era a queda de 4,85% dos preços (deflação) de alimentação no domicílio, justamente o item que iniciou a série de choques de custos que levaram o indicador de 2021 aos dois dígitos.

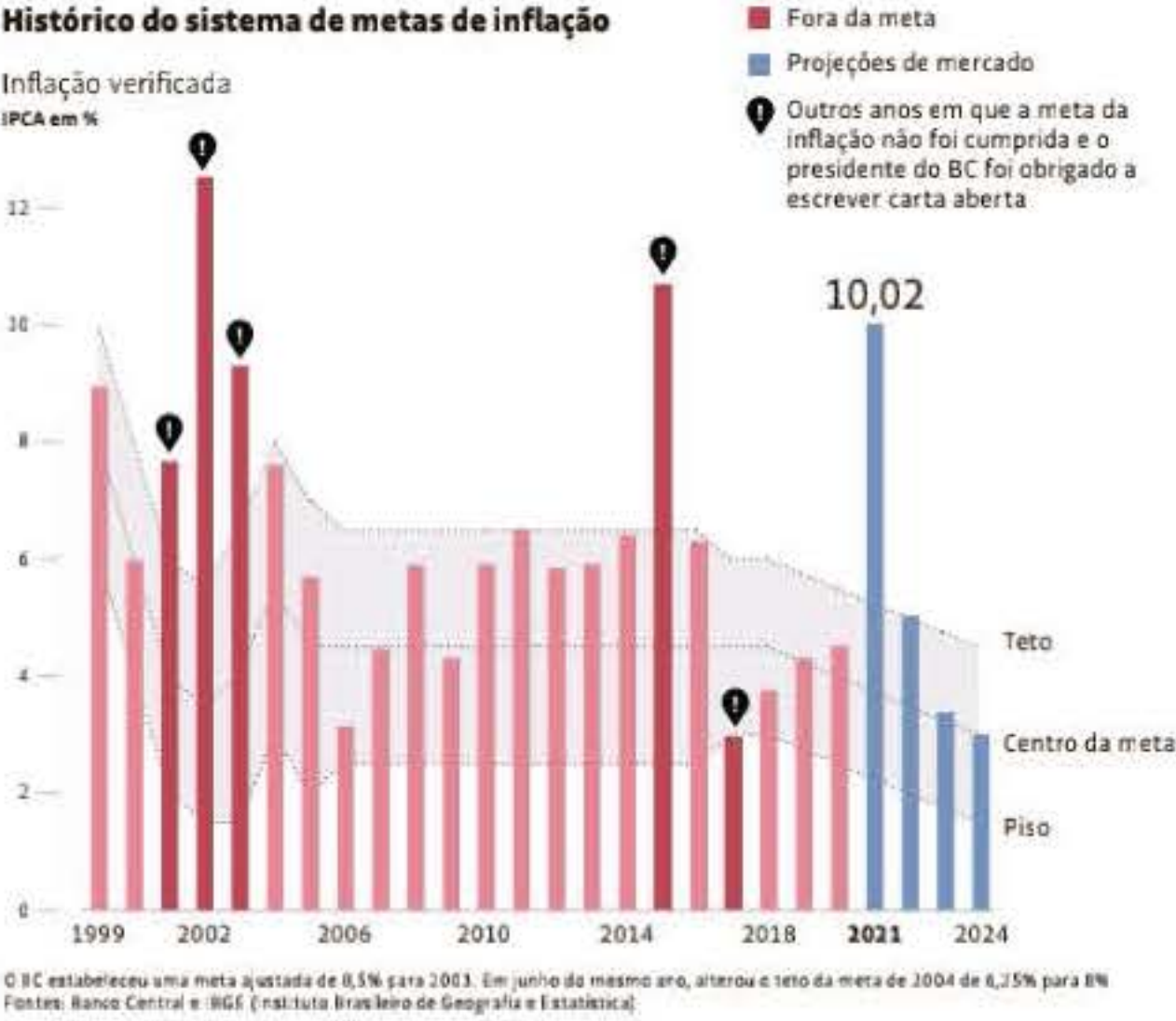
As outras cartas foram escritas em 2015, 2003, 2002 e 2001, todas em razão de ter excedido o limite superior da meta. Os motivos foram diversos e passaram por desvalorização do real, crise de confiança de investidores, crise global e realinhamento de preços que estavam reprimidos.

Desde o início do regime, todos os presidentes do BC já tiveram que justificar o descumprimento da meta de inflação.

Mandatário mais longevo até agora, Henrique Meirelles foi o único a ter de escrever duas cartas ao longo de seu mandato de oito anos (de janeiro de 2003 a dezembro de 2010).

"A carta de 2015 ressalta que, no meio do ano, as expectativas do mercado já mostravam convergência para 2016, o que é totalmente distinto do que vemos agora. Apesar do esforço do BC em aumentar [a Selic] 1,5 ponto percentual a cada reunião, há desancoragem das expectativas [para os anos seguintes]. Isso é bem impactante porque mostra que talvez tenha que ir além [nos juros]", diz o economista-chefe da consultoria Análise Econômica, André Galhardo.

Na decisão mais recente, em 8 de dezembro, o Copom (Comitê de Política Monetária) do BC elevou a taxa básica novamente em 1,5 ponto percentual, para 9,25% ao ano. No comunicado, o BC indicou nova alta de mesma magnitude para próxima reunião, em fevereiro, para 10,75% ao ano.

Galhardo lembra ainda que essa será a primeira carta após a autonomia do BC, que definiu objetivos secundários à autarquia. Além da inflação, que ainda é a principal atribuição, a autoridade precisa olhar para a atividade econômica e o mercado de trabalho.

"Mesmo que tenha deixado claro que o controle de preços é o alvo principal, o BC terá que dar alguma satisfação em relação ao nível de atividade econômica e colocar isso na carta sem causar estranheza."

Para economistas consultados pela **Folha**, a carta é só uma formalização das justificativas que já vêm sendo divulgadas em comunicações oficiais, como a decisão do Copom, a ata da reunião, o relatório de inflação e falas públicas do presidente e de diretores do BC.

Com base nesses documentos e discursos, Campos Neto deve citar os sucessivos choques de custos, que começaram com a mudança na demanda por alimentos na pandemia. As pessoas ficaram em casa, e a alimentação no domicílio ficou mais cara.

> O BC já se justifica a todo momento, no comunicado que sai com a decisão, na ata da reunião. O que vem na carta geralmente é uma extensão de coisas que já foram faladas
>
> **João Beck**, sócio da BRA

Depois vieram problemas em safras por eventos climáticos, elevação nos preços das commodities acompanhada de desvalorização do real, alta nos combustíveis e a crise hídrica, que encareceu a energia.

"A justificativa deve conter os choques e todo o descompasso na cadeia de suprimentos causado pela pandemia", diz o economista-chefe da Ativa Investimentos, Étore Sanchez.

Embora o BC tenha atribuído parte do descontrole das expectativas de inflação ao risco fiscal nas comunicações oficiais, Sanchez diz não acreditar que a carta dê muita ênfase às contas públicas.

"A percepção de perda de credibilidade na âncora fiscal mexeu com as expectativas para a inflação futura, mas os dados correntes foram melhores que o esperado", diz. "As cartas tendem a ser bem sucintas, até para não dar muito guide [sinalização de passos futuros]. É importante não gerar desentendimento."

Já o economista-chefe da JF Trust Investimentos, Eduardo Velho, aposta que o BC deverá trazer a deterioração fiscal como justificativa.

"Com certeza, terão que admitir a deterioração da política fiscal, com adiamento de privatizações, ameaça do descumprimento da regra do teto dos gastos, que só foi eliminada recentemente, e perspectiva de menor crescimento futuro. A alta dos juros e menos receita em 2022 devem sancionar maior déficit primário e uma reação maior do ajuste dos juros. Isso refletiu na alta do dólar e da demanda de hedge [proteção cambial]."

O economista-chefe João Beck, economista e sócio da BRA, escritório credenciado da XP Investimentos, ressalta que a carta deve conter as justificativas já divulgadas pela autoridade monetária.

"O BC já se justifica a todo momento, no comunicado que sai com a decisão, na ata da reunião, no relatório de inflação, ao TCU [Tribunal de Contas da União] e ao Senado. O que vem na carta geralmente é uma extensão de coisas que já foram faladas", diz.

Além dos choques, Beck pondera que o BC levou a Selic ao menor nível da história: 2% ao ano em agosto do ano passado.

O patamar, que foi mantido até março deste ano, é excessivamente estimulativo, segundo ele, e veio acompanhado da comunicação do BC de que a inflação era temporária, o que levou as expectativas a subirem ao longo de 2021.

"O mundo todo acreditou que a pressão inflacionária seria temporária, não só o Brasil. Isso porque acreditava-se que seria uma depressão econômica, mas não foi. Por isso se reduziram muito os juros."

A avaliação do mercado é que a autoridade monetária demorou a perceber a persistência de inflação, que foi qualificada como temporária por meses a fio, e, quando começou a subir juros, deu sinalizações equivocadas de que o aperto monetário não seria tão longo e tão intenso. A condução da política monetária deve ser uma das justificativas de Campos Neto.

A alta dos preços foi mais persistente que o esperado e também contaminou as expectativas. Em seus discursos, contudo, o presidente do BC defende que a Selic foi levada a 2% ao ano diante da projeção de um cenário que não se concretizou, com queda drástica no PIB e risco de deflação.

O presidente do BC, Roberto Campos Neto; inflação ficou fora da meta em 2001, 2002, 2003, 2015 e 2017 Adriano Machado - 9.dez.21/Reuters

O BC estabeleceu uma meta ajustada de 8,5% para 2003. Em junho do mesmo ano, alterou o teto da meta de 2004 de 6,25% para 8%
Fontes: Banco Central e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Fundador da Parmalat morre na Itália aos 83 anos

Daniele Madureira

SÃO PAULO O empresário Calisto Tanzi, fundador da Parmalat, morreu neste sábado (1º) aos 83 anos, em um hospital de Parma, região central da Itália, onde fez fortuna. Ele tinha pneumonia.

Tanzi transformou uma pequena empresa familiar de leite numa potência alimentar multinacional, para mais tarde vê-la definhar em uma das maiores falências fraudulentas da Itália.

A Parmalat entrou em colapso em 2003, quando foi descoberto que havia deixado de reportar uma dívida de 14 bilhões de euros. A falência reverberou nos mundos bancário, esportivo, turístico e de entretenimento, onde o empresário mantinha negócios.

A empresa superfaturou lucros e vendas por anos. O colapso gerou litígios contra dezenas de bancos.

Em 2003, foi descoberta uma conta bancária de 4 bilhões de euros mantida por uma unidade da Parmalat nas Ilhas Cayman, o que forçou a administração a buscar proteção contra falência e desencadeou uma investigação de fraude criminal.

Tanzi passou por uma série de julgamentos, junto com outros executivos da empresa e banqueiros. Foi condenado por fraude de mercado, falência fraudulenta e outras acusações e sentenciado à prisão.

Em 2011, a Parmalat se tornou uma subsidiária do grupo francês Lactalis, que obteve o controle total da companhia em 2019. No Brasil, a Lactalis é dona das marcas Itambé, Poços de Caldas, Batavo, Président, entre outras. A Parmalat está no Brasil desde 1972 e virou sucesso após a campanha "Mamíferos", em 1996, assinada pela agência DM9DDB.

Com Reuters

tec

Tendências para 2022

Metaverso não vai se concretizar neste ano, e ainda vai faltar chip

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

É até difícil escolher quais das inúmeras tendências tecnológicas serão importantes em 2022. Então talvez seja melhor começar apontando aquela que não será importante para o ano que chega: o metaverso.

Muito tem sido dito sobre o assunto, e várias apostas estão sendo contratadas. No entanto, 2022 não será o ano em que o metaverso irá se concretizar. Uma tecnologia realmente imersiva ainda pode levar cinco ou mais anos para ser desenvolvida, se é que será.

A única exceção é se você é criança. Nesse caso, há uma enorme probabilidade de que você já viva em algum tipo de metaverso. Crianças contemporâneas (ao menos as que estão conectadas e têm acesso a dispositivos digitais) já estão imersas em plataformas digitais como Roblox e outras que competem com a própria realidade. Para essas crianças, a distinção entre virtual e real é tênue, e a própria palavra "metaverso" —enquanto algo que está "além"— não faz sentido. É algo que está presente, aqui e agora, nas suas vidas.

Já com relação às tendências que devem ser importantes nos próximos 12 meses, certamente o universo de criptomoedas, blockchains e DeFi (finanças descentralizadas) dará muito o que falar. Seja pelos aspectos positivos, seja pelos negativos.

Os pessimistas acreditam que 2022 será o ano do crash dos preços das criptomoedas. Os otimistas acreditam que já tenhamos ultrapassado o ponto de não retorno e que o mundo cripto irá se integrar cada vez mais ao sistema financeiro tradicional, inclusive com pretensão de substituí-lo em diversas funções.

Outra tendência presente em 2022 é a escassez de microchips, que deve continuar. A produção de microprocessadores tornou-se um setor crítico, relevante inclusive do ponto de vista geopolítico e para questões de segurança nacional. É uma pena que o Brasil esteja se distanciando desse mercado e da possibilidade de participar do desenvolvimento desse tipo de tecnologia localmente.

Falando do Brasil, há muitos temas quentes no horizonte. A começar pelo 5G, que agora entra em outra fase: o desafio da implementação. O país optou por criar uma rede de 5G "puro-sangue", que, se realmente instalada, pode servir de infraestrutura para vários saltos de eficiência.

A questão é que o país demorou demais para começar a lançar o 5G. Resta saber se esse atraso não comprometerá os benefícios possíveis se a tecnologia tivesse chegado mais cedo.

Outro tema relevante para o país é o efervescente mercado de empresas startups locais, que vem impulsionando processos de inovação no país movidos a capital de risco. A alta dos juros pode esfriar esse ecossistema, que teve um ano promissor em 2021.

Do ponto de vista legislativo, há diversos temas em discussão. O projeto de lei das fake news deve continuar sua tramitação no Congresso, assim como o projeto de lei para regulamentar inteligência artificial.

O que não se encontra em lugar nenhum é um plano sobre aonde queremos chegar no universo da tecnologia. O que o país quer fazer? O que quer priorizar e em quais mercados e setores deseja competir? Sem ter isso claro, enquanto país não se chega a lugar nenhum. Um bom ano para todos nós.

READER

Já era *Jogar videogames sozinho*

Já é *Jogar videogames socialmente*

Já vem *Jogar videogames para ganhar criptomoedas*

mpme

Pequenos negócios começam a se recuperar mesmo com cenário incerto

Em SP, empresas de menor porte devem fechar 2021 com crescimento de 5%, segundo o Sebrae

Andrea Vialli

SÃO PAULO Apesar da crise, as micro e pequenas empresas já começam a registrar recuperação, ainda que desigual, puxada pelos segmentos de comércio e indústria.

No estado de São Paulo, esses negócios devem fechar 2021 com um aumento médio de 5% no faturamento, em comparação com 2020, segundo projeção do Sebrae-SP feita a pedido da **Folha**. A recuperação tende a ser maior na indústria (alta de 12%), seguida pelo comércio (7,5%).

Mas o setor de serviços deve fechar o ano com retração de 2,8% no faturamento, derivado, em parte, do fato de o primeiro semestre ter sido fraco para essas empresas, muito impactadas pelas medidas de distanciamento social.

Os dados têm como base a pesquisa de conjuntura do Sebrae-SP até 15 de dezembro e descontam a inflação medida pelo INPC-IBGE.

"É um cenário bom no geral, pois mostra que houve recuperação da fase mais aguda da crise. Em 2022, as micro e pequenas empresas devem continuar crescendo, mas em patamar mais modesto do que o de 2021", diz Carolina Fabris, coordenadora de pesquisas e monitoramento do Sebrae-SP.

Segundo ela, a economia brasileira apresenta um ritmo de recuperação suficiente para superar a queda registrada em 2020, mas, descontada essa queda, o crescimento adicional das micro e pequenas empresas tende a ser tímido.

A projeção do Produto Interno Bruto (PIB) para 2021 é de alta de 4,51%, segundo a última pesquisa Focus do Banco Central —no ano passado, a retração do PIB foi de 4,1%.

Os negócios que trabalham com produtos e serviços básicos, como alimentação, vestuário, saúde, higiene e beleza, tendem a se beneficiar neste ano. O consumo das famílias deverá se concentrar nesses itens, em razão da perda do poder de compra causada pela inflação e da queda na renda média do trabalhador.

Esse indicador atingiu o menor valor para o terceiro trimestre de 2021, com queda de 11,1% em comparação ao mesmo período de 2020, de acordo com o IBGE. O rendimento real dos ocupados foi estimado em R$ 2.459.

"Encerramos o ano com um cenário econômico ainda frágil, já que o mercado de trabalho reage lentamente, e isso trava a demanda" diz Rodolfo Tobler, economista do FGV IBRE (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas).

Apesar disso, as pequenas empresas dos segmentos mais impactados pela pandemia, como comércio e serviços, tendem a manter a recuperação já iniciada no segundo semestre de 2021.

Segundo Tobler, ainda será preciso cautela por parte dos empreendedores, especialmente na tomada de crédito. O custo dos financiamentos tende a subir em razão do aumento da taxa básica de juros (Selic), da inflação e do dólar alto, que encarece insumos.

"O ano que se inicia ainda traz um cenário desafiador para as micro e pequenas empresas, com a instabilidade característica de um ano eleitoral."

Uma saída é comparar os juros praticados pelos bancos com os das fintechs, as startups financeiras, muitas delas especializadas no atendimento a pequenos negócios.

É o caso da 123Qred, que recebeu 80 mil pedidos de empréstimo desde o início da operação, em julho de 2020, e oferece financiamentos para empresas com faturamento anual a partir de R$ 150 mil.

> Em 2022, as micro e pequenas empresas devem continuar crescendo, mas em patamar mais modesto do que o de 2021
>
> **Carolina Fabris**
> coordenadora de pesquisas e monitoramento do Sebrae-SP

Em 2021, a empresa concedeu R$ 15 milhões em crédito para micro e pequenas empresas. A maioria dos pedidos (60%) foi feita por negócios do setor de serviços.

Até o primeiro semestre do ano, as companhias recorreram a empréstimos para sustentar seu fluxo de caixa. "Agora, o mercado volta aos patamares de operação normais, e os empreendedores já começam a pensar em investir para trazer novas receitas, aumentar estoques, comprar equipamentos e contratação de pessoas. Não é mais um crédito para tapar buraco", diz Adriano Duarte, diretor-executivo da 123Qred.

Entre as tendências para 2022 estão a continuidade da digitalização dos negócios e a recuperação do setor de turismo e hotelaria, bastante impactado pela pandemia. Para as empresas do comércio, as vendas pela internet devem continuar crescendo, mesmo com o retorno do presencial.

De acordo com a FecomercioSP, em 2021 as vendas online tiveram expansão geral em vários segmentos, como o de bens duráveis (eletroeletrônicos e eletrodomésticos), que deve fechar o ano com alta de 46% no faturamento real em relação a 2020; o de não duráveis (alimentos), com crescimento de 29%, e o de semiduráveis (vestuário e calçados, entre outros), com variação positiva de 19%.

O faturamento do ecommerce no estado de São Paulo deve crescer 7% em 2022, segundo projeções da FecomercioSP. De acordo com Kelly Carvalho, economista da entidade, as empresas devem seguir apostando nas vendas pela internet.

"Manter e reforçar as estratégias de digitalização e vendas online é fundamental para as pequenas empresas. Mesmo com o retorno das lojas presenciais, o contexto ainda é de pandemia", diz.

No setor de franquias, que tem participação expressiva de pequenos negócios, o terceiro trimestre de 2021 registrou variação positiva, de 7,8% em comparação com o mesmo período de 2020, reforçando a perspectiva de recuperação dos negócios, segundo pesquisa da ABF (Associação Brasileira de Franchising).

O segmento com maior variação foi o de turismo e hotelaria, com aumento de 53,1% no faturamento, impulsionado pela retomada das viagens, o que traz a perspectiva de uma recuperação mais expressiva em 2022. O crescimento, no entanto, se deu em comparação com uma base deprimida em 2020.

Catarina Pignato

Veja 8 dicas para quem quer começar a empreender em 2022

Dante Ferrasoli

SÃO PAULO Antes de começar um negócio, é importante que o candidato a empresário entenda em qual setor pode se colocar e destrinche essa área para, aí sim, pensar o que deve desenvolver. Assim, mitiga os riscos de ter uma ideia que não vai dar certo. Só depois dessa etapa é hora de pensar no produto ou serviço em si.

Veja a seguir oito dicas para quem quer tirar um negócio do papel em 2022. As sugestões são de Thomaz Martins, coordenador do centro de empreendedorismo do Insper, Ellen Salomão, especialista em marketing digital e educação online, e Fabiana David, analista de negócios sênior do Sebrae-SP.

1) Antes de mais nada, faça a si mesmo algumas perguntas No início, é fundamental que o candidato a empreendedor conheça o repertório que tem. É necessário entender três pontos principais e responder às perguntas: "o que sou?", "o que sei?" e "quem conheço?". A resposta para a primeira deve ser suas motivações e propósitos para empreender. A da segunda, seu conhecimento, tanto aquele objetivo, de práticas específicas, como o mais intangível, subjetivo. E a da terceira, a rede de amizades e de conhecidos que possam lhe ajudar a abrir portas. As três questões ajudam a definir ao menos a área de atuação.

2) Investigue o setor
Após definir a área de atuação, comece a circular no setor. Conhecer e entender quem são as pessoas e empresas, as mercadorias, os serviços e os eventuais gargalos, as chamadas "dores", aquilo que todo empreendimento se propõe a sanar. Quando identificar uma ineficiência do mercado, o empreendedor pode começar a pensar num produto ou serviço para resolvê-la.
O processo vale tanto para negócios que envolvem tecnologia como para os mais tradicionais, tipo abrir uma padaria, e os gargalos podem ser tão distintos quanto a necessidade de um novo produto ou de melhorar processos para vender algo já consolidado com um preço menor ou com mais valor agregado.

3) Agora, sim, pense no produto Idealmente, só depois de seguir os dois passos já citados o empreendedor deve pensar no que de fato quer vender. "É muito comum que as pessoas pensem primeiro no que querem vender e depois tentem 'empurrar' isso para o mercado, mesmo que não haja demanda para tal", diz Thomaz Martins, do Insper.

4) Busque a solução mais simples que resolva o problema É a hora de procurar o que se chama de MVP ("minimum viable product" ou mínimo produto viável). Isso significa desenvolver uma solução que seja a forma mais fácil para ajudar o cliente, e aí pensar em colocá-la no mercado. Um exemplo: lançar um aplicativo com funções básicas, que depois vá melhorando com atualizações. Mesmo que você comece de forma simples, já cria uma relação com o consumidor e começa a aprender na prática.

5) Desenvolva produto e negócio A partir desse ponto há dois caminhos que devem ser percorridos concomitantemente. O primeiro é o do produto em si. O empreendedor deve buscar melhorá-lo e torná-lo escalável. Junto a isso, precisa desenvolver o negócio: pensar nas formas de monetização e em como buscar mais clientes.

6) Foque também a gestão
De pouco adianta ter um produto com boa demanda se o empreendedor não consegue gerir seus recursos —dinheiro, tempo etc. "Se você já sabe os caminhos para abrir seu negócio do ponto de vista do produto e do conhecimento técnico, é hora de aprender sobre gestão e inovação", diz Fabiana David, do Sebrae. Para ela, também é preciso sempre se atualizar sobre seu setor e aumentar sua rede de contatos.

7) Invista em marketing, online e offline Uma vez que o produto ou serviço está no mercado, é hora de buscar compradores. O dono do negócio tem de pensar numa estratégia para tal —offline, online ou das duas maneiras. Isso significa ir a feiras, ter vendedor nas ruas e investir na divulgação. Cada setor tem especificidades, mas, depois da pandemia, é fundamental vender na internet. Existem, inclusive, ferramentas para segmentar a propaganda e buscar o cliente identificado como público-alvo.

8) Dê tempo ao tempo
As iniciativas de marketing, na internet ou fora dela, devem ser constantes. Existem pessoas, diz Ellen Salomão, especialista em marketing digital, que contratam uma agência, não veem resultado imediato e desistem da estratégia. Há de se pensar a prática como um investimento e, geralmente, leva-se algum tempo até os resultados aparecerem.

Rombo no transporte e reajuste da tarifa viram impasse para prefeitos

Prejuízo do setor supera R$ 21 bi e municípios temem protestos com aumento da passagem

Artur Rodrigues

Entenda a crise do transporte público no país

Desequilíbrio financeiro do sistema gerou déficit operacional de R$ 21 bilhões

Após a pandemia, a quantidade de viagens caiu muito mais que a oferta de ônibus
Em %

O desequilíbrio do sistema causou interrupções de serviços e fechamento de concessionárias

- **15** Suspensões das atividades
- **6** Encerramento das atividades
- **8** Contratos suspensos ou rescindidos
- **1** Caducidade de contrato
- **6** Intervenções na operação pelo poder público
- **15** Recuperações judiciais
- **344** Paralisações registradas, em 103 sistemas de transporte

Fonte: NTU (Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos)

SÃO PAULO O prejuízo bilionário causado pela pandemia nos transportes públicos e a chegada da época do reajuste de tarifas viraram uma batata quente entre governantes do país em pleno ano eleitoral.

O setor de transportes urbanos estima que o rombo acumulado na pandemia supere os R$ 21 bilhões. Apesar da melhora dos indicadores de coronavírus, a quantidade de passageiros continua aquém da crise sanitária.

Com o risco de colapso que se avizinha em algumas cidades do país, prefeitos têm feito apelos ao governo Jair Bolsonaro (PL) por um socorro ao setor.

Embora o governo Bolsonaro tenha vetado no ano passado um projeto que dava ajuda de R$ 4 bilhões para municípios com mais de 200 mil habitantes, prefeitos ainda apostam na possibilidade da União aceitar bancar as gratuidades para idosos acima de 65 anos.

Os reajustes da tarifa geralmente são feitos no começo do ano, mas São Paulo, por exemplo, já anunciou que vai esperar a ajuda federal para definir a questão. Outras cidades dos arredores, porém, anunciaram os aumentos.

O cenário desenhado por alguns prefeitos é composto pelo dilema entre manter um rombo nas contas e risco de colapso no sistema contra um cenário de caos com reajuste.

Embora não seja ano de eleição municipal, o potencial desgaste político de um aumento, ainda mais se for acompanhado de protestos em massa, pode afetar toda classe política. Essa é preocupação constante de governantes após os protestos contra tarifa em junho de 2013, quando a popularidade da então presidente Dilma Rousseff (PT), por exemplo, caiu de 57% para 30%. A eleição será para presidente, governador, deputados federais, estaduais e senadores.

Ainda no horizonte, fechamento de empresas, interrupções de serviços e greves de trabalhadores podem agravar a situação.

Em março de 2020, no início da pandemia, as viagens de passageiros nos sistemas de ônibus caíram 80%, de acordo com dados da NTU (Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos). Em outubro deste ano, o sistema ainda não havia se recuperado, com uma queda de 37,7%.

O baque econômico se dá porque a redução da oferta é muito menor do que a de passageiros. Em outubro, por exemplo, ela era de 16,6%.

Os números melhoraram um pouco após novembro, mas, segundo estimativa do setor, enquanto a demanda está entre 75% e 90% do período pré-pandêmico, a oferta de veículos já atingiu a normalidade em algumas cidades.

"Nós pensávamos que entraríamos em 2022 com sistemas equilibrados e isso não aconteceu. A demanda ainda está aquém de 2019. Me parece que não retorna mais a 100%, há mudança de comportamento das pessoas, home office", diz o presidente-executivo da NTU, Otávio Vieira da Cunha Filho.

Durante o período pandêmico, segundo a associação, várias empresas foram fortemente afetadas ou ficaram pelo caminho. A situação é pior no Rio, onde das 29 empresas em operação, 11 estão em recuperação judicial.

No país, houve 15 casos de suspensões das atividades, seis de encerramento e 15 recuperações judiciais. Nesse cenário, houve 344 paralisações dos serviços, em 103 sistemas de transporte diferentes.

Em meio a quebradeira, só um socorro federal poderia dar um respiro às cidades.

No dia 9, o prefeito paulistano, Ricardo Nunes (MDB), anunciou que o governo Bolsonaro sinalizou que poderia bancar as gratuidades dos idosos acima de 65 anos —o pleito dos prefeitos se baseia no fato de que a gratuidade é um benefício garantido por lei federal.

O socorro estimado em R$ 5 bilhões viria por meio de projeto de lei, proposto pelos senadores Nelsinho Trad (PSD) e Giordano (MDB).

O projeto, porém, não foi votado neste ano como esperavam os prefeitos.

"Tem que ser para já", disse à **Folha** o prefeito de Aracaju (SE), Edvaldo Nogueira (PDT), presidente da FNP (Frente Nacional de Prefeitos), no dia 14, ainda com esperança de que a questão se resolvesse em 2021. Com outros governantes municipais, ele conversou com os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), e da Câmara, Arthur Lira (PP), com objetivo de sensibilizá-los sobre a situação problemática do setor.

Durante o encontro, os prefeitos chegaram a citar o risco de "convulsão social" no caso de haver necessidade de aumento da tarifa.

"[Se aprovado] o projeto resolve o problema imediato. Ele vai evitar que as prefeituras tenham que conceder reajustes imensos ou não concedendo gerem uma crise imensa", diz Edvaldo. "A gratuidade é responsável por 20% do preço da tarifa, você já tem aquilo que as prefeituras estão colocando no sistema e isso dá uma boa segurada na crise. Obviamente que não resolve o problema de médio e longo prazo", acrescenta.

Em São Paulo, o prefeito chegou a dizer que o aumento da tarifa seria inevitável com o aumento do diesel. Depois, com a possibilidade do projeto de lei, sinalizou isso poderia segurar o aumento.

Nunes disse que conversou com o Rodrigo Pacheco, que o informou que pautará o projeto para fevereiro. "A gente vai fazer todos os esforços para não aumentar. Eu só irei aumentar a tarifa se estiver numa situação que vai colapsar o sistema de transporte. Mas hoje a gente está em um momento de estudo, de aguardo na tentativa máxima de não aumentar a tarifa", disse.

O prefeito disse também que já conversou com o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), e a decisão sobre o aumento da tarifa do transporte sobre trilhos será feito em conjunto.

Atualmente, a tarifa de São Paulo é R$ 4,40. Internamente, a gestão municipal trabalhava com a possibilidade de tarifa entre R$ 5 e R$ 5,30 no próximo ano. O subsídio da prefeitura pago às empresas de ônibus estava em R$ 2,9 bilhões até novembro. No entanto, a prefeitura paulistana ainda desembolsou valor superior a R$ 800 milhões para compensar às empresas pela frota parada.

Outras cidades dos arredores de São Paulo, porém, já anunciaram que vão dar reajustes no ano que vem. É o caso de municípios da região metropolitana, como Diadema, Mauá, São Bernardo e Guarulhos.

Embora o prefeito paulistano fale em risco de colapso, analisando as contas da prefeitura o cenário parece improvável. Com um caixa confortável, com perspectiva de melhorar ainda mais devido a negociações como a cessão do Campo de Marte à União, São Paulo vive uma exceção rara no país, a de poder arcar um um subsídio bilionário sem prejudicar tanto suas contas.

Segundo dados da NTU, 55 cidades brasileiras adotavam subsídios ou outra espécie de repasse às empresas de ônibus.

Para o setor de transporte, porém, no longo prazo a situação só vai se resolver com a aprovação de um novo marco legal para o transporte, a exemplo do que aconteceu no saneamento. O senador Antonio Anastasia (PSD) propôs um projeto neste sentido, que deve ser apreciado em fevereiro.

"A ideia é mudar o modelo de política tarifária, dar mais segurança jurídica e permitir que o usuário pague uma tarifa barata, mas com a justa remuneração pelo serviço prestado. Então tem duas tarifas, tarifa pública, que é decisão política do prefeito, e a de remuneração para o produto que é ofertado", diz Otávio Vieira da Cunha Filho, da NTU.

Para Rafael Calabria, do Idec, é preciso mudar a lógica de que setor depende da tarifa paga pelo usuário. "A remuneração por passageiro estimula o empresário a atender melhor onde tem mais gente. Ela gera a demora, intervalo longo e lotação", diz.

Na média nacional, o equilíbrio financeiro das empresas de ônibus hoje depende de que haja 6 passageiros por metro quadrado, segundo dados da NTU.

Calabria afirma que a proposta de o governo de bancar as gratuidades não muda essa lógica. "Na nossa visão, o socorro para o setor tem que vir com contrapartidas [do setor]. Não pode ser só tapar o buraco e voltar a ser o que era antes", diz.

CHUVA CAUSA ESTRAGOS EM SÃO PAULO
Um temporal caiu na capital paulista neste domingo (2) e gerou alagamento e queda de árvores, como na rua Canuto do Val, na Santa Cecília (centro)

Fotos Mathilde Missioneiro/Folhapress

Em São Paulo, 52 vias têm maior risco para pedestres e ciclistas

William Cardoso

SÃO PAULO Atravessar uma rua com a sinalização apagada, equilibrar-se em uma calçada estreita, pedalar por onde ainda não há uma ciclovia e sofrer a ameaça constante de atropelamento pela alta velocidade dos veículos. A vida de pedestres e ciclistas que se deslocam pela cidade de São Paulo é cheia de riscos, que foram mensurados em um levantamento da Ciclocidade e da Cidadeapé.

Baseada em dados da própria CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), a pesquisa levou em consideração acidentes ocorridos de 2016 a 2020, que foram classificados de acordo com a gravidade para apontar os locais mais perigosos para ciclistas e pedestres. Os acidentes mais graves têm peso maior na conta e o resultado do cálculo é chamado de UPS (Unidade Padrão de Severidade) —quanto maior, mais perigoso.

Dessa maneira, chegou-se a 52 vias que têm UPS classificada como muito alta. Boa parte delas fica na periferia da capital, onde há mais deslocamentos a pé e as calçadas são mais estreitas. Mas a região central também tem lugares de extremo risco para pedestres e ciclistas.

Responsável pelo levantamento, o pesquisador Flavio Soares afirma que a prefeitura lançou um plano de segurança viária que é "morno", com metas genéricas e aquém da necessidade. "Se esse plano quer ser alguma coisa, a gente não pode discutir só duas rotas escolares seguras, por exemplo, mas cem."

Para Soares, uma série de medidas poderiam colocar a segurança de quem anda a pé ou de bicicleta como prioridade. Instalar mais faixas de pedestres, priorizar o semáforo para quem caminha, aumentar as calçadas nas esquinas para que as travessias sejam encurtadas, implantar lombofaixas nas proximidades de cruzamentos com ciclovias são alguns dos pontos. "Dentro do orçamento que temos para asfaltamento, faríamos essa cidade ser maravilhosa em quatro anos", afirma.

Com relação ao centro da cidade, especificamente, Soares diz que é preciso tirar o "veículo particular individual motorizado". Ou seja, sem carros. "Politicamente, é difícil. Mas é o que deveria ser feito."

"É uma fábrica de acidentes o que a gente criou nessa cidade", diz o diretor do departamento de mobilidade e logística do Instituto de Engenharia, Ivan Whately.

Para Whately, os problemas não estão somente no momento em que o pedestre, por exemplo, tenta atravessar as ruas. "Grande parte dos acidentes ocorrem até mesmo dentro da própria calçada."

O engenheiro destaca que é preciso melhorar o desenho urbano, mas não só isso. Whately aponta a necessidade de estimular a educação no trânsito, bem como aumentar a fiscalização para coibir infrações.

Para ele, também falta continuidade em projetos e cita, como exemplo, um iniciado na última década. "Chegou a ter, na área central, redução de 50% na quantidade de acidentes. Era um programa que virou só uma campanha."

A Prefeitura de São Paulo afirmou que os dados coletados a partir de mensurações da CET são utilizados no planejamento e no desenvolvimento de ações voltadas à melhoria da segurança viária.

A gestão Ricardo Nunes (MDB) disse que o Plano de Metas 2021-2024 apresenta projetos de infraestrutura viária voltados à proteção de usuários vulneráveis, como a implantação de 2.800 faixas de travessia para pedestres.

Para quem pedala, a administração municipal diz que ampliou a malha cicloviária em 36%, chegando a 684 km de ciclovias e ciclofaixas, prevendo ainda novas estruturas.

Edmar Cândido da Silva, que se converteu ao islamismo há 12 anos, lidera um centro da religião na zona leste de São Paulo Karime Xavier/Folhapress

Islamismo ganha novos adeptos nas periferias de SP

Seguidores da religião encaram pressão na família e desconfiança de vizinhos

Lucas Landin

SÃO PAULO | AGÊNCIA MURAL No coração do Tatuapé, na zona leste de São Paulo, um recém-inaugurado templo religioso chama a atenção pelas grandes placas com o nome de Jesus. Mas não se trata de uma igreja cristã e sim de um centro islâmico.

À frente deste centro está o brasileiro Edmar Cândido da Silva, 34, um da'i, que significa divulgador do islã. Morador de Artur Alvim, na periferia da zona leste, ele nasceu cristão, mas se tornou muçulmano há 12 anos.

Foi em 2009, numa busca por aproximar-se de Deus, que Edmar descobriu a crença que hoje faz parte de sua vida. Passou a ler livros sobre o islã e o interesse pela religião cresceu. Foi assim que tomou a iniciativa de conhecer a mesquita do Pari, no centro da capital, local que oferecia aulas abertas sobre a doutrina do islamismo.

"Assisti à primeira aula e fez sentido pra mim. Aí veio a segunda, a terceira, a quarta, e na quinta aula eu resolvi aceitar o islã como minha crença, meu modo de vida e minha religião", conta.

Em 2010, 35 mil brasileiros se declararam adeptos do islamismo para o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Nos últimos anos, a religião vem ganhando adeptos nas periferias de São Paulo, sem qualquer ligação com a comunidade árabe, como é o caso de Edmar.

Hoje divulgador do islamismo no Brasil, ele se formou em língua árabe pela Universidade de Al-Azhar, no Egito, e em teologia pela Universidade Islâmica de Medina, na Arábia Saudita.

Após se converter, processo que os muçulmanos chamam de "reversão", Edmar enfrentou certa resistência da família, principalmente por parte do pai.

"A gente costuma dizer para os revertidos que eles vão enfrentar essas dificuldades [de aceitação] porque o brasileiro tem muitas dúvidas sobre o que é o islã e ainda o conhece como a 'religião dos árabes'."

Apesar da fama, não foram os árabes que trouxeram o islã para o Brasil. Os primeiros muçulmanos que chegaram ao país foram os malês, povo africano escravizado pela coroa portuguesa, ainda no século 18.

Os malês, palavra que na língua iorubá significa negro muçulmano, estabeleceram-se em Salvador (BA), onde protagonizaram um dos principais levantes contra a escravização - a Revolta dos Malês.

Porém, durante o século 20, o Brasil passou a receber uma grande quantidade de imigrantes do Oriente Médio, que também trouxeram consigo a fé islâmica e por aqui fundaram mesquitas.

"O foco dessas mesquitas era atender a própria comunidade árabe, e não divulgar o islã [para o público externo]", explica Edmar.

O divulgador do islamismo e teólogo também acrescenta que situação agora mudou um pouco, devido a alguns fatos que popularizaram a religião. "Entre eles a novela 'O Clone' [da Globo], que despertou muita curiosidade das pessoas para procurarem as mesquitas e entender o que é o islã", conta.

Tamanho é o crescimento da religião na região metropolitana que existem mesquitas que passaram a dar o sermão de sexta-feira em português. Até a década passada, só se encontravam mesquitas que o faziam em árabe.

Uma dessas mesquitas é a Sumayyah, no Jardim Cultura Física, periferia de Embu das Artes, na Grande São Paulo. O templo, que começou como uma mussala (sala de orações), foi fundado pelo ex-rapper César Kaab Abdul, 48, outro brasileiro convertido ao islamismo.

César conta que conheceu o islã em meados dos anos 1980, primeiro por meio de um livro de Malcolm X e, posteriormente, com a observação dos costumes religiosos de um colega de trabalho. "Por aí, tive um conhecimento meio superficial, já que não tinha uma divulgação ampla sobre religião islâmica no país", lembra.

Mas a vontade de se converter só veio mais tarde, quando ele participava de encontros de breakdance na praça Roosevelt, na região central de São Paulo. "Nós acabávamos encontrando alguns muçulmanos, que tinham mesquitas lá na praça da República [no centro]."

> "A gente costuma dizer para os revertidos que eles vão enfrentar essas dificuldades [de aceitação] porque o brasileiro tem muitas dúvidas sobre o que é o islã e ainda o conhece como a 'religião dos árabes'
>
> **Edmar Cândido da Silva**
> muçulmano há 12 anos

Após a conversão, César percebeu que não havia locais destinados ao culto e ao ensino do islã em sua região, em Embu das Artes. Daí surgiu a ideia da criação da mesquita, que só veio receber um líder religioso dois anos após a fundação. "Se não tivéssemos dado esse primeiro passo, talvez estivéssemos até agora sem algum conhecimento do islã. A internet ajuda bastante, mas não é a mesma coisa que estar ali de corpo presente", diz.

Líder comunitário há 35 anos, César também procurou agregar às lutas sociais de que já participava os ideais de caridade presentes no islamismo. Com isso, a mesquita se transformou num ponto de referência para a comunidade. "Fomos criando projetos, como entrega de cestas básicas, de marmitas, criamos uma farmácia, damos assistência médica e jurídica", conta.

Ele conta que, no início, enfrentou preconceito dos moradores e que a comunidade via a mesquita com um olhar desconfiado. Mas, hoje em dia, a relação mudou e o local virou uma referência positiva na vizinhança.

"A gente está sempre tentando desmistificar parte do que as pessoas têm de ponto de vista do islã, ou do que a mídia de forma errônea sempre está divulgando", diz ele.

Sobre a intolerância religiosa, César cita uma passagem do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos: "quando os ignorantes vierem debater com você, que você diga salam (paz)'. Na maioria das vezes é o nosso posicionamento".

PM proíbe policiais de ostentar armas nas redes sociais

Victoria Damasceno

SÃO PAULO O Comando Geral da Polícia Militar de São Paulo determinou na quarta-feira (29) que policiais militares estão proibidos de publicar em suas redes sociais ou compartilhar em aplicativos de mensagens imagens de instalações físicas, armamentos, fardas, viaturas ou equipamentos da corporação, assim como divulgar operações ou investigações policiais.

É a primeira resolução que trata especificamente de mídias sociais. As informações foram publicadas no Diário Oficial do Estado.

A diretriz proíbe, assim, as postagens sobre a corporação que não passem pelo crivo dos canais de comunicação oficial da instituição.

Isso significa que policiais militares estão proibidos de compartilhar imagens, vídeos ou áudios de ações policiais, insígnias, brasões, cargos ou qualquer elemento relacionado direta ou indiretamente à corporação. Qualquer publicação que faça alusão aos fardamentos, armamentos ou equipamentos de proteção individual também está vetada.

A decisão vem após casos de policiais civis e militares que utilizam a imagem da corporação para crescer nas redes sociais, alguns deles com objetivo de pavimentar o caminho para campanhas políticas para as eleições.

A resolução proíbe ainda os agentes de fazer qualquer comentário de teor político-partidário ou que seja depreciativo à instituição e também "aos demais órgãos públicos, a autoridades ou a outros militares do Estado". É vetado ainda publicar conteúdos sobre exames e concursos da polícia.

Se respeitadas as regras de decoro da instituição, os policiais militares podem, no entanto, compartilhar solenidades, formaturas e casamentos em que os noivos utilizam farda. No caso de campanhas solidárias, é necessária a aprovação dos canais oficiais da polícia.

Desde a quarta, as organizações da PM devem adotar medidas para orientar e fiscalizar o uso das redes sociais. Foi estipulado prazo de 20 dias para adequação às diretrizes.

Em nota, a Secretaria de Segurança Pública afirmou que a diretriz foi criada para preservar a imagem da corporação e dos policiais. O órgão declara que a criação de perfis é decisão pessoal, mas o respeito às novas regras é imprescindível quando as publicações associam a imagem da PM.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Mineiro batalhou pelo cinema nacional e pela acessibilidade

FRANCO GROIA (1973-2021)

Isabela Palhares

SÃO PAULO Professor, jornalista, cineasta, roteirista, produtor, dirigente de sindicato. A lista de profissões do mineiro Franco Groia era tão extensa quanto a das causas pelas quais militou em sua vida.

Groia transformava tanto as dificuldades como as paixões em motivos para lutar por melhorias e mais direitos. Por isso, era conhecido nos mais diversos setores da mineira Juiz de Fora, cidade onde cresceu e viveu a vida toda.

Formado em comunicação social pela UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), Groia conseguiu conciliar a paixão pelo jornalismo, cinema e educação.

"Nem eu sei como ele dava conta de tudo, ele abraçava tudo e fazia com muito amor. Acho que o segredo é que não tinha medo de nada, de errar ou fracassar. Por isso dava o seu melhor", conta a esposa Lilian Costa.

Groia deu aulas de comunicação no ensino superior e também atuou na produção cinematográfica.

O mineiro inclusive criou sua própria produtora para que pudesse ministrar cursos na área audiovisual.

Com grande interesse pelo cinema nacional, Groia foi um dos criadores do Primeiro Plano, festival de Juiz de Fora, que desde 2002 prestigia filmes produzidos pela nova geração de diretores brasileiros.

O mineiro também foi responsável por criar um portal para contar a história da produção cinematográfica nacional.

Não foi só pela divulgação audiovisual que lutou. Portador de deficiência física, Groia se empenhou para aprovação de leis municipais que garantissem melhoras na acessibilidade da cidade mineira.

Por sua atuação, se tornou membro do Coletivo Nacional dos Trabalhadores com Deficiência, da CUT (Central Única dos Trabalhadores).

"Ele não desistia de nenhuma batalha, estava sempre envolvido politicamente porque tinha um senso democrático muito forte", relembra a esposa.

"Ele era muito inteligente, tanto que mesmo seus adversários políticos o respeitavam", conta.

Groia foi ainda secretário de cultura do PT (Partido dos Trabalhadores) de Juiz de Fora e diretor do Sinpro (Sindicato dos Professores) do município.

Ele morreu em 29 de dezembro, aos 48 anos, após complicações causadas por uma pneumonia. Groia deixa a esposa, com quem era casado havia 13 anos.

ANGELITA AMARO DE BARROS
Aos 108 anos, viúva. Quinta-feira (30/12). Cemitério Municipal, Cidade Gaúcha (PR)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Aconchego

Chegar junto é um caminho para encarar os desafios do novo ano

Maria Homem

Psicanalista e ensaísta, com pós-graduação pela Universidade de Paris 8 e FFLCH/USP. Autora de "Lupa da alma" e "Coisa de menina?"

Escrevo hoje de uma casa no meio do mato. Um caminho leva ao pequeno portão que dá para a imensidão do mar. Lá adiante, na ponta da praia, um rio e uma vila. Ela tem nome de santo, tipo São Tiago. Faz parte da APA Santo Antônio. Ou seja, estou numa área de proteção ambiental e resguardada por dois santos. A vila pertence a um município também abençoado, agora por uma santa, a Santa Cruz. Coligada por sua vez a uma cidade maior, que traz consigo a miragem de um porto seguro. Ele fica num recôncavo que abriga santos, orixás e resquícios indígenas. O território inteiro é generoso: baía de todos os santos.

Qualquer que seja a escala, eis-me aqui protegida. Um remanso, um respiro. Faço um trabalho com um parceiro negro de olho verde mel. Ele sabe da cruz, do quilombo, do açoite, e dos efeitos de tudo isso nas tragédias das águas e dos homens. Eu começo a pedir perdão. Ele recusa: "Somos todos gente". E me convida para dançar a sua dança. Aceito e me deixo conduzir por mais esse abraço. Remanso, dessa vez do corpo e dos sons: a cultura fazendo sua semeadura.

Cultura que se transmite também nas palavras que não cessamos de trocar, de terror ou de ninar. E se transmite a cada história que contamos em qualquer roda, retecendo a rede simbólica partilhada que ampara cada grupo humano —dos pequenos aos globais. Horas de conversa ou anos de vivência são cifrados em algumas parcas frases que lembramos a cada ritual, a cada encontro.

Na casa no meio do mato também garimpamos as pérolas. "Casa boa é de mainha. Mulher que não me trai e me alimenta". Brincamos com o patriarcado enquanto buscamos ultrapassar o feminino aprisionado no materno. "Por mais que as pessoas digam o contrário, as coisas acontecem muito rápido na Bahia". Essa é a conclusão de uma conversa de quatro horas, onde, imersos na pausa fora da tabela produtiva chamada feriado, nos debatemos com o mistério do tempo.

A cumplicidade da linguagem —ainda mais a íntima— nos ampara. E assim construímos as sínteses poéticas do cotidiano, pequenos restos decantados da massa do vivido. Esse é o segredo da liga dos coletivos? "Tá na planilha": diz de nosso desejo de ultrapassar um paradigma quantificador e utilitarista. E "negro nórdico é o topo da cadeira alimentar": tentamos nuançar o fálico das escalas identitárias. Ou elaborar o medo da destruição da cultura: "meu pai 'trabalha', ele é 'artista'" —sempre entre todas as aspas. Tem o clássico "Liberou, liberou geral", que diz da velha coragem de sustentar o desejo. Ou a sábia máxima ética para alertar os amigos (e a nós mesmos): "É fria, Didi". Assim como o "lacranizou", mistura improvável de Lacan e lacrar, neologismo que se revelou muito útil. "Obstinada como uma banana (torta) em busca do sol": a inexorável lei da fotossíntese. Ou sua versão esperança: "vem na minha que só faz sol". Construímos até a negação irônica e afirmativa de nosso jogo: "Não transo frases". Isso tudo entre imagens do meu sanguinho, de Naruto, xitos e Afrodite — como não lembrar para sempre que nos aconchegamos e sobrevivemos ao annus horribilis de 2021?

Sei que 2022 não será um ano de luz. Quem sabe de batalha. Sei também que 2122, se não nos engordar, nos matará. Mas hoje, terceiro dia do ano novo, queria deixar registrado, por escrito, que chegar junto, às vezes, é possível. Isso é aconchego. Chegar junto com o outro é encontro. Essa talvez é a essência do conceito: chegar-com. É amor, "fall in love". É a gente cair junto, eu e você. A arte de fazer concha para gestar a pérola. Então, antes que a violência nos destrua, vem comigo.

Vamos juntos. Aconcheguemo-nos (e um agradecimento aos santos e aos parceiros deste texto).

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Movimentação na praia do Curral, em ilhabela, no litoral norte de São paulo Mathilde Missioneiro - 15.dez.21/Folhapress

Litoral norte de SP deve ter 'melhor verão' em 10 anos

Desvalorização do real é um dos fatores que alimentam expectativas na região

Paulo Eduardo Dias
Mathilde Missioneiro

ILHABELA (SP) Um ano após os amantes das praias verem restritos seus desejos de pisar na areia ou mergulhar na água, devido a restrições da pandemia de Covid-19, a projeção das prefeituras, das associações comerciais e dos empresários de cidades do litoral norte de São Paulo é de que o verão de 2022 será o melhor dos últimos anos.

Muitos apostam que seja uma temporada de praias lotadas, serviço de hospedagem próximo da ocupação total e barracas, quiosques e restaurantes em pleno funcionamento.

A expectativa positiva se deve ao anúncio por parte das gestões municipais de que não haverá restrições ao uso das praias. Em Ilhabela, os comerciantes se mostraram ansiosos para a chegada dos turistas que, segundo eles, costumam vir em grande quantidade após o Natal.

"A expectativa é que seja o melhor verão dos últimos dez anos. O pessoal ficou muito tempo parado, sem sair de casa", diz Rodrigo Pergamo, 31, dono de uma pizzaria no centro histórico da cidade.

Há também quem acredite que a alta da moeda estrangeira em comparação com o real possa fazer com que as pessoas busquem por destinos no próprio país. "A expectativa é que seja muito boa a temporada. Tem tudo para ser uma das melhores. Com o dólar caro, a tendência é que as pessoas procurem a ilha", afirma Richard Curti, 28, dono de um bar na mesma região.

A desvalorização da moeda nacional também foi lembrada pelo vendedor ambulante Douglas Moreira, 58, como uma corrente que pode trazer mais turistas para a badalada Ilhabela.

Ele, que tem uma barraca na praia do Perequê e que trabalha nas ruas há 18 anos, relata que a cidade já demonstra que está começando a criar vida novamente.

"A gente está crendo em uma temporada muito boa. A alta do dólar e do euro faz com que o turismo no Brasil cresça demais", diz Moreira.

Se no centro da cidade os comerciantes ainda falam em tom de expectativa, na praia Ilha das Cabras há quem já note a melhora nas finanças, caso de uma escola de mergulho.

"Hoje temos bastante procura por agendamento, o que estava difícil até com promoções", disse a gerente Mauricia Santos, 27. A reportagem percorreu algumas praias de Ilhabela entre a manhã e a tarde do dia 15 de dezembro. Era raro encontrar alguém fazendo o uso de máscara. Fazia um sol tímido, que, por vezes, se escondia entre nuvens.

"Eu vim para dar uma relaxada, curtir com a família, após o estresse do último ano, ainda mais para mim, que convivi confinada com os pacientes de Covid", relatou a enfermeira Karina Albano Barbosa, 31, enquanto colocava os filhos de 13 e 5 anos para passear no banana boat.

O casal Eder Nascimento, 26, e Juliana Pierre, 32, que conversou com a reportagem enquanto passeava pelo centro histórico, disse tomar todos os cuidados possíveis contra a Covid.

"Medo a gente tem, mas estamos tomando as precauções. Onde tem que usar máscara, usamos máscara. Procuramos os locais mais abertos. A gente casou na semana passada e viemos passar a lua de mel", disse o jovem.

Procurada, a prefeitura de Ilhabela informou que a expectativa é de um grande fluxo de visitantes. "Estima-se que, nesta temporada, atingiremos índices muito próximos aos índices pré-pandemia", afirmou, em nota, a gestão.

À **Folha** o presidente da Associação Comercial de Ilhabela, Sidney Covas, disse que "a rede hoteleira formalizada aguarda índice de ocupação de 92% a 96%".

Assim como o setor comercial de Ilhabela, a vizinha São Sebastião também conta os dias para a chegada de mais turistas que buscam curtir suas praias no verão.

O empresário Renato Consolaro, 37, administrador de uma pousada na beira da praia de Juquehy, relata que todos seus quartos estão ocupados até fevereiro. Com diárias em torno de R$ 800, ele afirma que, mesmo sem fogos, conforme anunciado pela prefeitura, o turista não deve deixar de ir até o local.

"As pessoas querem se divertir. Se não der 100%, elas se divertem 70%", brinca.

Procurada, a prefeitura de São Sebastião informou que trabalha com a "possibilidade de que, neste verão, os hotéis, pousadas e casas de aluguel tenham ocupação próxima à máxima".

Em nota, a prefeitura de Caraguatatuba informou que a estimativa é de que a cidade receba cerca de 600 mil pessoas na temporada. "Muitos hotéis e pousadas ficaram sem leitos no Réveillon", disse.

Cruzeiro atracado no Rio tem 28 casos de Covid confirmados

Matheus Rocha e
Raquel Lopes

RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA Um terceiro cruzeiro na costa brasileira notificou casos de Covid-19 neste domingo (2). Atracado no porto do Rio de Janeiro, o navio MSC Preziosa tem 28 casos —2 em tripulantes e 26 em passageiros—, segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

O desembarque dos passageiros foi iniciado após avaliação das autoridades de saúde da situação epidemiológica a bordo.

Já a MSC Cruzeiros disse que as pessoas com Covid representam 0,6% da população total do navio e que todos os casos são assintomáticos ou têm sintomas leves.

"De acordo com o protocolo, os casos confirmados são desembarcados de forma segura para que retornem para suas casas ou fiquem em hotéis para fazerem o período de isolamento necessário", disse a empresa, acrescentando que a viagem do MSC Preziosa segue normalmente com destino a Ilhéus (BA).

A exemplo do que ocorre no navio, outros cruzeiros também estão enfrentando um surto de Covid. Na quinta-feira (30), a Anvisa interrompeu as atividades do Costa Diadema após 68 casos da doença terem sido confirmados, sendo 56 entre tripulantes e 12 entre passageiros. A viagem tinha previsão para ser concluída em 3 de janeiro.

Já o cruzeiro da MSC Splendida, que teria como destino o Rio de Janeiro, teve que atracar no porto de Santos na quarta (29) após aumento de casos de Covid observados entre os tripulantes. No total, 51 tripulantes e 27 passageiros testaram positivo.

Segundo a Anvisa, as embarcações Costa Diadema e MSC Splendida estão impedidas de realizar novas operações. A agência reguladora continua supervisionando as demais embarcações que operam na costa brasileira e já intensificou as ações de investigação epidemiológica e sanitária para controlar a transmissão de coronavírus.

Além disso, acrescentou que irá apurar possíveis descumprimentos de protocolos sanitários pelas embarcações que operam cruzeiros marítimos.

"Ressalta-se que o descumprimento dos protocolos sanitários e a desobediências às medidas de restrição impostas pelas autoridades constituem infrações sanitárias que, se confirmadas após apuração em processo administrativo, resultam em multas e suspensão das atividades", disse em nota.

Passageiros de cruzeiros que tiveram as operações interrompidas nos últimos dias por surtos de Covid relatam nas redes sociais que têm recebido pouca assistência durante o isolamento.

Eles narram problemas como pouca oferta de comida, falta de limpeza e também dificuldade de obter atendimento médico.

saúde

Ômicron é menos grave por poupar os pulmões, apontam novos estudos

Pesquisas indicam que atuação da cepa se limita às vias aéreas superiores: nariz, garganta e traqueia

Carl Zimmer e Azeen Ghorayshi

THE NEW YORK TIMES Uma série de estudos recentes feitos com animais de laboratório e tecidos humanos está oferecendo a primeira indicação de por que a variante ômicron causa sintomas mais leves que versões anteriores do coronavírus.

Em estudos com camundongos e hamsters, a ômicron provocou infecções menos lesivas e que, em muitos casos, se limitaram às vias aéreas superiores: nariz, garganta e traqueia. A variante causou menos danos aos pulmões, nos quais cepas anteriores resultavam em cicatrizes e dificuldade respiratória grave.

Em novembro, quando a primeira notícia sobre a ômicron chegou, cientistas só podiam oferecer palpites sobre como o comportamento dela talvez divergisse das variantes anteriores do vírus. Só o que sabiam é que a ômicron possuía uma combinação singular e preocupante de mais de 50 mutações genéticas.

Pesquisas anteriores já haviam mostrado que algumas dessas mutações capacitam os coronavírus a aderir melhor às células. Outras permitiam que o vírus escapasse de anticorpos, que atuam como uma primeira linha de defesa contra infecções. Mas o possível comportamento da nova variante no interior do organismo era uma incógnita.

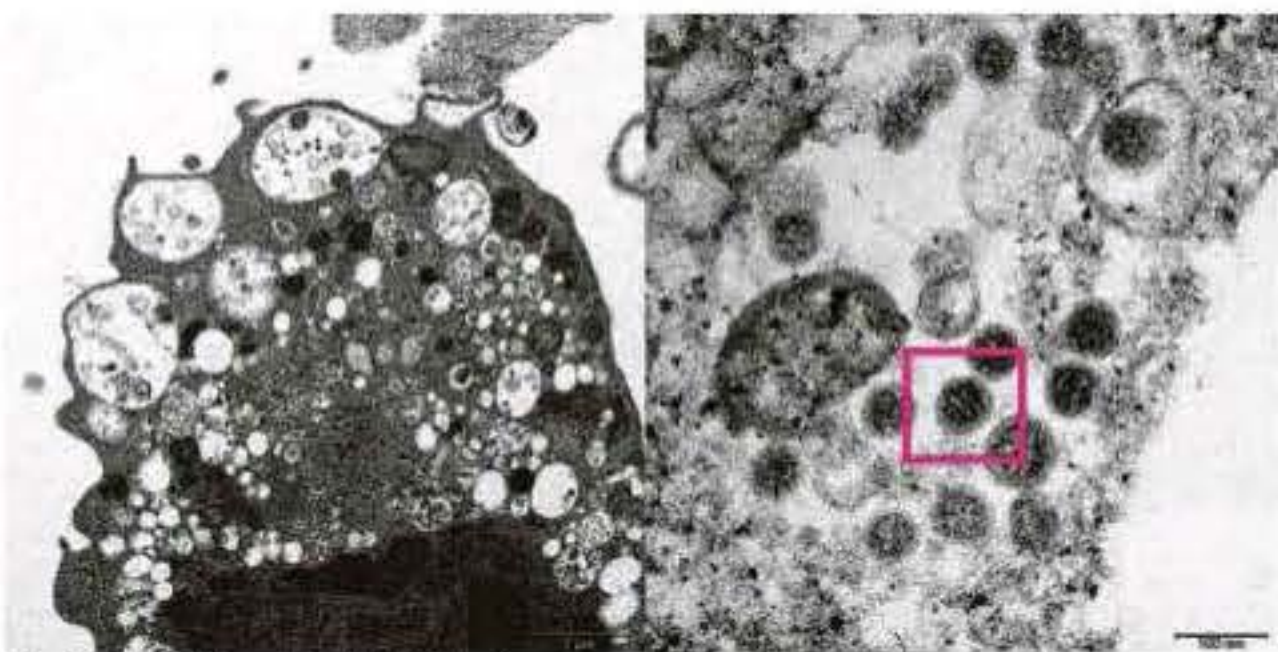
"Não é possível prever o comportamento de um vírus apenas a partir das mutações", explicou o virologista Ravindra Gupta, da Universidade de Cambridge.

Ao longo do último mês, mais de uma dúzia de grupos de pesquisadores vem observando o novo patógeno em laboratórios, infectando células em placas de petri com ômicron e esborrifando o vírus sobre os focinhos de animais.

Ao mesmo tempo a ômicron se espalhava pelo planeta, infectando facilmente pessoas já vacinadas ou que se recuperaram de infecções anteriores.

Enquanto os casos de Covid disparavam, o número de hospitalizações subiu apenas modestamente. Os estudos iniciais com pacientes sugeriram que a ômicron tendia a provocar doença menos grave que as outras variantes, especialmente em pessoas já vacinadas. Mesmo assim, essas conclusões eram acompanhadas de muitas ressalvas.

Para começar, a maioria das infecções iniciais com ômicron ocorreu entre jovens, que têm probabilidade menor de adoecer gravemente com qualquer versão do vírus. E muitos dos casos envolviam pessoas que já tinham alguma imunidade graças a infecções anteriores ou a serem vacinadas. Não estava claro se a ômicron também se mostraria menos grave com uma pessoa mais velha e não vacinada.

Experimentos com animais podem ajudar a dirimir essas ambiguidades porque os cientistas podem testar a ômicron com animais idênticos vivendo em condições idênticas. Mais de meia dúzia de experimentos noticiados nos últimos dias apontaram a mesma conclusão: a ômicron é mais branda que a delta e outras versões anteriores do vírus.

Cientistas da Universidade de Hong Kong conseguiram capturar a imagem da ômicron HKU-MED

> A transmissão acontece a partir das vias aéreas superiores, certo? Não tem a ver realmente com o que ocorre nos pulmões, que é onde vemos a doença grave. Assim, dá para entender por que o vírus evoluiu dessa maneira
>
> **Ravindra Gupta**
> virologista

Na quarta-feira (29) um consórcio de cientistas japoneses e americanos divulgou relatório sobre hamsters e camundongos infectados com ômicron ou com uma de várias cepas anteriores. O estudo mostrou que os infectados com ômicron tiveram menos danos pulmonares, haviam perdido menos peso e tinham menos probabilidade de morrer.

Embora os animais infectados com ômicron tivessem sintomas muito mais leves, o que chamou especialmente a atenção dos cientistas foram os resultados obtidos com hamsters sírios, espécie que sabidamente adoeceu gravemente com todas as versões anteriores do coronavírus.

"Foi surpreendente, dado que todas as outras variantes infectaram esses hamsters com gravidade", disse o virologista Michael Diamond, da Universidade Washington e um dos coautores do estudo.

Vários estudos com camundongos e hamsters chegaram à mesma conclusão. (Como a maioria das pesquisas urgentes sobre ômicron, esses estudos já estão na internet mas ainda não foram publicados em periódicos científicos.)

A razão por que a ômicron é mais branda talvez seja uma questão de anatomia. Diamond e seus colegas constataram que o nível de ômicron nos narizes dos hamsters era o mesmo que o dos animais infectados com uma forma anterior do coronavírus. Mas o níveis de ômicron presentes nos pulmões eram um décimo ou menos do que com as outras variantes.

Essas descobertas precisarão ser seguidas por estudos posteriores, como experimentos com macacos ou um exame das vias aéreas de pessoas infectadas com a ômicron. Se os resultados se mantiverem, talvez expliquem por que pessoas infectadas com a ômicron parecem ter risco menor de ser hospitalizadas que as infectadas com a delta.

As infecções por coronavírus começam no nariz ou possivelmente na boca e se propagam garganta abaixo. As infecções leves não passam muito da garganta. Mas quando o vírus chega aos pulmões, pode provocar danos graves.

As células imunológicas pulmonares podem reagir de forma exagerada, matando não apenas células infectadas mas também as não infectadas. Podem produzir inflamação aguda, marcando as paredes delicadas dos pulmões. E o vírus pode escapar dos pulmões lesionados para o fluxo sanguíneo, provocando coágulos e prejudicando outros órgãos.

Gupta especulou que a evolução da ômicron a tornou especializada nas vias aéreas superiores, propagando-se bem na garganta e no nariz. Se for fato, o vírus pode ter chances melhores de ser expelido em gotículas para o ar em volta, encontrando novos anfitriões.

"A transmissão acontece a partir das vias aéreas superiores, certo?", ele disse. "Não tem a ver realmente com o que ocorre nos pulmões, que é onde vemos a doença grave. Assim, dá para entender por que o vírus evoluiu dessa maneira."

Esses estudos claramente ajudam a explicar por que a ômicron causa doença mais branda, mas ainda não respondem por que é transmitida com tanta eficácia.

Diferentes linhagens do HIV exigem prevenção 'sob medida'

Giuliana Miranda

LISBOA O potencial de disseminação das diferentes linhagens de HIV vai muito além das especificidades biológicas de cada vírus. Particularidades sociais e hábitos culturais das populações influenciam significativamente na disseminação dos subtipos. Por isso, é urgente criar políticas públicas específicas para cada região do Brasil.

As conclusões fazem parte de um novo trabalho, publicado na revista Scientific Reports, do grupo Nature, feito em parceria por pesquisadores brasileiros e portugueses.

O grupo analisou um extenso banco de dados de pacientes diagnosticados com o vírus da Aids no Brasil. Os pesquisadores analisaram as informações genéticas dos vírus, bem como dados clínicos dos pacientes.

Os cientistas se concentraram na disseminação das duas principais linhagens de HIV no mundo: os subtipos B e C.

Enquanto o B é mais prevalente na Europa e nas Américas, o C é dominante na África do Sul, na Etiópia e na Índia. No Brasil, o tipo B é mais presente em todo o país, com exceção da região Sul, onde o domínio é da linhagem C.

Embora trabalhos anteriores já tivessem feito referência à maior presença do subtipo C nos estados do Sul, o grau de separação regional entre as infecções pelas duas linhagens surpreendeu os autores do trabalho.

> É bem impressionante. É como se houvesse uma parede separando. O subtipo B não consegue se estabelecer no Sul de maneira tão boa quanto o C
>
> **Bernardino Geraldo Alves Souto**
> pesquisador da UFSCar

"É bem impressionante. É como se houvesse uma parede separando. O subtipo B não consegue se estabelecer no Sul de maneira tão boa quanto o C", explica o médico Bernardino Geraldo Alves Souto, pesquisador da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).

Nuno Osório, coordenador do trabalho na Universidade do Minho, em Portugal, relata que os cientistas foram então investigar as motivações por trás do domínio do subtipo C no Sul brasileiro.

"A principal hipótese é que são as condições sociais e comportamentais nas duas regiões que levam a isso: que num caso haja domínio do subtipo B e, no outro caso, domínio do subtipo C", relata.

A pesquisa indicou que ambas as linhagens atingem cargas virais elevadas quando os pacientes não estão sendo tratados, mas que o tipo C demora mais tempo até manifestar os primeiros sintomas da doença. Sintomas relacionados à queda da imunidade são tradicionalmente uma motivação para que as pessoas procurem se testar para o HIV.

Sem o diagnóstico e a medicação, que pode derrubar a carga viral para níveis de não transmissão, muitos infectados com o tipo C podem passar longos períodos transmitindo o vírus.

Por motivos que ainda não estão totalmente esclarecidos, este e outros trabalhos indicam que o subtipo C também tem mais facilidade para infectar mulheres e jovens. Já o tipo B parece mais adaptado à transmissão entre homens que fazem sexo com homens.

Na avaliação dos pesquisadores, a cultura de repressão das mulheres, de tolerância com relacionamentos extraconjugais e ainda a persistência de aleitamento materno cruzado criam o ambiente propício para favorecer a disseminação do subtipo C.

"No Brasil ainda prevalece muito a opressão de gênero contra mulher, principalmente em áreas mais rurais, de cultura mais tradicional, como em muitas partes do Sul", diz Bernardino Souto, da UFSCar.

Tendo isso em conta, os pesquisadores pedem a criação de planos de combate ao vírus que levem em conta as particularidades regionais.

esporte

ESPORTE AO VIVO | 17h Vannes x PSG Copa da França, FOX SPORTS | 21h20 B. Nets x M. Grizzlies NBA, SPORTV 2 | 21h30 Santos x Operário-PR Copa São Paulo, SPORTV

Streaming e fragmentação na TV mudam jeito de ver o jogo

Em 2022, torneios de futebol serão exibidos por vários canais e plataformas

SÃO PAULO Com o mercado de transmissão de eventos esportivos sob profundas mudanças, o espectador ganhou e perdeu opções para acompanhar o futebol.

A fragmentação dos direitos de televisionamento e o processo de maturação das plataformas de streaming rompem com velhos hábitos. Em 2022, por exemplo, a Globo terá menos atrações esportivas nos primeiros meses do ano, depois de renunciar à Copa Libertadores e aos estaduais de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A emissora também não terá o Mundial de Clubes, com participação do Palmeiras. O torneio, a ser disputado em fevereiro, foi comprado pela Band. Apesar da disputa com a Fifa na Justiça por causa do valor do contrato, a Globo continua com os direitos em TV aberta e fechada para a Copa do Mundo. Mas as transmissões em plataformas digitais ainda estão indefinidas.

Entre as competições regionais, a Federação Mineira de Futebol (FMF) foi quem ainda não fechou com nenhuma emissora e deverá transmitir os duelos em seu canal de streaming. O Cruzeiro firmou uma parceria com o jornal O Tempo, que usará suas plataformas digitais para exibir as partidas em que a equipe for mandante.

A Record é quem vai transmitir as competições estaduais mais populares do país, o Paulista e o Carioca.

Em meio à política de contenção de gastos da Globo, o SBT foi quem mais tirou proveito até o momento. A emissora de Silvio Santos exibirá sua terceira Libertadores.

Após a Globo ter rescindido o contrato unilateralmente em 2020, o SBT acertou vínculo com a Conmebol, que organiza a Libertadores, até o final do torneio de 2022.

A emissora paulista também fisgou a Liga dos Campeões e a Liga Europa. No caso da Liga Europa, o SBT repassou inicialmente os direitos à TV Cultura e pretende começar a realizar as suas transmissões somente a partir das quartas de final.

Veja onde assistir aos principais torneios de futebol em 2022

ESTADUAIS

São Paulo
26 de janeiro a 3 de abril
• Na TV: Record, HBO Max, Youtube, Estádio TNT Sports e Paulistão Play

Rio de Janeiro
23 de janeiro (fases finais indefinidas)
• Na TV: Record

Minas Gerais
26 de janeiro a 3 de abril
• Na TV: O Tempo (exibirá confrontos do Cruzeiro em que a equipe celeste atuar como mandante) e www.futebolmineiro.tv.br

Rio Grande do Sul
26 de janeiro a 3 de abril
• Na TV: Globo, SporTV e Premiere

MUNDIAL DE CLUBES
3 a 12 de fevereiro
• Na TV: Band e Bandsports

COPA LIBERTADORES
8 de fevereiro a 29 de outubro
• Na TV: SBT, ESPN e Fox (Grupo Disney), Conmebol TV (canal pago e disponível nas operadoras de TV por assinatura), Facebook e Star+

CAMPEONATO BRASILEIRO
10 de abril a 13 de novembro
• Na TV: Globo, Sportv e Premiere

COPA DO BRASIL
23 de fevereiro a 19 de outubro
• Na TV: Globo, Sportv e Prime Video

COPA SUL-AMERICANA
6 de abril a 1º de outubro
• Na TV: Conmebol TV (canal pago e nas operadoras)

LIGA DOS CAMPEÕES
encerramento em 28 de maio
• Na TV: SBT, TNT e no Space (WarnerMedia), Estádio TNT Sports e HBO Max

LIGA EUROPA
encerramento em 18 de maio
• Na TV: TV Cultura, SBT (a partir das quartas de final), ESPN e Fox (Grupo Disney) e Star+

CAMPEONATO INGLÊS
encerramento em 22 de maio
• Na TV: ESPN e Fox (Grupo Disney) e Star+

CAMPEONATO ESPANHOL
encerramento em 22 de maio
• Na TV: ESPN e Fox (Grupo Disney) e Star+

CAMPEONATO ALEMÃO
encerramento em 14 de maio
• Na TV: Band, Cultura (site) e OneFootball

CAMPEONATO ITALIANO
encerramento em 22 de maio
• Na TV: ESPN, Fox e Star+

CAMPEONATO FRANCÊS
encerramento em 21 de maio
• Na TV: ESPN e Fox (Grupo Disney) e Star+

CHELSEA E LIVERPOOL EMPATAM GRANDE JOGO, E MANCHESTER CITY AMPLIA VANTAGEM NO INGLÊS
Pulisic, do Chelsea, duela com Kelleher, do Liverpool; Mané e Salah puseram visitantes na frente em Londres, mas donos da casa buscaram o 2 a 2 com Kovacic e Pulisic, o que permitiu ao Manchester City abrir dez pontos na liderança Toby Melville/Reuters

Casos de Covid-19 aumentam no futebol da Europa, mas clubes querem evitar paralisação

SÃO PAULO Apesar de protestos de alguns treinadores e de restrições impostas, federações nacionais e clubes na Europa fazem tudo para evitar a repetição do que aconteceu em 2020: a paralisação do futebol e o prejuízo de bilhões.

Times das principais ligas do continente recebem notícias quase diárias de novos casos de Covid-19. No domingo (2), o Paris Saint-Germain informou que Messi, Bernat, Bitumazala e Rico tiveram testes positivos para coronavírus.

Pouco depois, o Liverpool anunciou que o goleiro Alisson, o atacante Roberto Firmino e o zagueiro Matip não enfrentariam o Chelsea porque também estão com a doença.

Dirigentes acreditaram que uma paralisação no final de ano seria favorável para evitar a proliferação do vírus. Mas as férias não colaboraram em nada. Messi foi infectado em Rosário, na Argentina.

No Bayern de Munique, os casos de Neuer, Tolisso e Kingsley ocorreram no período de descanso. Tolisso estava em Dubai, que é preocupação também para clubes da Itália. No período em que o campeonato do país esteve parado e os atletas receberam folgas, vários viajaram para a região no momento em que houve aumento de casos da variante ômicron.

O recomeço da Série A, interrompida no mês passado, está programado para quinta (6). Não há planos de adiar a rodada. O mesmo vale para a Espanha, onde Real Madrid, Barcelona e Atlético de Madrid foram bastante afetados pelo coronavírus. Só no Real, foram 13 casos em dezembro.

Na Inglaterra, a Premier League estabeleceu protocolo para adiamento de jogos isolados, o que promete encavalar compromissos de algumas equipes nos próximos meses.

A liga inglesa postergou 17 jogos em dezembro. Nos dois primeiros dias de 2022, foram mais dois. Entre 20 e 26 de dezembro, 103 testes de Covid-19 tiveram resultado positivo entre jogadores e comissão técnica.

Cada país das principais ligas europeias adotou medidas para tentar conter os casos e evitar o prejuízo financeiro que significaria interromper os torneios.

A Alemanha decidiu voltar a fechar os estádios e proibir a entrada de torcedores. É o contrário do que acontece na Inglaterra, ainda com 100% da capacidade liberada.

A Itália havia reduzido a liberação do público para 75%, mesma porcentagem da Espanha. No retorno, haverá nova diminuição, para 50%.

Em relatório de maio do ano passado, a Uefa estimou que os principais clubes do continente deixaram de arrecadar 7,2 bilhões de euros (R$ 45,6 bilhões em valores atuais) por causa da pandemia. Desse total, 3,6 bilhões de euros (R$ 22,8 bi) foram em perda de bilheteria, 2,4 bilhões de euros (R$ 15,2 bi) em patrocínios e 1,2 bilhão de euros (R$ 7,6 bi) em direitos de TV.

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

A Copa do Mundo que o técnico Tite prefere não ter

Tite sempre olhou para a França de 2018 como a seleção que ele não gostaria de ter. Não pelo título. O respeito pelo trabalho de Didier Deschamps sempre existiu. A observação é sobre a mudança de estilo da equipe após a derrota na final da Eurocopa de 2016, em Paris, tendo o melhor ataque da competição.

A transformação foi feita para ter marcação com bloco baixo e velocidade no contragolpe, explorando características como a velocidade de Mbappé. A França foi campeã mundial por ser a mais forte, não por ser a mais bela.

Tite não desprezará o título nestas circunstâncias, mas meses depois da derrota para a Bélgica já deixava claro que seu desejo não é vencer o Mundial como os franceses venceram. Ele quer mais.

Muitos críticos não têm reconhecido na seleção brasileira o refinamento tático que ela já possui. Não é favorita para ganhar o Mundial, em dezembro, mas tem repertório e variações de acordo com os jogadores escalados e com as características dos adversários.

O que acontecerá com a seleção daqui até 18 de novembro, data da abertura, é tão incerto quanto notar que o brasileiro de maior prestígio na Europa, neste janeiro, é Vinicius Junior, não Neymar. Pensar em ganhar a Copa exige pensar em recuperar o velho craque e melhorar o jovem talento.

Um dos pecados do Brasil de 2014 foi confiar toda a criação ofensiva a dois meninos de 21 anos —Neymar e Oscar. O envelhecimento precoce, por lesão ou falta de dedicação, de Ronaldinho, Adriano e Kaká, jogou todo o peso sobre Neymar há oito anos. Poderia ser melhor se a transição de uma geração para outra fosse mais natural, como de Romário e Bebeto para Ronaldo e Rivaldo.

Tite pode ter a chance de fazer a transição de Neymar a Vinicius —e a quem mais chegar— e de montar o time de seus sonhos. Taticamente firme, difícil de sofrer gols, como tem sido. Também capaz de estratégias ofensivas surpreendentes, que façam extrapolar as melhores qualidades de seus jogadores mais talentosos.

O Brasil não é favorito, como não foi em nenhuma das cinco Copas vencidas. Mas tem um time com rosto definido, capacidade de fazer a saída com três homens e atacar com cinco, de se defender com linha de quatro e variar o posicionamento para marcar no ataque, na intermediária ou perto de sua área, para explorar contra-ataques.

Nos próximos dez meses, é preciso olhar quem pede passagem e quem não se dedica. Puxar a corda para acompanhar os mais decisivos e insistir na recuperação de Neymar, mas sem deixá-lo pensar ser o dono do time, porque o Brasil já ganhou a Copa com Pelé machucado.

Fazer ajustes finos, sem perder de vista o surgimento de alguém que possa transformar os rumos. Como Vinicius Junior tem feito. O Brasil passou duas vezes por períodos de cinco mundiais sem o troféu. Pode acontecer pela terceira vez. Ganhando ou perdendo, é necessário refazer o pacto do futebol do Brasil. Entender que a seleção só será a melhor do planeta se voltarmos a ser o país do futebol.

Tite pode ajudar. É um bom princípio querer ganhar a Copa do Mundo atacando os rivais. Mesmo que, durante o Mundial, possa ser necessário ter um certo nível de pragmatismo.

Há muitas maneiras de vencer. Tite quer ganhar jogando bem.

A França de 2018: talento e marcação atrás do meio de campo

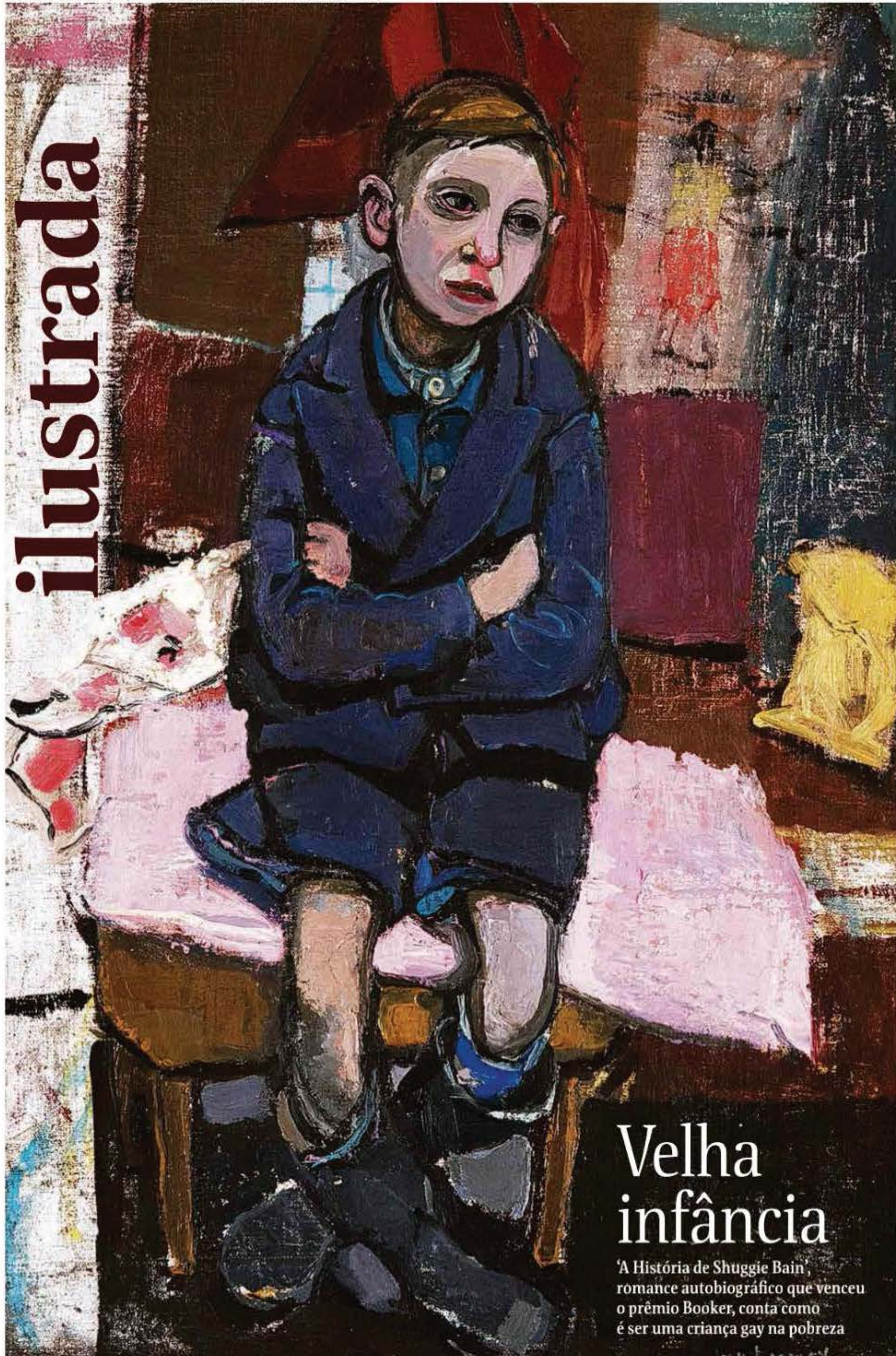
Brasil contra o Uruguai: melhor atuação de 2021

COUTINHO

As informações dão conta de que Coutinho gostaria de voltar ao Brasil para ficar mais perto da Copa. Uma coisa não tem necessariamente a ver com a outra. O que ele precisa é voltar a jogar bem, seja em Arsenal, Barcelona ou Flamengo.

ALERTA

Casemiro é um dos melhores brasileiros na Europa, pode ser o capitão do hexa, mas precisa de alerta. O número de cartões que o afastam de jogos importantes é exagerado. Fabinho é o reserva imediato e também excelente jogador.

ilustrada

Velha infância

'A História de Shuggie Bain', romance autobiográfico que venceu o prêmio Booker, conta como é ser uma criança gay na pobreza

'Boy on Stool', pintura da escocesa Joan Eardley, que retrata crianças de rua em Glasgow Paisley Museum and Art Galleries/Renfrewshire Council Collections/Reprodução

Walter Porto

SÃO PAULO Quando Shuggie Bain, ainda criança, se aproxima da cintura da mãe para reclamar da casa para onde haviam acabado de se mudar, num conjunto habitacional que fedia a "repolho e bateria", as vizinhas que fofocam perto dela reagem com um certo deboche.

"Olha só isso aí. Liberace está chegando!", berra uma delas, e todas ao redor urram de gargalhar com a referência ao músico espalhafatoso. "Espero que o piano caiba na sala", brinca outra delas.

A mãe, Agnes, fecha a cara e sai de perto levando o filho, que sofre com piadas homofóbicas desde muito antes de entender que é gay. Os comentários, já violentos, prenunciam as agressões ainda mais duras de que o garoto será alvo, enquanto sua mãe pena para conseguir colocar comida na mesa de casa.

"Esse é um lado bastante negligenciado dentro da história queer", afirma o escocês Douglas Stuart, que venceu o Booker, um dos mais prestigiosos prêmios da literatura em inglês, por esta estreia literária, "A História de Shuggie Bain".

"Muito do cânone da literatura gay vem da classe média, um lugar com mobilidade social, acesso a educação e a ambientes urbanos. Quando você sente que não pertence a um lugar e não consegue de jeito nenhum se mover dali, há uma tensão real", afirma o escritor em entrevista por vídeo.

"O arco da conquista dos direitos queer foi diferente para as classes trabalhadoras. Foi mais devagar e violento."

Stuart está numa posição confortável para fazer essa análise, afinal a história que narra em "Shuggie Bain" bebe muito da sua própria. O autor cresceu numa família miserável, sofreu com um pai que o abandonara e uma mãe que sucumbia cada vez mais ao alcoolismo, que a vitimou quando o escritor tinha 16 anos.

O enredo do romance, centrado na relação protetiva do menino Shuggie com uma mãe que se afunda cada vez mais no vício, tinha muito do autor tentando dar sentido à própria vida. Foi um processo terapêutico no qual ele diz ter aprendido a "se recusar a sentir qualquer vergonha e também a manter isso no escuro".

Foi um caminho tortuoso. A formação de Stuart foi em manufatura têxtil. Trabalhou para marcas como Calvin Klein e Ralph Lauren até chegar a um cargo de direção na Banana Republic, época em que começou a rascunhar o que se tornaria o romance.

Continua na pág. B7

Velha infância

Continuação da pág. B6

"Eu sempre me considerei um contador de histórias, mas fazia isso sempre às margens do meu emprego", lembra Douglas Stuart. "Shuggie Bain" demorou mais de uma década para tomar forma, conforme o autor misturava lembranças e ficção. A edição de 528 páginas que chega ao Brasil, segundo ele, é a versão curta. "Meu plano inicial tinha 1.800 páginas", afirma, sorrindo.

Faz algum sentido quando se compreende que as maiores inspirações do escritor foram os grandes clássicos da literatura britânica, como Charles Dickens e James Joyce. "Sempre gostei mais de ser engolido por livros imersivos, com um coro de personagens, e achei que usar esse mesmo tratamento detalhista conferia dignidade ao mundo que eu procurava retratar."

O interesse dele, contudo, está em personagens bem diferentes. Mesmo que o cânone tenha se atentado fartamente à classe operária, era raro que os protagonistas não fossem homens heterossexuais. "E os gays sempre estiveram lá, mas invisíveis", diz. "Quando você é queer nesse tipo de ambiente, invisível é o melhor que você consegue ser."

Na literatura de Stuart, há a tensão represada nas mulheres que ficam em casa, dependentes de maridos inconstantes e violentos — e o romance não mede palavras para denunciar o esgarçamento das redes de proteção social que foi marca do thatcherismo naqueles anos 1980.

O escocês afirma que, desde então, a situação dos trabalhadores britânicos piorou e melhorou. "As coisas estão piores porque agora há a dissolução da identidade e da solidariedade entre as pessoas dessa classe. Hoje até os pobres se pensam como indivíduos, Thatcher teve bastante sucesso em acabar com os sindicatos. Mas as coisas estão melhores porque as oportunidades em muitas cidades industriais renasceram desde aquele momento."

Em meio a todos esses indivíduos, o interesse de Stuart sempre está nos que fogem à masculinidade padrão. Há Catherine, a filha que busca de qualquer jeito escapar da armadilha de um destino tão miserável quanto o da mãe; Leek, o filho mais velho angustiado com a serventia de seu talento para a arte; e Shuggie, que tem a divergência mais radical da heteronormatividade.

"Crescer em Glasgow nos anos 1980 era lidar inevitavelmente com o tema do abandono parental. Eu pensei muito sobre como era fácil para alguns homens simplesmente levantar e começar uma nova vida em outro lugar. E como o fardo era sempre carregado pelas crianças e mulheres deixadas para trás."

Assim, a história essencial num livro repleto de cenas de desamparo, carência e humilhação é a de um amor perpétuo — o que sente um filho por sua mãe, não importando que a situação da mulher vá piorando de forma trágica e vertiginosa ao longo das páginas do romance.

"O amor não significa muita coisa, a menos que ele seja testado", afirma Stuart. "Há um tipo de amor incondicional que somente as crianças têm por seus pais falhos. É um pouco milagroso. A razão pela qual fiz um livro tão sombrio é que eu queria que as coisas reluzentes tivessem um brilho mais intenso."

A História de Shuggie Bain
Autor: Douglas Stuart. Trad.: Débora Landsberg. Ed. Intrínseca. R$ 79,90 (528 págs.); R$ 54,90 (ebook)

O escritor José Falero, autor de 'Mas em que Mundo Tu Vive?' Tomás Edson Silveira/Divulgação

Em novo livro de crônicas, José Falero cria estranhamento brechtiano na sátira social

LIVROS
Mas em que Mundo Tu Vive?
★★★★★
Autor: José Falero. Ed. Todavia
R$ 64,90 (280 págs.), R$ 39,90 (ebook)

Laura Erber

A crônica, tão enraizada no espaço, é também um gênero de escuta do tempo. Entre nós, nasceu carioca, sob o som ensurdecedor das picaretas que abriam a avenida Central, desejando flagrar o espírito contraditório de uma cidade que se queria francesinha e civilizada, mas na prática se baseava na hierarquização feroz que desmentia o espírito republicano.

"Mas em que Mundo Tu Vive?", segundo livro de José Falero publicado pela Todavia, não foge à regra. Mostra que cronista é quem consegue captar o seu tempo no turbilhão contraditório da vida. Transitando entre os diferentes mundos de Porto Alegre, o autor deixa ver na singularidade da experiência rasgos de uma história coletiva.

A pergunta sustentada pelo título, em tom de perplexidade e irritação, dá o tom intrépido do conjunto que fascina ao revelar perrengues bem reais numa sociedade que insiste em ser surda a si mesma.

Falero descreve o "corre" da vida urbana precarizada e sabe exatamente do que fala. As crônicas às vezes interpelam a leitora ou o leitor, explicitando a provável distância que nos separa do narrador, e têm a vantagem de não aderir ao tom demagógico. Antes, as interpelações são como um estranhamento brechtiano.

O livro arrebata pelo tratamento dado às questões atuais, especialmente o problema do trabalho numa época que alguns teóricos caracterizam pela neoescravidão e o pós-emprego, ou seja, excesso de trabalho, sub-remuneração e perda de direitos.

A crônica que batiza o volume abre a seção "Assalariados", que ironicamente nos introduz no dia a dia da economia dos bicos, por vezes tarefas kafkianas e sem sentido, mas das quais dependem para viver o narrador e seus amigos, e que no Brasil já representam mais de 40% dos trabalhadores ativos.

Ao flagrar a violência entre as classes na concretude de pequenos gestos, Falero faz lembrar relatos de Carolina Maria de Jesus. Os leitores desta não esquecem a história dos sanduíches de rato ou as descrições das alucinações produzidas pela fome.

Com Falero sentimos o peso das 300 sacolas de cimento que chegam no fim de um dia de espera, vergam o corpo e bambeiam as pernas. Revela, e em geral com algum humor, a dinâmica tensa e difícil entre a submissão tática e a indignação que não pode ser declarada, desfiando em filigranas a silenciosa luta de classes que não diz seu nome. Fica ecoando em nós o ar categórico da vizinha que, biblicamente, nega duas vezes um copo d'água aos trabalhadores de uma demolição.

"Mas em que Mundo Tu Vive?" mostra um escritor interessado em jogar com o documentalismo sem se render à força retórica dos fatos ou ao valor agregado do "lugar de fala". Assim parece dar continuidade ao projeto criativo do romance "Os Supridores", em que narrava, até a saturação expressiva, os cálculos labirínticos de dois empreendedores pobres tentando melhorar de vida.

A vocação para a sátira social faz do livro um modo especialmente contundente de percorrer as metamorfoses do trabalho e da sua desumanização numa cultura que bebe no mito da democracia racial e na farsa da meritocracia.

Mergulhando no particular concreto e tirando proveito dos falares populares, gírias e sotaques, Falero produz uma expressão importante do desafio cotidiano enfrentado pela maior parte da população.

Sua literatura tem ainda a vantagem de querer ser lida tanto por quem se identifica com as agruras do narrador quanto por aqueles que vivem em "outro mundo".

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

VOO LIVRE

A equipe do procurador-geral da República, Augusto Aras, já enviou ao Tribunal de Contas da União novos dados sobre o pagamento de passagens e diárias a procuradores da Operação Lava Jato, abrindo dados da gestão de Rodrigo Janot, um de seus antecessores no cargo.

LAR O tribunal investiga o fato de procuradores que trabalhavam em Curitiba (PR) receberem diárias como se morassem em outra cidade e trabalhassem na capital do Paraná apenas transitoriamente - quando, na verdade, se estabeleceram na cidade, passando a maior parte do tempo trabalhando nela.

LAR 2 De acordo com as investigações, uma situação permanente, de moradia, era tratada como transitória, já que os procuradores não tinham sido oficialmente transferidos para Curitiba e por isso recebiam as diárias.

MODELO O Ministério Público junto ao TCU concluiu que o modelo de funcionamento adotado pela força-tarefa não representou o menor custo possível para a sociedade brasileira. E disse que ele "resultou em interessante 'rendimento extra' em favor dos beneficiários, a par dos elevados valores das diárias percebidas".

DE VOLTA O TCU acatou os argumentos do MP e pediu a devolução do dinheiro. Entre os procuradores citados estão Antonio Carlos Welter, que recebeu R$ 506 mil em diárias e R$ 186 mil em passagens, Carlos Fernando dos Santos Lima, que recebeu R$ 361 mil em diárias e R$ 88 mil em passagens, Diogo Castor de Mattos, com R$ 387 mil em diárias, Januário Paludo, com R$ 391 mil em diárias e R$ 87 mil em passagens, e Orlando Martello Junior, que recebeu R$ 461 mil em diárias e R$ 90 mil em passagens.

SOLIDÁRIO O ex-procurador Deltan Dallagnol aparece como idealizador do modelo e foi citado para devolver recursos solidariamente aos cofres públicos.

SOLIDÁRIO 2 O ex-procurador-geral da República Rodrigo Janot, que comandava o Ministério Público Federal na época da Lava Jato, também será citado para devolver recursos solidariamente.

PERPLEXO Procuradores que integraram a Operação Lava Jato em Curitiba se disseram perplexos com a determinação do TCU de que sejam devolvidos recursos de diárias e viagens recebidos.

NOTA No dia em que a coluna revelou a existência da investigação, eles reagiram: em nota enviada por meio da assessoria de Deltan Dallagnol, que coordenava a força-tarefa de Curitiba, os procuradores afirmaram que as diárias e as passagens aéreas foram autorizadas e que nunca foi apontada qualquer ilegalidade, fosse pela auditoria interna ou pelas autoridades administrativas do Ministério Público Federal (MPF).

NOTA 2 Eles disseram que a auditoria técnica do próprio TCU sugeriu o arquivamento do caso por entender que ele não preenchia requisitos de admissibilidade e por "ausência de irregularidades".

BOAS-VINDAS

Fotos Manuela Scarpa/Divulgação

O vocalista Felipe Pezzoni 1 se apresentou com a Banda Eva na última noite do Réveillon Nº1, em Itacaré, na Bahia. A apresentadora Helen Ganzarolli 2 compareceu à festa da virada, na sexta (31). A empresária Sarah Fonseca e seu namorado, Valentin 3, também estiveram lá

PIPOCA Um balanço feito pela Ancine (Agência Nacional do Cinema) mostra que o país realizou no ano passado 693 obras documentais, 626 produções de ficção e 149 animações.

APROVADO Ao longo de 2021, um total de 3.222 novas obras audiovisuais obtiveram o Certificado de Produto Brasileiro (CPB). Desse volume, 35 obras foram feitas em regime de coprodução internacional. A agência ainda registrou 2.562 novos agentes econômicos no ano passado, sendo 753 pessoas físicas, 21 empresas estrangeiras e 1.788 empresas brasileiras.

TERMÔMETRO Uma pesquisa feita com o público que visitou a Expo Internacional da Consciência Negra, em São Paulo, mostra que 42% dos entrevistados acreditam que as políticas públicas para a população negra na capital apresentaram melhora nos últimos quatro anos. Outros 40,7% disseram que se manteve igual, enquanto para 16,7% a situação piorou.

SATISFAÇÃO Realizada de 20 a 22 de novembro, a Expo reuniu 13 mil visitantes e artistas como Sandra de Sá, Leci Brandão, MC Sofia e Dexter. O evento foi aprovado por 95,5% das pessoas ouvidas na pesquisa, realizada pelo Observatório do Turismo da empresa SPTuris. Dos respondentes, 79% se autoidentificaram como negros. A organização foi feita pela Secretaria Municipal de Relações Internacionais, chefiada por Marta Suplicy.

com Lígia Mesquita, Victoria Azevedo, Bianka Vieira e Manoella Smith

Romance gay 'Um Homem Só' traça um retrato cruel e humano da solidão

Livro que acaba de ganhar nova edição no Brasil transporta leitor para períodos de intenso lirismo

LIVROS
Um Homem Só
★★★★★
Autor: Christopher Isherwood. Trad.: Débora Landsberg. Ed. Companhia das Letras. R$ 59,90 (160 págs.); R$ 39,90 (ebook)

Itamar Vieira Junior
Colunista da Folha, doutor em estudos étnicos e africanos pela UFBA e autor de 'Torto Arado' (Todavia), vencedor do prêmio Oceanos e do Jabuti

Se o luto já é um processo complexo de ruptura do cotidiano, capaz de desestabilizar os fluxos rotineiros da vida, imagine para um homem gay, nos anos 1960, que se torna viúvo repentinamente e procura encontrar meios para extravasar sua dor?

Essa é a premissa de "Um Homem Só", de Christopher Isherwood, que acaba de chegar às livrarias em edição da Companhia das Letras. Se observarmos que, 60 anos depois de sua publicação original, os direitos das populações LGBTQIA+, mesmo em meio a avanços, ainda permanecem aquém do necessário para sua livre expressão na maior parte do mundo, o romance permanece atual, entranhado da sutileza que evoca a intensidade e a banalidade da vida, revelada ao leitor através do protagonista da história, George Falconer.

George é um professor de origem britânica que vive em um subúrbio de Los Angeles e acabou de perder seu companheiro, Jim. Uma relação que permanecia no armário aos olhos da sociedade, e este parece ser um grande entrave para que o personagem viva plenamente a sua dor.

Nesse contexto, adentramos as 24 horas que demarcam o tempo do romance, acompanhando George em um dia corriqueiro — a irritação com as crianças da vizinhança; a atividade física enquanto admira a vitalidade dos homens que jogam tênis; a tensão da sala de aula; o jantar com Charley, a amiga igualmente solitária; o encontro casual com um aluno em um bar que costuma frequentar.

Nesse breve intervalo está a vida de George, um homem de meia-idade atravessado por sentimentos intensos de isolamento, raiva e depressão, que caracterizam a perda que sofreu, como Isherwood descreve no início do romance.

"E é aqui, quase todas as manhãs, que George, depois de descer a escada, tem essa sensação de de repente se encontrar em uma borda abrupta, brutalmente interrompida, irregular — como se o caminho tivesse desaparecido num deslizamento. É aqui que ele estanca e se dá conta, com uma estranheza aflitiva, quase como se fosse pela primeira vez: Jim morreu, morreu", escreve o autor.

Jim é evocado a cada memória como o "pensamento mágico" quando a fronteira entre presença e ausência ainda não está plenamente demarcada.

No outono da vida, George se agarra ao que resta de seu tempo, intelecto e corpo para poder prosseguir — a capacidade de continuar a sentir a vida pulsando de inúmeras maneiras em seu entorno.

Não há grandes questões sobre a sexualidade e a aceitação. George parece viver plenamente, conciliando autopreservação e satisfação. Ele se agarra às reminiscências da juventude, cercando-se no presente de corpos ativos, que de alguma maneira são capazes de manter seu mundo cada vez mais fugidio sob controle, ainda que caminhe para a inevitável solidão.

"Um Homem Só" é um romance vívido, extremamente atual, e Isherwood é um escritor capaz de transportar o leitor por períodos de intenso lirismo sem que soe excessivo. Embora haja rigor na forma, na escolha das palavras, sua escrita nunca é capaz de ofuscar a história que se quer contar.

> [...]
> E é aqui, quase todas as manhãs, que George, depois de descer a escada, tem essa sensação de de repente se encontrar em uma borda abrupta, brutalmente interrompida, irregular [...]. É aqui que ele estanca e se dá conta, com uma estranheza aflitiva, quase como se fosse pela primeira vez: Jim morreu, morreu
>
> Trecho de 'Um Homem Só', de Débora Landsberg

Há momentos de rara beleza, como naquela que talvez seja uma das mais belas cenas eróticas da literatura ocidental. George flerta com seu aluno Kenny e deduz que no jogo intelectual que se estabelece há correspondência de sentimentos. A recordação de que a homossexualidade acompanha a história humana, como na referência à Grécia Antiga, se instaura com delicadeza quando Kenny, na ausência de roupas limpas, se envolve em um lençol "deixando à mostra um braço e um ombro e se transformando em traje grego clássico, as clâmides usadas pelo jovem discípulo — o predileto, sem dúvida — de um filósofo".

Isherwood foi um dos pioneiros da ficção gay em língua inglesa, amante do poeta W. H. Auden, e se tornou célebre com a adaptação de seu romance "Cabaret - Adeus Berlim" nas telas de cinema, estrelado por Lisa Minelli, em 1972.

"Um Homem Só" integrou a lista dos cem melhores romances do século 20 do jornal The Guardian publicada em 2015. Uma obra atemporal que permanecerá marcada por sua inegociável honestidade, retrato cruel e humano da solidão de um homem gay durante o passar dos anos.

Colin Firth em cena do filme 'Direito de Amar', dirigido por Tom Ford a partir do romance de Christopher Isherwood
Divulgação

Obra narra família formada por múltiplas questões de gênero

LIVROS
Destransição, Baby
★★★★★
Autora: Torrey Peters. Trad.: Luisa Geisler. Ed. Tordesilhas. R$ 54,90 (320 págs.); R$ 38,40 (ebook)

Naná DeLuca

Em um dia ensolarado num parque de Nova York, Reese e Ames reencontram-se três anos após o fim de seu namoro. Ames tem uma notícia e uma proposta: ela será pai. Engravidou sua chefe e amante, Katrina, e quer que Reese faça parte da família. De fato, Ames não consegue imaginar ser pai sem Reese ao seu lado e ao lado de Katrina.

A concepção de um bebê por esse triângulo afetivo trans-cis é o que conduz o romance de estreia de Torrey Peters, "Destransição, Baby", cuja originalidade está tanto na premissa quanto na costura minuciosa do enredo.

Dividido em capítulos temporalmente marcados como "antes" ou "depois da concepção", o leitor ora acompanha o desenrolar da proposta de Ames, ora mergulha nas memórias e experiências de cada personagem, de forma que é capaz de compreendê-los profundamente em meio a uma situação, em si, rocambolesca.

Reese é uma mulher trans que deseja ser mãe e, também, gostaria de não precisar explicar por quê (afinal, ela afirma, mulheres cis não precisam se explicar quando escolhem a maternidade). A proposta de Ames, portanto, permite que Reese vislumbre concretizar esse sonho.

Já Katrina é uma mulher cis divorciada de 39 anos, para quem a gravidez é um choque. Quer ser mãe, mas não solo, e também não quer ser só uma incubadora para a família queer de seu amante. Ela em nenhum momento descarta a possibilidade de abortar, assunto tratado no romance como um direito inquestionável de quem engravida.

Ames, por sua vez, é a personagem mais complexa do livro tanto pela forma como vive sua identidade de gênero quanto pelo acúmulo de traumas. É uma mulher trans que "cansou de viver como trans". Após sofrer agressões e ser traída por sua namorada, Reese, Amy interrompe a hormonização, muda o nome para Ames e passa a viver como homem. Faz, assim, a destransição. Ao descobrir a gravidez de Katrina, porém, apavora-se com a possibilidade de ser pai, "a não ser que conseguisse se encontrar um jeito de fugir da força gravitacional da família nuclear".

Junto, o trio passa a buscar consensos para construir uma família "destradicional", em que duas mães e um Ames criam uma criança e encontram, enfim, a sua própria versão do "normal".

Para narrar essa busca, o romance se deixa atravessar por múltiplas questões de gênero (masculinidade, feminilidade, ser trans, ser cis, ser LGBTQIA+, ser hétero, hormonização, patriarcado, violência, adultério, aborto, heteronormatividade etc.), que são habilmente discutidas de maneira demasiadamente humana: sem superficialidades ou chavões políticos, mas como partes integrantes das vidas de Reese, Ames e Katrina.

As condições colocadas por gênero e sexualidade são inescapáveis para as personagens — as três altamente conscientes dos lugares que ocupam socialmente. Reese, Ames e Katrina, cada uma à sua maneira, o tempo todo negociam quem são ou gostariam de ser e o que a sociedade é. Ou, como pensa Reese, entre "o caos que separa o que se pode desejar e o que se pode dizer".

É na mistura de todos esses elementos, salpicados pela cultura pop e pela efervescência das redes afetivas entre pessoas T, que "Destransição, Baby" retrata a experiência trans de uma geração, aquela que Ames define como forjada "de fúria e trauma", privada, pela pandemia de HIV da década de 1980, de anciãs — ou seja, mulheres trans mais velhas capazes de acolher as mais jovens.

Por fim, é preciso destacar a tradução cuidadosa de Luisa Geisler, que incorpora o linguajar LGBTQIA+ de forma orgânica, com boas escolhas de gírias e expressões em português, o que torna o falar dos papéis realista e, sobretudo, familiar, ampliando o efeito de intimidade com cada personagem da narrativa.

A travessia de Ames, Reese e Katrina abre ao leitor diferentes dimensões do humano e o convida para adentrar um mundo que talvez lhe seja estranho, talvez nem tanto, mas do qual é impossível sair ileso. Seja o leitor trans ou cis.

Elle Fanning no papel da russa Catarina na segunda temporada de 'The Great', ao lado de Douglas Hodge (esq.) e Sacha Dhawan Divulgação

'The Great' retorna como queridinha da crítica

Segunda temporada da série mostra uma Catarina, a Grande, tentando salvar a Rússia da estupidez do marido, Pedro

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO "Uma história ocasionalmente verídica." É assim que a série "The Great" se descreve a cada episódio. A mistura de biografia histórica, calcada na realidade, com pitadas de excentricidade e nonsense justificam o subtítulo —e são o motivo para a produção ter caído no gosto da crítica.

"The Great" retornou para uma segunda temporada dias depois de ter recebido indicações ao Globo de Ouro e ao Critics Choice Awards. Aqui no Brasil, a produção não gerou muita comoção, embora tenha sido elogiada lá fora por quebrar barreiras do gênero de época e se permitir não levar os livros de história a sério.

A primeira leva de episódios acompanhou a chegada de uma então inocente e romântica Catarina à corte russa do século 18. Ao longo da temporada, porém, a mulher do imperador da Rússia, Pedro, vai notando que seu marido é um idiota —e que essa não é a melhor das características quando se governa um império.

Após vários capítulos planejando um golpe, a personagem consegue botar o plano em ação —e foi na alvorada de uma disputa dramática que a temporada acabou. Os episódios lançados agora prometem desenrolar o imbróglio e mostrar uma figura mais próxima de receber a alcunha de Catarina, a Grande.

"Eu estava muito empolgada em voltar para uma segunda temporada porque, na primeira, introduzimos todo mundo ao público, mostramos como era a corte, mas tudo ainda está borrado, não sabemos o que aqueles personagens querem", diz Elle Fanning, que vive a personagem, em entrevista por vídeo.

Apesar de ser reconhecida como uma das mais importantes governantes da Rússia, pioneira na modernização das cortes europeias e entusiasta dos ideais iluministas, Catarina não é pintada em "The Great" como uma heroína. Ela aparece numa posição de ambiguidade e arrogância, no que Fanning diz ser uma abordagem curiosa num audiovisual cada vez mais dominado por mulheres fortes e à prova de falhas.

Com o humor da série, ela quer não apenas entreter, mas dar valor a uma entre tantas mulheres que, ela diz, foram importantes por provocar mudanças e revoluções ao longo da história, "mas não recebem o devido crédito por isso".

Na série, Pedro é um fanfarrão despreparado e egocêntrico. Ele transa com as mulheres dos amigos só porque pode, insiste que a corte faça elogios ao seu pênis e inaugura um salão dedicado à tortura sem muito motivo para isso.

Mas aí chega Catarina, com livros de Voltaire e uma grande máquina de impressão para produzir jornais, questionando a irracionalidade das guerras travadas pelo marido.

"Se o Pedro tiver sido pelo menos um pouco como o personagem da série, acho que ele ia gostar da maneira como eu o interpreto, porque ele é um grande ególatra", afirma Nicholas Hoult, ator que dá vida ao imperador.

Fanning e Hoult desfilam mais uma vez, nos novos episódios, por cenários opulentos e luxuosos, como os de qualquer grande produção de época, mas tecendo comentários ridículos, escatológicos e absurdos que normalmente não se infiltram no gênero.

Cortesia do criador e roteirista Tony McNamara, que já foi indicado ao Oscar por fazer algo parecido, mas em menor escala, no filme "A Favorita". Para a segunda temporada, ele criou ainda uma nova personagem —a mãe de Catarina, vivida por Gillian Anderson, que parece estar em seu auge televisivo após vencer prêmios por "The Crown" e cair nas graças de uma nova geração com "Sex Education".

The Great - 2ª Temporada
Reino Unido/EUA, 2021. Criação: Tony McNamara. Com: Elle Fanning, Nicholas Hoult e Gillian Anderson. Disponível no Starzplay

Intimidade dos Románov ofusca fatos históricos no livro 'Os Últimos Czares'

LIVROS
Os Últimos Czares: Uma Breve História Não Contada dos Románovs
★★☆☆☆
Autor: Paulo Rezzutti. Ed. LeYa. R$ 40 (280 págs.); R$ 28 (ebook)

Irineu Franco Perpetuo

SÃO PAULO "Os Últimos Czares" é o título tanto de um recém-lançado livro de Paulo Rezzutti quanto de uma série de 2019 da Netflix. Muito mais interessados nas vidas privadas do que nas personalidades históricas, ambos se debruçam sobre o último monarca russo, Nicolau 2º, e sua família, desde sua ascensão ao trono até a bárbara execução sumária pelos bolcheviques.

Em um e outro, fontes anglo-saxônicas predominam largamente sobre as russas. Na telinha, o astro é o britânico Simon Sebag Montefiore, que veio à Flip em 2018 e teve vários livros publicados no Brasil, nos quais trata a realeza russa com o mesmo misto de gosto pelo escândalo e sensacionalismo que fez a fama internacional dos tabloides de seu país.

Se a série da Netflix esbalda-se em cenas de sexo entre Nicolau e sua mulher, Alexandra, e também se delicia com as orgias da eminência parda da corte, o místico Grigóri Rasputin, o livro do escritor brasileiro prefere não adentrar a alcova dos Románov. Rezzutti, contudo, não resiste a redigir um longo parágrafo especulando sobre o paradeiro do órgão sexual de Raspútin após seu assassinato.

Em ambos, ainda, é dedicado bastante espaço ao fuzilamento dos Románovs pelos bolcheviques, bem como à ocultação de seus corpos e aos vários impostores que, ao longo de décadas, se apresentaram como membros sobreviventes da família real. Se a série da Netflix claramente responsabiliza Lênin pelo massacre, Rezzutti, mais cuidadoso, afirma que o Soviete dos Urais "enviou uma mensagem para Moscou pedindo autorização para a execução, mas não existe registro de se houve ou não uma resposta".

De qualquer maneira, a prioridade do livro, muito mais do que os fatos históricos, é a intimidade dos Románov: sua árvore genealógica, os parentescos com as demais casas reais europeias, seus apelidos, os afetos e intrigas familiares, a descrição minuciosa de suas rotinas. Um capítulo inteiro é dedicado, por exemplo, aos ovos de Fabergé, joias que se tornaram símbolo e fetiche daquele período. Há ainda um longo parágrafo dedicado ao "mais maravilhoso" dos eventos grandiosos promovidos pelo casal real: um baile à fantasia em 1903, no qual "os 390 convidados compareceram em trajes da corte russa do século 17".

E assim por diante. Aprendemos, por exemplo, que todas as princesas Románov "usavam perfumes Coty, embora cada uma preferisse uma fragrância". Ou que o príncipe herdeiro "possuía um gato cinzento cujas unhas brancas haviam sido removidas para não correr o risco de machucá-lo, e um burro de estimação chamado Vanka, que puxava a carroça para o menino e sabia vários truques".

No final do livro, Rezzutti concede que o glamour das fotos de Nicolau "não mostra o czar inseguro e vacilante com dificuldade para tomar decisões". Para o autor, "o fracasso da experiência social de um regime que acabou por se revelar tão corrupto, sangrento e despreparado como o czarismo pode ser a chave para se entender por que o saudosismo de uma era repleta de pompas, luxos, joias e riquezas incalculáveis povoa, até hoje, o sonho das pessoas".

Antipatia é quase amor

Nada contra os simpáticos, mas quero destacar os tímidos e os inadequados

Bia Braune
Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Fui secar a louça e estava escrito "good vibes" no pano de prato. Nisso, recebi spam com "Os 100 Segredos das Pessoas Felizes" e, na mesma tarde, tomei fechada de um carro cujo adesivo perguntava: "Já sorriu hoje?".

Peraí, gente. O ano mal virou. É como se apontassem um emoji de gratiluz pra nossa cabeça. "Mãos ao alto! Faz o coraçãozinho! Você está cercado!"

Não é de hoje que vivemos a era dos sorrisos implacavelmente brancos, da brodagem de guerrilha nas redes e de figurações exuberantes que são o centro das atenções e dos likes. Uma genteboice compulsória que tem como lema o "urru, TMJ", ou tamo junto.

Nada contra o simpático, essa criatura fofa e supostamente aberta ao outro, que vive numa performance pública constantemente gracinha. No entanto, peço licença para destacar outra classe que reúne os tímidos, os inadequados e os que suam nas mãos —os que, por falta de empatia coletiva, são rotulados de "antipáticos".

Do filósofo Schopenhauer ao smurf Ranzinza, há toda uma gama desses seres polêmicos e pouco empolgados que existem à margem da simpatia-ostentação, ainda assim capazes de exercer fascínio. Do contrário, não amaríamos tanto —na vida e nos filmes— professores durões que ensinam uma lição, mordomos frios que leem poesia escondidos e até alienígenas cruéis que, na hora H, desistem de exterminar nosso planeta.

Um dos casos mais contundentes da crônica antipática brasileira é o da bolete Zulu, dona de uma luz própria que emanava não das lantejoulas de seu collant, mas do fato de jamais sorrir enquanto bailava no palco do "Clube do Bolinha".

De cara sempre amarrada, virou fenômeno. Mais de 30 anos depois, porém, um programa sensacionalista revelou ao Brasil que Zulu ria sim, mas por dentro. Tinha paralisia facial.

Cada pessoa tem seu jeito, seu tempo e seus motivos. Ao aceitar isso, passei a me dedicar às amizades mais difíceis. Tipos monocórdicos e desanimados já me salvaram de perrengues e ofereceram ombrinhos confortáveis, enquanto populares e carnavalizantes nem tchuns.

Isso sem falar nos elogios deles —que, de tão raros, são preciosos. Dá vontade de emoldurá-los na parede ao lado da plaquinha de "cuidado, cão bravo".

Em 2022, que a gente saiba valorizar os não facinhos. Vamos convidá-los para mais festas —e, se não aparecerem, tudo bem. Às vezes dá preguiça, TMJ. Sem o urru. Ou com um pouquinho de urru. Faz parte.

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Especial em duas partes investiga excluídos dos textos bíblicos

Banidos da Bíblia
History, 22h10, 14 anos
Diversos textos antigos mencionam personagens bíblicos que não foram incluídos no cânone. Este especial tenta entender por que eles ficaram de fora. A primeira parte, "Enigmas do Antigo Testamento" (22h10), procura por pistas de Lilith, que teria sido a primeira mulher de Adão, e investiga a fama de feiticeiro do rei Salomão. A segunda parte, "Segredos dos Apóstolos" (23h), mostra alguns dos evangelhos que não entraram no Novo Testamento.

Gente Ansiosa
Netflix, 16 anos
Nesta série cômica sueca baseada no best-seller de Fredrik Bakman, um assalto a banco dá errado. Depois de fazer reféns, o criminoso desaparece, e dois policiais incompetentes precisam resolver o caso.

A Casa das Sete Mulheres
Viva, 20h30, 14 anos
Baseada no livro de Letícia Wierzchowski e exibida pela Globo em 2003, a minissérie que mostra o papel das mulheres durante a Guerra dos Farrapos, ocorrida no Rio Grande do Sul em 1835, chega ao canal. Com Giovanna Antonelli e Thiago Lacerda.

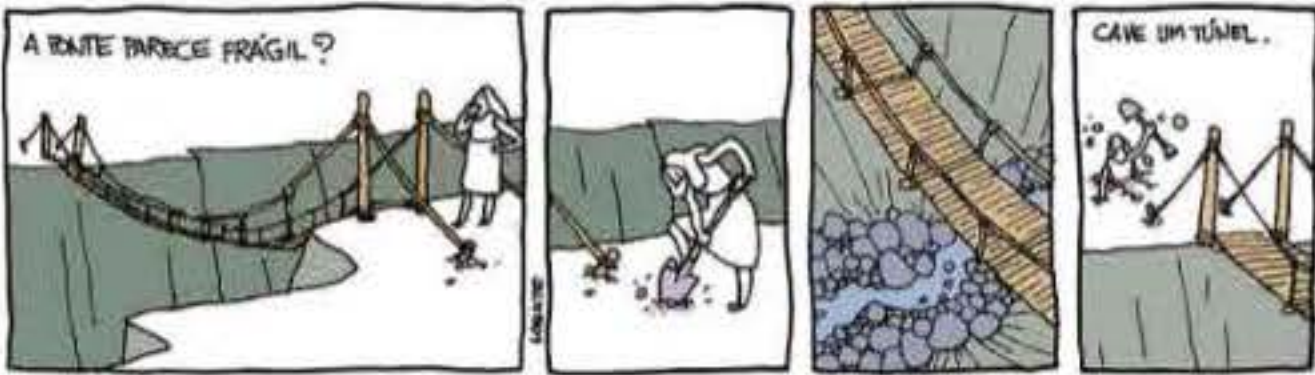
A Bigger Bang
Bis, 21h, livre
Em fevereiro de 2006, os Rolling Stones reuniram 1,3 milhão de pessoas na praia de Copacabana, no Rio, para um show histórico e gratuito. Este é um registro inédito do evento.

Amor nas Alturas
Telecine Premium, 22h, livre
Um viúvo leva a filha a um festival de pipas em sua cidade natal, e logo se vê dividido entre dois amores: uma mulher que acaba de conhecer e uma antiga paixão da juventude.

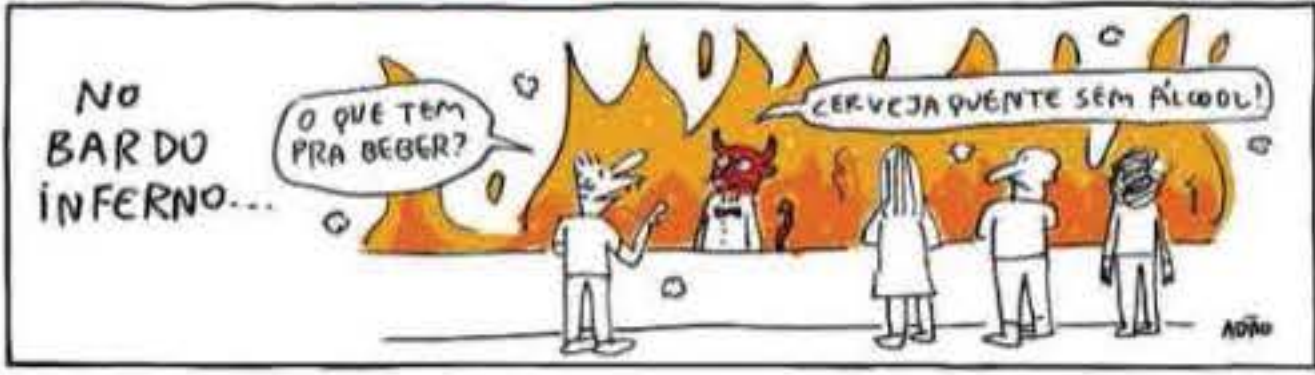
Los Trapos Sucios se Lavan en Casa
HBO Mundi, 22h, 16 anos
Nesta comédia mexicana inédita no circuito brasileiro, duas empregadas domésticas descobrem segredos escabrosos de seus patrões e decidem se vingar de anos de maus-tratos.

Juntos para Sempre
Globo, 22h40, 12 anos
Um mesmo cachorro morre e reencarna diversas vezes, acompanhando todas as etapas da vida de seu dono, vivido por Dennis Quaid. Inédito na TV aberta.

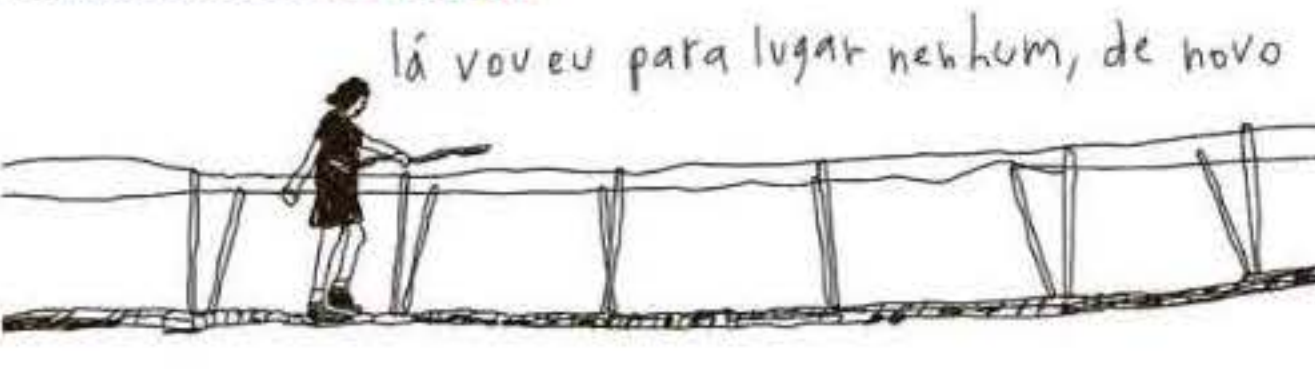
QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto art.br/fsp

FÁCIL

1			9		6	4		
		6		4				
			5		3		7	
4								7
8	7	1				3	5	4
5								9
	1		8		5			
				7		9		
		9	3		4			2

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Espécie de casaco / A mãe dos primos **2.** Conjunção que exprime ideias alternadas / Contagem **3.** (Eletr.) Unidade de medida / Querer muito bem a **4.** Palmeira tropical que fornece a homônima fibra vegetal **5.** Exclamação de surpresa / São 4 em assessor **6.** A meio de (dois espaços, dois tempos, duas situações etc.) / Silvio Santos, apresentador de TV **7.** Revoltado, rebelde **8.** Sociedade secreta / O sinal ~ **9.** Vento que sopra para o mar **10.** Vocal / O passar do tempo **11.** Progresso no campo de batalha **12.** Ainda / O Lama da religião oriental **13.** A parte verde da copa da árvore / Mercedes Sosa (1935-2009), cantora argentina.

VERTICAIS
1. O músico inglês de pop rock David (1947-2016) / Esta coisa / Antônio Fagundes, ator carioca **2.** Satélite natural de qualquer planeta / Um apelido do Benedito / (Pop.) Pessoa trapaceira, tratante **3.** Que está em bom estado por onde se pode passar **4.** Sinal em forma de flecha que indica direção ou rumo / Proteção ao menor **5.** (Quím.) O arsênio / (Gír.) Prejudicar por qualquer modo ou meio determinada pessoa ou atividade / Opção de resposta em provas **6.** O título dos antigos imperadores alemães / Os grupos étnicos **7.** (de Aquino) Um santo católico / Álcool combustível **8.** Furor breve / Elegância no vestir / Sigla do estado de Barcelos e Manaus **9.** Tipo de embalagem para inseticidas, desodorantes etc. / O ponto máximo do dado.

HORIZONTAIS: 1. Blusa, Tia, **2.** Ou, Escore, **3.** Watt, Amar, **4.** Ráfia, **5.** Eba, Esses, **6.** Entre, SS, **7.** Insurreto, **8.** Seita, Til, **9.** Terral, **10.** Oral, Anos, **11.** Avanço, **12.** Até, Dalai, **13.** Folhas, MS.
VERTICAIS: 1. Bowie, Isto, AF, **2.** Lua, Bené, Rato, **3.** Transitável, **4.** Seta, Tutela, **5.** As, Ferrar, Nda, **6.** Caiser, Raças, **7.** Tomás, Etanol, **8.** Ira, Estilo, AM, **9.** Aerossol, Seis.

Ricardo Cammarota

O olhar filosófico

O capitalismo organiza a vida moral miserável, vestindo-a com salto alto

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Hoje, façamos um exercício de olhar filosófico neste novo ano. Olharemos para três objetos de forma filosófica: a beleza, a sociedade de mercado e a política. Esse tipo de olhar se diferencia do senso comum porque carrega consigo um repertório maior do que o senso comum suporta —dá trabalho montar esse repertório, afinal— e, além disso, não busca agradar ninguém. Querer agradar é para os fracos.

Imagine um casal num restaurante num domingo no almoço. Uma mulher e um homem, a quem você daria mais de 70 anos. Entretanto, você percebe que ambos passaram por várias intervenções plásticas. Os rostos estão esticados, sintecados, inchados, enfim, deformados pela crescente e jovem ciência da beleza.

Na mesa ao lado, outro senhor acompanha a cena e fala: "Por Zeus, por que fazem isso?". Você coloca o Google Tradutor em ação e descobre que ele falou em grego ático.

Enfim, seu celular acaba por lhe informar que essa pessoa é Platão (427-347 a.C.) em carne e osso. Emocionado, tem o impulso de levantar-se, ir até ele e pedir uma selfie.

Para Platão, a beleza é uma forma perfeita, imaterial e eterna. A matéria participa dessa beleza na forma da natureza e dos corpos. Portanto, o que vemos no corpo de alguém que nos atrai é essa ideia plena da beleza mesma.

Entretanto, Platão nos adverte que o corpo, sendo matéria, não suporta a beleza pura e eterna —porque a matéria, sendo imperfeita, degenera.

Sabemos que para o grego a sabedoria está em buscar a beleza da alma, em mim e nos outros, pois a alma é essa realidade em nós que habita o corpo —a matéria— e o mundo das ideias plenas, perfeitas e eternas, ao mesmo tempo.

O que aquele senhor grego da mesa ao lado estava vendo, horrorizado, era a tentativa vã de retermos a beleza num corpo que não suporta a eternidade. Portanto, a beleza abandona o corpo.

O que o Platão viu foi o ridículo —o oposto da beleza— de um corpo em degeneração que ignora o fato de que, com os anos, o belo possível é o da alma, que, aliás, se revela sempre mais permanente, apesar de difícil acesso. Uma intervenção plástica qualquer sempre custa mais barato do que qualquer forma consistente de sabedoria.

Discute-se muito a sociedade de mercado —ou o capitalismo, como queira. Liberais afobados correm a afirmar as evidentes vantagens do capitalismo no que se refere à produção de riqueza em todos os sentidos. Conhecimento científico, medicina, tecnologia, direitos humanos, tudo custa muito recurso. Apesar da afobação dos liberais, eles não deixam de ter razão nesse aspecto.

Entretanto, se convidássemos Adam Smith (1723-1790) para um desses programas em que especialistas discutem economia e similares, ele provavelmente destoaria de grande parte da discussão.

A questão é que Smith traria aspectos que podemos chamar de morais quanto ao desenvolvimento da riqueza e seu acúmulo. Simplificando, para Smith há um risco moral no desenvolvimento das sociedades comerciais na medida em que elas, no final do dia, se alimentam e alimentam sentimentos morais duvidosos. Ganância, egoísmo, mentira, competição desenfreada.

Claro que nada disso nega o que os liberais afobados afirmam. Entretanto, a sociedade de mercado mente sistematicamente sobre essa realidade de fundo, enquanto avança no estrago generalizado dos sentimentos morais que dão sustentação à vida comum. O capitalismo organiza a vida moral miserável, vestindo-a com salto alto para festas.

E a política? Se um jornalista especializado em política perguntasse a Nicolau Maquiavel (1469-1527) o que ele pensa da política atual aqui e no mundo, ele responderia em poucas palavras: toda política é sobre violência, não se enganem. O político quer o poder e pronto.

Estando na mesma coletiva, Alexis de Tocqueville (1805-1859) lembraria ao nosso jornalista que os representantes sempre esquecem dos representados e trabalham apenas para a sua própria classe.

Mesmo aqueles que vendem a ideia de que fazem política para o nosso bem sempre o fazem para eles e seus colegas de profissão, inclusive quando eles são da oposição.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | **TER. João Pereira Coutinho** | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

BOM PRA CACHORRO | *Lívia Marra*
folha.com/bompracachorro

Santos (SP) libera trecho de praia para cães; veja regras

A partir deste sábado (1º), cães podem frequentar um trecho de praia em Santos, no litoral de paulista. A lei complementar que autoriza o projeto-piloto foi sancionada em novembro, e, assim, a cidade se tornou a primeira no estado a liberar, com regras, pets na faixa de areia.

A circulação na areia fica restrita a um trecho de cerca de 14 mil metros quadrados no José Menino, entre o posto 1 de salvamento e o emissário submarino, sempre das 6h às 9h e das 16h às 19h.

O animal precisa estar identificado, coleira e guia, e ser conduzido por pessoas maiores de idade, com força suficiente para controlar seus movimentos. Tutores deverão portar comprovante de vacinação e vermifugação do pet e recolher imediatamente as fezes, que devem ser descartadas em local adequado.

Será permitido ainda o uso dos chuveiros da orla da praia pelos cães na área demarcada para presença dos animais.

No entanto, cães em período de cio ou pré-cio ficam proibidos na faixa de areia.

"O espaço para cães na areia da praia é um projeto planejado, realizado em área delimitada e regrado. Vamos orientar as pessoas que levarem seus pets ao local e, além disso, sempre atentos à ciência, vamos analisar se a presença dos animais neste trecho da faixa arenosa traz, ou não, impactos ao meio ambiente, às pessoas e aos próprios animais", disse o prefeito Rogério Santos (PSDB).

O projeto piloto terá duração de seis meses. Durante esse período, estudo do Centro Universitário São Judas Tadeu, Campus Unimonte, acompanhará a qualidade da areia no trecho delimitado e em mais seis pontos da praia —Pompeia, Gonzaga, Boqueirão, Embaré, Aparecida e na Ponta da Praia. Além disso, será mantida a rotina normal de análise de balneabilidade da água, pela Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) e pela prefeitura.

"Após os seis meses, a expectativa é saber quão foi impactado o trecho do José Menino, se é que vai ser impactado", afirma o secretário de Meio Ambiente, Marcio Paulo.

Para o secretário municipal de Governo, Flávio Jordão, coordenador da comissão que definiu as regras do projeto-piloto, a população deve se conscientizar sobre a importância de recolher os dejetos. "Todos devem manter os devidos cuidados, cada um fazendo sua parte, para que a gente possa ter um resultado positivo do estudo."

Ilustração Catarina Pignato

Compõem a comissão infectologistas, veterinários, biólogos, representantes de universidades, de movimentos de proteção animal e das secretarias municipais de Saúde, Meio Ambiente e Segurança.

Segundo o infectologista Evaldo Stanislau, diretor da Sociedade Paulista de Infectologia e integrante do grupo, a presença de cães tratados, vermifugados e vacinados, além da coleta regular de dejetos, não vai implicar riscos.

No país, Rio de Janeiro e Natal já permitem a circulação de cães na praia.

A fiscalização será feita pela Guarda Civil Municipal, e há previsão de multas para o tutor que desrespeitar as medidas.

Segundo a prefeitura, será encaminhado à Câmara Municipal em fevereiro, após o recesso do Legislativo, um projeto de lei para reajustar para R$ 800 o valor da multa por não uso de guia e coleira adequadas ao porte do animal (hoje em R$ 121,50), pelo não recolhimento das fezes (R$ 150 atualmente), além da criação de nova multa, no mesmo valor, para quem circular com cães na faixa de areia fora do espaço permitido.

Avisos sobre a área exclusiva para cães, alertando para a possibilidade de multa em caso de descumprimento da lei, serão fixados ao longo da orla.

Lei Estadual determina que cães das raças mastim napolitano, pit bull, rottweiller, american staffordshire terrier, derivadas ou variações delas, devem ser conduzidas em áreas públicas com coleira, guia curta de condução, enforcador e focinheira.

O texto que resultou no projeto-piloto é de autoria do vereador Adilson Junior (PP). Em novembro, quando a lei foi sancionada, ele afirmou que a cidade será a primeira do estado a ter uma praia pet friendly e isso também será um fator positivo para a retomada econômica.

Patrícia Camargo, uma das idealizadoras do movimento Vai Ter Cachorro na Praia em Santos, disse que foram quase três anos de discussões sobre o assunto e reforçou que a decisão acompanha uma tendência no país, com pets considerados integrantes das famílias e cuidados cada vez mais com responsabilidade.

Para ela, a forma como a lei foi aprovada, com espaço delimitado, respeita tanto aqueles que gostam da ideia dos cães na praia quanto aqueles que não aprovam. "É uma novidade, muitos têm medo, mas por falta de informação porque muitos acham que basta o cachorro pisar na areia para espalhar bicho geográfico pela cidade inteira. Muita gente ainda reluta com relação a essa mudança de comportamento", disse, segundo a Agência Brasil.

Patrícia afirma que, desde o início, o movimento prega a limpeza das praias fazendo inclusive mutirões para recolher lixo, além de enfatizar a responsabilidade do tutor do animal. "Vamos contar muito com a autofiscalização, para não ficar apenas com a Guarda Municipal. Afinal, estamos há tanto tempo lutando por nosso espaço, então vamos cuidar com muito carinho."

O pet também precisa de cuidados para garantir a diversão na praia, já que a combinação água salgada, sol e areia pode representar risco aos animais.

Segundo veterinários, praia pode ser fonte de otites, conjuntivite, problemas dermatológicos e da dirofilariose, doença também conhecida como verme do coração —que pode ser evitada com vermifugação, por isso o veterinário deve ser consultado antes da viagem.

Cães também precisam protetor solar contra câncer e devem evitar exposição entre as 10h e as 16h. Além disso, o solo quente pode queimar as almofadas das patinhas.

Hidratação é fundamental. E, depois da brincadeira na praia, o bichinho deve tomar um bom banho para tirar todo sal e areia —mas é importante tomar cuidado com o ouvido e secar bem o animal.

BANDEIRA DA DISCÓRDIA
Bandeira da Comunidade Europeia hasteada sob o Arco do Triunfo, no centro de Paris, um dia após a França assumir a presidência do bloco; a bandeira foi retirada do local após extremistas de direita terem dito que ela "apagava" a identidade francesa Julien de Rosa/AFP

ACERVO FOLHA
Há 50 anos
3.jan.1972

Volkswagen compra terreno para construir fábrica em Taubaté (SP)

A Volkswagen do Brasil vai assinar, nesta segunda-feira (3), a escritura da compra de um terreno em Taubaté (SP) para a construção de suas instalações na cidade.

A empresa já pediu as providências para a prefeitura para que possa contar em 1974 com uma disponibilidade de energia elétrica da ordem de 33.100 kW. Esse número equivale ao triplo do atual consumo de toda a cidade de Taubaté, com a população de 110 mil habitantes.

Também foram solicitados que em dois anos sejam instalados 20 troncos telefônicos, com 200 ramais, e que ocorra o fornecimento diário de 1.300 metros cúbicos de água.

FOLHA DE S. PAULO
Perigo e promessas do ano bissexto

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira*
folha.com/mensageirosideral

Foguetes lunares e missões interplanetárias farão ondas em 2022

O novo ano vai ser entusiasmante para quem espera pelo retorno da humanidade à Lua, hiato que por sinal completa 50 anos em 2022.

Ainda não veremos astronautas deixando pegadas no solo lunar, mas haverá passos importantes, com os primeiros lançamentos dos foguetes SLS (levando uma cápsula Orion, sem tripulação, em um voo circunlunar) e Starship (que a SpaceX está desenvolvendo para servir de módulo de pouso para a Nasa). O primeiro é "velha guarda" e caro. O segundo é revolucionário, arriscado e pode transformar a exploração espacial. Em resumo, tem para todos os gostos.

As datas de lançamento não estão firmes, mas devem ser, ambas, no primeiro semestre.

Outros dois foguetes respeitáveis, mas um degrau abaixo, que podem fazer seus primeiros voos em 2022 são o Vulcan, da United Launch Alliance, e o New Glenn, da Blue Origin.

Para voo tripulado, veremos mais do mesmo —e talvez algo novo.

Naves Crew Dragon (SpaceX), Soyuz (Rússia) e Shenzhou (China) devem continuar suas viagens à órbita, e as empresas Blue Origin e Virgin Galactic seguirão lançando passageiros em voos suborbitais.

As novidades podem vir por conta das cápsulas CST-100 Starliner (Boeing) e Gaganyaan (Índia). Ambas ainda precisam concluir lançamentos não tripulados antes de levar gente a bordo.

E ainda tem o cargueiro Dream Chaser, um miniônibus espacial da empresa Sierra Nevada —que deve fazer seu primeiro voo à Estação Espacial Internacional neste ano e no futuro poderá levar astronautas. Vamos ver o que sai.

Muitas viagens interplanetárias não tripuladas também começarão em 2022.

Para a superfície da Lua, devemos ter até três missões público-privadas, com empresas contratadas pela Nasa para fazer "carreto" de experimentos.

Também há a promessa russa da Luna-25, retomando um programa parado desde 1976. A conferir.

Além disso, devem partir, respectivamente em maio e julho, as missões Juice, da ESA (Agência Espacial Europeia), com destino a Júpiter (onde só deve chegar em 2029), e Psyche, da Nasa, destinada a um dos membros do cinturão de asteroides.

Para Marte, a ESA e a Roscosmos (agência russa) devem lançar, em setembro, o rover Rosalind Franklin, parte da missão ExoMars. Ele vai se juntar ao Perseverance na busca por evidências de vida no passado de Marte.

E, no fim de setembro, a sonda americana Dart, lançada em 2021, vai colidir com um pedregulho espacial de 170 metros num experimento para ver se somos capazes de desviar a órbita de um asteroide, caso venha a ser necessário no futuro.

É a primeira vez que a Terra tem a capacidade de lidar com uma ameaça do tipo. Histórico.

Por fim, não vamos nos esquecer do nosso novo queridinho, o Telescópio Espacial James Webb. Se tudo der certo com ele, a partir do segundo semestre ele começa a revolucionar a astronomia.

Faixa colocada na cidade de São Paulo para protestar contra a presença de crianças nas ruas Sebastião Nicomedes/Divulgação

Pobreza na infância tem ligação com transtornos mentais na fase adulta

Trabalho acompanhou, por sete anos, 1.590 alunos de escolas públicas de Porto Alegre e de São Paulo

SAÚDE

Luciana Constantino

AGÊNCIA FAPESP Pesquisa publicada em dezembro na revista científica European Child & Adolescent Psychiatry mostra uma associação entre pobreza infantil e maior propensão para desenvolver transtornos externalizantes, como déficit de atenção e hiperatividade, na juventude, especialmente entre mulheres.

Os pesquisadores concluíram que a pobreza multidimensional e a exposição a situações estressantes, entre elas mortes e conflitos familiares, são fatores de risco evitáveis que precisam ser enfrentados na infância para reduzir o impacto de transtornos mentais na fase adulta. Foram levados em consideração o nível educacional dos pais, as condições de moradia e infraestrutura das famílias, acesso a serviços básicos, entre outros.

O trabalho acompanhou, durante cerca de sete anos, 1.590 alunos de escolas públicas de Porto Alegre (RS) e de São Paulo, que participaram de três etapas de avaliação, sendo a última delas entre 2018 e 2019. Esses estudantes fazem parte de uma grande pesquisa de base comunitária, que, desde 2010, segue 2.511 famílias com crianças e jovens, à época com idades entre 6 e 10 anos, dentro do Estudo Brasileiro de Coorte de Alto Risco para Transtornos Psiquiátricos na Infância (BHRC).

Também conhecido como Projeto Conexão - Mentes do Futuro, o BHRC é considerado um dos principais acompanhamentos sobre riscos de transtornos mentais em crianças e adolescentes já desenvolvidos na psiquiatria brasileira. É realizado pelo Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento para a Infância e Adolescência (INPD), apoiado pela Fapesp e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O instituto tem como coordenador-geral o professor do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) Eurípedes Constantino Miguel Filho. Conta com mais de 80 professores e cientistas de 22 universidades brasileiras e internacionais.

"Parece senso comum dizer que a pobreza pode ter impacto futuro no desenvolvimento de problemas de saúde mental. Porém ainda não havia no Brasil uma pesquisa que permitisse analisar o desenvolvimento da criança até o começo da vida adulta baseado em avaliações psiquiátricas feitas em mais de um momento. Da forma como realizamos o trabalho, foi possível observar a tendência tanto na adolescência como no início da idade adulta", explica a pesquisadora Carolina Ziebold, do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e primeira autora do artigo.

Os diagnósticos psiquiátricos foram obtidos por meio da Avaliação de Desenvolvimento e Bem-estar (DAWBA, na sigla em inglês), aplicada na infância, depois na adolescência (quando os alunos tinham idade média de 13 anos e 5 meses) e na faixa etária dos 18 anos. O estudo levou em consideração distúrbios externalizantes e também os internalizantes, como depressão e ansiedade. No entanto, no caso desses últimos não houve registro significativo no resultado geral.

Para analisar as carências das famílias, os cientistas aplicaram questionários socioeconômicos. No total, 11,4% da amostra estava enquadrada em níveis de pobreza.

> "Crianças e jovens com problemas externalizantes podem ter mais chance de impacto negativo no aprendizado, no desenvolvimento social, no mercado de trabalho, aumentando assim a possibilidade de se manterem na pobreza quando adultos
>
> **Carolina Ziebold**
> pesquisadora

"Essa avaliação psiquiátrica em três momentos permitiu obter um resultado consistente. Isso porque houve variação ao longo do tempo. Crianças de famílias pobres chegaram a ter níveis de transtornos externalizantes menores do que as de não pobres no início do acompanhamento. Mas, depois de alguns anos, a curva se inverteu, com um crescimento constante dos distúrbios entre crianças de famílias pobres. A probabilidade de apresentar problemas entre elas foi de 63%, enquanto entre as de não pobres diminuiu no período", afirma a pesquisadora Ziebold.

Os autores do artigo destacaram que, nas análises estratificadas por gênero, a pobreza infantil teve consequências prejudiciais especialmente para as mulheres.

"Esse resultado chamou muito a atenção e deve ser um dos mais relevantes. Geralmente os transtornos externalizantes são mais comuns em homens. Nossa hipótese é que as meninas pobres têm menos chance de diagnóstico precoce de problemas, seja na família ou na escola. Além disso, elas assumem mais tarefas desde cedo em casa, como cuidar de irmãos mais novos e de pessoas doentes. Essa sobrecarga expõe a mais eventos estressantes, que aumentam as chances de apresentar problemas mentais quando adultas", diz a pesquisadora.

Os transtornos externalizantes também foram particularmente prejudiciais para as mulheres nos resultados educacionais, principalmente em relação ao atraso escolar, como mostrou um outro trabalho do grupo, recém-publicado na revista Epidemiology and Psychiatric Sciences.

Essa pesquisa, realizada com a mesma base do BHRC, concluiu que pelo menos dez a cada cem meninas que estavam fora da série escolar adequada para sua idade poderiam ter acompanhado a turma se transtornos mentais, principalmente os externalizantes, fossem prevenidos ou tratados. No caso da repetência, cinco em cada cem alunas não teriam reprovado.

"Crianças e jovens com problemas externalizantes podem ter mais chance de impacto negativo no aprendizado, no desenvolvimento social, no mercado de trabalho, aumentando assim a possibilidade de se manterem na pobreza quando adultos", completa Ziebold.

No Brasil, a chance de um filho repetir a baixa escolaridade dos pais é o dobro da probabilidade de que isso ocorra nos Estados Unidos, por exemplo, e bem acima da média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), grupo de 38 países ricos e emergentes.

Quase seis a cada dez brasileiros (58,3%) cujos pais não tinham o ensino médio completo também pararam de estudar antes de concluir essa etapa. Entre os americanos, o percentual cai para 29,2% e na OCDE fica em 33,4%, de acordo com estudo do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS), que analisou as transformações educacionais entre gerações.

Por outro lado, no mercado de trabalho, as chances de os filhos alcançarem o estrato de ocupações mais sofisticadas e com melhores rendimentos aumentam à medida que os pais são das crianças mais escolarizados.

Filhos cujos pais têm nível superior apresentam 3,3 vezes mais possibilidade de estar no estrato mais sofisticado do mercado se comparados à média da população e quase nove vezes mais chances do que os filhos de pais sem instrução.

Ziebold destaca que, como os transtornos externalizantes podem ter impactos de longo prazo na saúde e nos resultados sociais durante a vida adulta, as descobertas do estudo reforçam a importância das intervenções antipobreza logo no início da vida.

"Quando falamos que é preciso reduzir a pobreza para diminuir as chances de transtorno mental, estamos pensando na questão de uma forma multidimensional. Não é uma solução rápida. Ações imediatas, como conceder bolsa e auxílio para que as famílias tenham renda, são importantes, mas também é necessário pensar em medidas mais amplas, que envolvam a promoção de habilidades socioemocionais, a redução do estresse, o acesso a serviços de educação e saúde, incluindo a mental."

A pesquisadora lembra que a pandemia de Covid-19 acabou aumentando o percentual de pessoas vivendo na pobreza a níveis alarmantes. Relatório divulgado pelo Unicef, órgão das Organizações Unidas (ONU) para questões da infância, estimou que 100 milhões de crianças a mais estejam vivendo em pobreza multidimensional no mundo, um aumento de 10% desde 2019.

Segundo o documento, em outubro de 2020, 93% dos países chegaram a interromper ou suspender serviços essenciais de atendimento a transtornos mentais, problemas que afetam mais de 13% das meninas e meninos de 10 a 19 anos em todo o mundo. O relatório projetou que, mesmo com os melhores cenários, serão necessários de sete a oito anos para recuperar e retornar aos níveis da pobreza infantil de antes da pandemia.

O artigo Childhood poverty and mental health disorders in early adulthood: evidence from a Brazilian cohort study, dos pesquisadores Carolina Ziebold, Sara Evans-Lacko, Mário César Rezende Andrade, Maurício Hoffmann, Laís Fonseca, Matheus Barbosa, Pedro Mario Pan, Euripedes Constantino Miguel Filho, Rodrigo Bressan, Luis Augusto Rohde, Giovanni Salum, Julia Schafer, Jair de Jesus Mari e Ary Gadelha, pode ser lido em https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs00787-021-01923-2.

Protesto em San Salvador contra o uso de Bitcoin como moeda legal e as reformas para estender o mandato do presidente de El Salvador, Nayib Bukele José Cabezas - 15 set.21/Reuters

El Salvador sufocou investigação sobre pacto com gangues

Denúncia de ex-procurador aponta que gestão de Bukele teria beneficiado criminosos em troca de apoio político

MUNDO

Sarah Kinosian

SAN SALVADOR | REUTERS Um ex-procurador anticorrupção de El Salvador disse que, no intuito de ampliar seu poder, a gestão do presidente Nayib Bukele encerrou a investigação conduzida por sua unidade sobre as alegadas negociações do governo com violentas gangues de rua. Isso teria ocorrido no momento em que os Estados Unidos intensificam a pressão sobre o país em torno dessas negociações.

German Arriaza, que encabeçou uma unidade anticorrupção no Ministério Público salvadorenho, disse que sua equipe compilou evidências documentais e fotográficas de que o governo de Bukele selou, em 2019, um pacto com as gangues Mara Salvatrucha (MS-13) e Barrio 18 para reduzir os índices de homicídio e ajudar o partido governista Novas Ideias a vencer as eleições legislativas de fevereiro.

É a primeira vez que um ex-funcionário salvadorenho acusa publicamente o governo Bukele de fechar um acordo com as gangues, que há pelo menos duas décadas assolam o país com extorsões e assassinatos frequentemente brutais. O encerramento da investigação de Arriaza e sua fuga para o exterior não haviam sido noticiados até agora.

No último dia 8 de dezembro, o Departamento do Tesouro dos EUA também afirmou que as negociações entre o governo salvadorenho e as gangues ocorreram e impôs sanções a dois funcionários do governo que as teriam chefiado. A iniciativa fez parte de uma série de ações adotadas para marcar a Cúpula da Democracia chefiada pelo presidente Joe Biden.

O presidente de El Salvador, Nayib Bukele, fala durante uma cerimônia José Cabezas - 15.dez.21/Reuters

Os EUA estão intensificando a pressão sobre a administração Bukele, mirando o que Washington chama de práticas antidemocráticas, como o enfraquecimento do Judiciário. Duas fontes disseram à agência de notícias Reuters que uma força-tarefa do Departamento de Justiça americano que combate os crimes da MS-13 nos EUA prepara acusações criminais contra dois funcionários salvadorenhos por sua alegada participação nas negociações.

O governo afastou Arriaza de seu cargo em maio de 2021, segundo seu aviso de transferência, ao qual a Reuters teve acesso, após um expurgo lançado por aliados legislativos de Bukele que afastou cinco juízes da Suprema Corte e o procurador-geral salvadorenho, substituídos por figuras leais ao governo.

Em seguida —segundo Arriaza, uma fonte do Ministério Público salvadorenho e dois funcionários do Departamento de Justiça dos EUA—, a investigação foi encerrada. Arriaza disse que, temendo retaliações do governo por ter aberto a investigação, ele imediatamente partiu para o exílio, e os membros de sua equipe, conhecida como Grupo Especial Antimáfia (GEA), ou se exilaram ou foram transferidos.

"Foram nossas investigações que levaram o governo a dissolver a unidade anticorrupção", disse, falando de um local fora de El Salvador que ele pediu que não fosse identificado.

A assessoria de imprensa de Bukele e o Ministério Público salvadorenho não responderam aos pedidos de declarações sobre o trabalho de Arriaza e o destino de seu inquérito. O presidente tem frequentemente negado relatos da mídia e alegações de oposicionistas de que o governo teria negociado uma trégua com as gangues.

A unidade de Arriaza produziu um relatório de uma investigação que começou em 2020 e foi baseada em grampos telefônicos, imagens obtidas por câmeras de segurança, fotos e documentos apreendidos. Segundo o ex-procurador, esse material mostrou que o vice-ministro da Justiça, Osiris Luna, e outro funcionário do governo, Carlos Marroquin, foram a presídios para negociar um pacto sigiloso com as gangues. O Departamento do Tesouro americano fez alegações semelhantes.

Arriaza diz que sua unidade descobriu que Luna e Marroquin, chefe de uma agência previdenciária, ofereceram às gangues condições melhores nos presídios, dinheiro e outros benefícios. Em troca, os criminosos reduziriam os índices de homicídio e dariam apoio eleitoral ao partido de Bukele nas eleições.

A Reuters teve acesso a 129 páginas do relatório. Autoridades dos EUA confirmaram a autenticidade do documento, cuja existência foi noticiada pela primeira vez em agosto pelo jornal digital salvadorenho El Faro. Luna e Marroquin não responderam a reiterados pedidos de declarações, e a Reuters não conseguiu encontrar qualquer representante legal deles.

As sanções dos EUA contra os dois intensificaram as tensões já existentes entre El Salvador e Washington, que vê Bukele cada vez mais autoritário.

Muitos integrantes da MS-13 foram condenados por homicídio e tráfico de drogas em cidades dos EUA, e vários dos líderes da gangue foram indiciados por terrorismo no distrito leste de Nova York. Autoridades americanas dizem que as gangues encomendaram assassinatos no país de dentro de prisões salvadorenhas.

Arriaza disse que passou a sofrer pressão em maio, quando o partido de Bukele ganhou a eleição, substituiu o procurador-geral e afastou juízes que ocupavam cargos elevados.

Ele contou que foi chamado para uma reunião em 5 de maio com o novo procurador-geral, Rodolfo Delgado, que lhe perguntou quais ações sua unidade estava levando adiante contra o governo.

Horas depois de dar a Delgado informações detalhadas sobre suas investigações, incluindo o inquérito sobre as negociações com as gangues, Arriaza recebeu um aviso escrito, ao qual a Reuters teve acesso, de que seria transferido à escola de promotores públicos de El Salvador para cumprir funções de assessor. Não foi possível obter declarações de Delgado sobre o caso.

Arriaza disse que, imediatamente após a reunião de 5 de maio, foi impedido de acessar seu escritório, computador e arquivos e que no mesmo dia abandonou o país para viver no exterior. Disse que teve medo de sofrer represálias do governo salvadorenho devido às investigações realizadas por sua equipe.

"Fui procurador público por mais de 18 anos, já processei casos de corrupção em todo o espectro político —políticos, juízes, policiais, membros de gangues, chefes do narcotráfico—, mas esta foi a primeira vez que senti que não tinha opção senão deixar o país."

Bukele, um dos líderes mais populares da América Latina, processou membros de governos anteriores por negociar com gangues em troca de apoio político.

Os rumores sobre uma trégua entre o governo de Bukele e as gangues começaram a circular quando o índice de homicídios no país caiu cerca de 50% no ano após sua chegada ao poder, em junho de 2019. Bukele atribuiu a queda nos homicídios às suas políticas públicas.

O relatório ao qual a Reuters teve acesso apresenta transcrições feitas por procuradores de supostas mensagens de áudio de telefones de integrantes das gangues, exigências escritas à mão supostamente pelas gangues e anotações em livros de registros detalhando com quais detentos os funcionários do governo teriam se reunido. O relatório também descreve alegadas tentativas de Luna de destruir provas das reuniões em presídios.

O material inclui imagens obtidas por câmeras de segurança que aparentemente mostram Luna em várias ocasiões entrando em dois presídios, acompanhado por pessoas cujos rostos estavam escondidos sob máscaras de esqui. Investigadores teriam identificado um dos mascarados como Marroquin.

O relatório da equipe também detalha investigações sobre a apropriação indevida de fundos prisionais e gastos ilícitos ligados à pandemia feitos por vários ministérios governamentais.

Tradução de Clara Allain

> **Fui procurador público por mais de 18 anos, já processei casos de corrupção em todo o espectro político —políticos, juízes, policiais, membros de gangues, chefes do narcotráfico—, mas esta foi a primeira vez que senti que não tinha opção senão deixar o país**
>
> **German Arriaza**
> ex-procurador de El Salvador

Veja dicas para cumprir as metas em 2022

Virada do ano é propícia para traçar novos objetivos; psicóloga recomenda escrever o objetivo que pretende realizar

F5

Mariana Arrudas

SÃO PAULO Com a chegada do ano novo, muitas pessoas aproveitam para traçar novos objetivos. Sendo fiel à lista de metas ou não, esse hábito se tornou comum e até mesmo motivador, ainda mais após meses de muitas incertezas.

A psicóloga Danielle Pinheiro afirma que criar metas no início do ano é extremamente importante para conseguir sentir os novos ares que estão por vir, como uma espécie de rito de passagem. "Quando não fazemos isso, é como se ficássemos mais cansados e nos perdêssemos no tempo", diz.

A bancária Nathali Ignez, 28, conta que criar metas é um hábito que cresceu com ela desde sempre. "Começou com a minha mãe me passando algumas tarefas como objetivo, e eu precisava realizá-las. E, ao fim do dia, ela comentava comigo se eu tinha feito tudo certinho", relembra.

Ela acrescenta que é importante ter alguns objetivos específicos porque eles funcionam como um incentivo. Nathali ainda explica que suas metas são mais para curto prazo e costumam ser menores. "Não faço metas mirabolantes porque fica muito difícil de atingir", diz. "As grandes coisas eu costumo colocar separado."

> "Minhas metas sempre foram gerais e de longo prazo, então fica difícil de cumprir em um ano. Continuo achando importante estabelecer metas para se ter um norte do que fazer no ano
>
> **Giovanna Melhor**
> estudante

A estudante de economia Giovanna Melhor, 19, também sempre costuma criar metas, influenciada por outras pessoas falando sobre a prática nas redes sociais. Porém, ao contrário da bancária, ela diz que, com o passar do ano, as metas passam a não fazer tanto sentido. "Elas acabam sumindo ou mudando, porque minha vida tem muitos altos e baixos", explica.

"Minhas metas sempre foram gerais e de longo prazo, então fica difícil de cumprir em um ano", completa Giovanna. Porém, ela afirma que deixar os objetivos de lado não a impede de evoluir durante o ano ou criar outras metas, menos gerais. "Continuo achando importante estabelecer metas para se ter um norte do que fazer no ano", completa a estudante.

Já o estagiário Henrique Magyar Costa, 23, diz que fez apenas uma meta até agora. Ele conta que quando tinha cerca de 12 anos queria emagrecer, por isso estabeleceu como objetivo cortar refrigerantes totalmente de sua dieta por um mês. "Tinha dias que eu tomava um litro de refrigerante sozinho", diz. "Eu nem acredito que eu consegui fazer a meta, e até hoje não bebo e não sinto falta."

Ele diz que as resoluções e promessas de ano novo são importantes para ter um direcionamento do ano, além de ser uma força para "poder se cobrar de algo que queira muito fazer, no meu caso, eu queria muito perder peso", completa o estagiário. "Sempre que desejamos algo é bom ter uma meta, mas precisa ser acessível."

Liara Sedor, psicóloga focada em psicoterapia para escolhas mais assertivas, completa ao dizer que traçar objetivos, em específico no início do ano, ajuda a nortear os próximos 12 meses e também a ter "um direcionamento condizente com os seus objetivos", assim como o estagiário Henrique diz fazer.

A psicóloga Danielle ressalta que ao criar objetivos, é importante considerar que imprevistos sempre acontecem. Nos últimos dois anos, com a pandemia de Covid-19, todos foram afetados e perceberam que não é possível controlar tudo que está em volta. "A pandemia sem dúvida nenhuma foi um espelho para mostrar 'sua vida está assim'."

Ela acrescenta que ter metas de curto prazo ajudam a mensurar a evolução pessoal ao longo do ano. A bancária Nathali completa dizendo que "ajuda estar separando elas em nichos: curto, médio e longo prazo". Ela ainda diz que costuma usar essa técnica especialmente no trabalho.

No entanto, a também psicóloga Liara ressalta que apesar de ser importante criar metas, é necessário ter "um planejamento sem 'neuras', com adaptações". Ela deixa uma dica que para em 2022 sejam priorizados "momentos de lazer, descanso e convivência com amigos e familiares. Eles fazem parte principalmente da manutenção da saúde mental e a pandemia nos provou que ela importa sim, e muito".

Para o futuro, a estudante Giovanna diz que já tem metas para o ano de 2022, e deseja ter um apartamento, evoluir no emprego e cuidar melhor de sua saúde mental. Já a bancária Nathali conta que possui metas profissionais e pessoais para o próximo ano, todas já separadas pelos nichos de prazos.

O estagiário Henrique diz que apesar de não costumar fazer metas anualmente, também já tem algumas traçadas para o próximo ano, em especial focadas em seu trabalho e faculdade. "Gostaria de criar uma rotina de estudos e me aprofundar em programação. Também quero me dedicar mais para estudar inglês", conta.

Danielle e Liara ainda separaram algumas dicas para quem costuma traçar metas de ano novo e tem dificuldade em cumpri-las ou, até mesmo, em definir os objetivos mais claramente, e para quem quer começar este hábito também. Confira ao lado a lista com as principais sugestões.

Dicas para cumprir metas de Ano Novo

- Escrever as metas, assim fica mais fácil de visualizar
- Torná-las menores e possíveis, de forma que possam ser realizadas e adicionadas à rotina
- Escalonar as metas para que elas se realizem ao longo do ano, e dividi-las entre diárias, semanais ou até mensais
- Dividir as metas para as áreas específicas de sua vida, como no âmbito profissional ou pessoal
- Associar metas à atividades que tragam prazer, para torná-las algo natural. Isso vale especialmente para metas que exigem mudanças de hábito
- Considerar variáveis controláveis e incontroláveis. Para isso, é bom juntar uma quantia em dinheiro que funcione como uma reserva para imprevistos
- Acompanhar mensal ou bimestralmente a execução dos objetivos

Garoto se diverte na praia de Copacabana, no Rio, durante a queima de fogos para celebrar a chegada de 2022 Tércio Teixeira - 1º.jan.22/Folhapress

Pilotos e comissários dos EUA temem pandemia e recusam bônus

MERCADO

CURITIBA Pilotos, comissários e a equipe de apoio das companhias aéreas nos Estados Unidos estão resistindo a fazer hora extra durante a temporada de férias, mesmo com incentivos financeiros maiores.

Segundo os sindicatos do setor, os funcionários temem lidar com passageiros que não cumpram as medidas sanitárias por conta da pandemia, além de um medo crescente de se infectar com Covid-19.

Com a nova variante ômicron, as infecções em todo o mundo atingiram um recorde nos últimos sete dias, com média de mais de 1 milhão de casos detectados por dia.

Na última quinta-feira (30), mais de 1.200 voos domésticos e internacionais foram cancelados, segundo o site de acompanhamento de viagens aéreas Flight Aware.

O Natal é normalmente um período de pico para viagens aéreas, mas a rápida disseminação da nova variante, altamente transmissível, forçou as companhias aéreas a cancelar voos já que parte dos pilotos e membros da tripulação precisou ser colocada em quarentena. A United Airlines disse que o pico atual de casos de Covid-19 teve impacto direto em suas operações. A JetBlue reduziu voos em mais de 1.200 até janeiro.

A FAA (agência federal de aviação dos EUA) confirmou que há um número crescente de funcionários do setor que testou positivo para Covid-19.

No setor aéreo, o saldo de cancelamentos de voos se uniu a uma maior dificuldade para convencer as equipes a ficarem mais tempo no ar.

Segundo os sindicatos, os trabalhadores têm conseguido negociar incentivos de férias para reduzir os problemas operacionais.

> **1.200**
> voos domésticos e internacionais foram cancelados nos Estados Unidos na quinta-feira (30)

As companhias também aproveitaram os meses que antecederam as festas de fim de ano para recontratar funcionários demitidos durante a pandemia e tinham a expectativa de que as equipes aceitassem fazer hora extra.

As companhias aéreas ofereceram bônus e até o triplo do pagamento para os funcionários que trabalham durante as férias, mas poucos aceitam.

Os tripulantes também reclamam que a relação com os passageiros tem ficado mais difícil. A FAA relatou que é crescente o número de passageiros indisciplinados encaminhados às autoridades, para a possível abertura de investigação criminal.

Em outubro, um homem de 20 anos foi acusado de agredir uma comissária de bordo de um voo da American Airlines, que ia do Colorado para a Califórnia, obrigando os pilotos a desviarem o voo.

Passageiros caminham pelo aeroporto internacional de Miami, nos Estados Unidos Joe Raedle - 28.dez.21/Getty Images/AFP

Nesse clima tenso, muitos tripulantes passam a acreditar que não compensa trabalhar por mais horas, dizem os representantes dos sindicatos.

Além da preocupação com a Covid-19, os Estados Unidos passam por uma onda de pedidos de demissão, que ficou conhecida como "Great Resignation" (grande renúncia).

A onda de pedidos de demissão teve início no fim de 2020, quando o país começou a reabrir após os lockdowns nos meses iniciais da pandemia.

Em abril, o número de pessoas que deixaram o emprego em um único mês no país chegou a 3,8 milhões, um recorde, de acordo com o Bureau of Labor Statistics. Em agosto, atingiu 4,2 milhões, e foi de 4,3 milhões em setembro.

A saída de milhões de norte-americanos da força de trabalho tem ocorrido em diferentes setores da economia —vão desde transporte e indústria até finanças e entretenimento.

Com Reuters

Técnico prepara um pano de fundo para o tapete vermelho na Union Station, um dos locais do 93º Oscar Chris Pizzello - 24 abr 21/AFP

Oscar 2021 foi um fiasco e provou que modelo é falho

Queda na audiência da última cerimônia ofereceu lições sobre o que não fazer

ILUSTRADA
OPINIÃO

Kyle Buchanan

THE NEW YORK TIMES O cliente dele estava tendo uma noite excelente. Ele, um dos mais importantes agentes de imprensa de Hollywood, deveria estar empolgado. Mas naquela noite de abril de 2021, enquanto o soturno programa do Oscar continuava a perder audiência, ele me mandou uma mensagem de texto sobre a cerimônia "mais que terrível", e comentou que "todo o país parece ter desligado a TV".

Mais tarde, quando a cerimônia entrou em seu último bloco, que incluía uma esquete cômica flopada e uma mancada na revelação do melhor ator, recebi mais uma mensagem dele: "Isso pode matar o Oscar. Foi ruim a esse ponto".

As críticas ao programa foram quase tão negativas, e os índices de audiência revelados no dia seguinte foram horrendos —a audiência caiu em mais de 50% ante o ano anterior, com apenas 10 milhões de espectadores nos Estados Unidos, o total mais baixo desde que a audiência do Oscar começou a ser registrada.

Pensei bastante na queda de audiência, e naquelas mensagens pessimistas, nos meses transcorridos desde o Oscar, e com a chegada de uma nova temporada de premiações.

Existe muita empolgação em Hollywood no momento, porque as estreias e as cerimônias podem ser realizadas com público de novo, e os filmes que disputam prêmios parecem muito maiores.

Mas por trás dos sorrisos que as pessoas ostentam, detecto alguma ansiedade, como se existisse uma pergunta que todos hesitam em fazer. E se tudo isso levar a um programa do Oscar que ninguém vai assistir?

Acho que ajuda que o formato tenha voltado ao de dez filmes indicados para melhor filme, o que garante que uma amostragem mais ampla de títulos seja indicada, e os elogiáveis esforços da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas para diversificar seu quadro de membros devem resultar em uma lista de indicados menos sem noção.

Mas todos esses esforços podem se provar infrutíferos se a audiência do programa voltar a encolher de maneira tão severa.

Depois que a mais recente cerimônia abalou a reputação e os índices de audiência do Oscar, eis quatro coisas que a academia deveria fazer para resolver o problema.

Contratar um apresentador

As três últimas cerimônias de Oscar transcorreram sem um mestre de cerimônias, o que continua a parecer uma oportunidade desperdiçada.

O apresentador certo pode atrair espectadores para o programa e criaria momentos memoráveis e virais. Parte do motivo pelo qual o Globo de Ouro estava reduzindo sua desvantagem em relação ao Oscar era sua aposta em apresentadores brilhantes como Ricky Gervais e a dupla incomparável de Tina Fey e Amy Poehler.

Apresentar o Oscar costumava ser um dos trabalhos mais prestigiosos de Hollywood, mas nos últimos dez anos o programa parece determinado a desperdiçar esse privilégio.

Houve o fiasco de James Franco e Anne Hathaway (uma ideia que poderia ter funcionado com um texto melhor e um parceiro mais engajado para Hathaway), muita bajulação quando Neil Patrick Harris e Seth McFarlane foram os apresentadores, e dois programas consecutivos apresentados por Jimmy Kimmel, que parecia claramente desinteressado.

Desde 2018, quando Kevin Hart cancelou sua participação como apresentador por se recusar a pedir desculpas por piadas ofensivas aos gays, a cerimônia decidiu abrir mão de um apresentador.

Mas se o Oscar está tão ansioso para encher de conteúdo blockbuster uma premiação que muitas vezes celebra pequenos filmes independentes, por que não convidar apresentadores do mundo dos filmes de alto orçamento?

Eu preferiria ver Dwayne Johnson e Emily Blunt apresentando o Oscar do que em um filme como "Jungle Cruise", e é divertido imaginar o que uma dupla Marvel conhecida pelo senso de humor aguçado, como Paul Rudd e Simu Liu, poderia fazer.

Mas temo que o Oscar jamais vá restaurar a posição de apresentador, agora, porque o programa é mais curto sem ele. Quanto a isso...

Mais curto não quer dizer melhor

Em sua busca incessante por encurtar o programa do Oscar, a rede ABC e a Academia fariam bem em lembrar de algo: o que importa não é a duração do programa, mas sim a maneira como o programa usa o tempo.

Por que não aproveitar a gigantesca reputação do Oscar e encher cada canto do programa de atrações empolgantes? Continuo a achar absurdo que os comerciais não tragam trailers de filmes, tratados como os comerciais do Super Bowl. Imagine quanta gente assistiria se os comerciais prometessem um primeiro vislumbre da continuação de "Pantera Negra", para começo de conversa.

Quando o programa é cortado muito ferozmente, resta menos tempo para os momentos humanos verdadeiros que todos queremos ver. E esses momentos não vêm apenas dos discursos de agradecimento, aliás.

Eu frequentemente me lembro com carinho do Oscar de 2009, apresentado por Hugh Jackman, no qual cinco antigos ganhadores do Oscar apresentaram os prêmios das categorias de atuação.

Foi uma maneira adorável de prestar homenagem à história do Oscar, e os indicados ficaram todos claramente comovidos com o tributo.

Aquele programa foi 11 minutos mais longo do que o de abril deste ano, mas eu prefiro aqueles 11 minutos a quase tudo que vi no Oscar mais recente.

Restaurar os trechos de filmes e as apresentações musicais

Um dos motivos para o Oscar deste ano parecer tão terrivelmente entediante foi que quase todos os trechos de filmes foram cortados do programa. Para espectadores casuais que assistem ao programa sem ter visto a maioria dos indicados, assistir a um trecho do filme cria torcida.

Com base nos vislumbres de interpretação e de arte, a pessoa pode fazer uma aposta sobre quem vencerá. E quando eu assistia ao Oscar na infância, os trechos de filmes ofereciam uma amostra de mundos, vidas e pessoas que eu não conhecia até ali. Eles são essenciais.

O programa de 2021 também transferiu as apresentações dos indicados ao prêmio de melhor canção para o pré-show, o que extrai diversos dos momentos de maior energia do programa principal. (Você consegue imaginar aquele desempenho incandescente de Lady Gaga e Bradley Cooper em "Shallow" transferido para o pré-show, dois anos atrás?)

Já que havia canções originais de Beyoncé e Billie Eilish na disputa este ano, o Oscar seria tolo em não aproveitar as apresentações delas ao máximo. E se os trechos de filmes e apresentações musicais tornarem o programa longo demais, já está mais do que na hora de tirar os curta-metragens da transmissão.

Fazer as pazes com a nova realidade do Oscar

Depois de dizer tudo isso, há um limite para o que Oscar pode fazer para deter o declínio de sua audiência. As pessoas simplesmente consomem mídia de outro jeito hoje em dia, e muitas residências e espectadores mais jovens deixaram de lado a TV a cabo, e consomem todos os seus programas de TV via serviços de streaming.

Mas a atração essencial do Oscar persiste. É o único programa de premiação que gera tantos comentários, e as narrativas que surgem do programa —de vitórias completamente sem precedentes como a conquista do Oscar de melhor filme por "Parasita" a um momento cultural como o movimento #OscarsSoWhite— continuam a influenciar nossa cultura.

Foi algo que vi no ano passado, quando Steven Yeun, astro de "Minari - Em Busca da Felicidade", se tornou o primeiro americano de origem asiática indicado ao prêmio de melhor ator, e quando Chloé Zhao, diretora de "Nomadland", se tornou a primeira mulher não branca a conquistar o Oscar como melhor diretora.

Embora esses filmes não tenham sido grandes sucessos de bilheteria, suas conquistas circularam de forma viral nas redes sociais.

Esse tipo de engajamento prova que continua a existir uma audiência imensa, mas que cada mais frequentemente acompanha a premiação via Twitter, YouTube e TikTok. Se a academia quer atrair todos esses espectadores para o seu programa, terá de se esforçar mais para conquistar sua atenção.

A despeito dos muitos tropeços recentes, as pessoas não perderam o interesse pela ideia do Oscar. É o programa do Oscar que precisa ser reformado.

Tradução de Paulo Migliacci

[...]

Apresentar o Oscar costumava ser um dos trabalhos mais prestigiosos de Hollywood, mas nos últimos dez anos o programa parece determinado a desperdiçar esse privilégio

Kyle Buchanan